Amir El Hakim de Paula

Geografia e anarquismo

A importância do pensamento de Piotr Kropotkin para a ciência

Geografia e anarquismo

AMIR EL HAKIM DE PAULA

Geografia e anarquismo

A importância do pensamento de Piotr Kropotkin para a ciência

Direitos de publicação reservados à:
Fundação Editora da UNESP (FEU)
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.editoraunesp.com.br
www.livrariaunesp.com.br
feu@editora.unesp.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949

P324g

Paula, Amir El Hakim de
Geografia e anarquismo: a importância do pensamento de Piotr Kropotkin para a ciência / Amir El Hakim de Paula. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-9546-335-6 (eBook)

1. Geografia. 2. Anarquismo. 3. Kropotkin, Piotr. I. Título.

2019-492 CDD 320.57
CDU 329.285

Índice para catálogo sistemático:
1. Ciência política: Anarquismo 320.57
2. Economia: Perspectiva anarquista 329.285

Este livro é publicado pelo projeto *Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da Unesp* – Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unesp (PROPG) / Fundação Editora da Unesp (FEU)

Editora afiliada:

Sumário

Introdução

Alguns geógrafos, embora com uma carreira brilhante e de grande reconhecimento, ao morrerem tiveram certo silêncio sobre a sua representatividade perante a academia científica. Isso se aplica, pelo menos, aos geógrafos anarquistas, se podemos assim chamar dois eminentes cientistas que conquistaram enorme sucesso enquanto vivos, mas que hoje têm pouquíssimo reconhecimento, sendo, às vezes, citados esparsamente nos cursos de história do pensamento geográfico.

Um deles, Élisée Reclus, um dos principais expoentes daquilo que se chamou de Geografia Social, embora acessasse o cargo de professor apenas no final de sua vida, aparece em alguns periódicos de Geografia contemporânea quase sempre atrelado ao seu envolvimento com as ideias ácratas.[1]

Com importância tão grande para as ciências humanas e naturais quanto para seu companheiro de ideias, é estranha a tênue receptividade de Piotr Kropotkin no Brasil, tendo seus escritos pouca

---

1 Veja-se, por exemplo, o caso da revista *Herodote*, que consagrou uma edição especial ao geógrafo francês com o título de Élisée Reclus, geógrafo libertário. No Brasil, temos a quinquagésima edição do *Boletim Paulista de Geografia,* na qual Aroldo de Azevedo, mesmo tecendo vários elogios ao trabalho do geógrafo francês, acentuou em diversos momentos a opção revolucionária e anarquista dele.

ressonância nos cursos de graduação em Geografia. Nesse sentido, faz se necessário apresentar uma curta biografia desse importante pensador russo.

Piotr Kropotkin nasceu em Moscou no ano de 1842, no seio de uma família nobre (Rurik) que por mais de oitocentos anos governou as terras russas e ucranianas.

De origem abastada, desde tenra idade, recebeu uma extensa formação educacional fortemente influenciada pela cultura francesa. Aos 12 anos entrou no respeitado Corpo de Pajens, escola militar de enorme prestígio entre a nobreza russa.

Depois de formado, Kropotkin seguiu a carreira militar sendo enviado à região do rio Amur, na Sibéria, com a tarefa de liderar um grupo de pesquisadores que teriam a incumbência de cartografar essa região, ainda pouco conhecida do governo russo. Essas pesquisas deram a ele grande reconhecimento da Sociedade Geográfica Russa e lhe renderam uma medalha de ouro pelas descobertas científicas, bem como fizeram com que se tornasse coordenador da área de Geografia Física dessa prestigiada entidade.

Nesse percurso, Kropotkin toma contato com a vida selvagem das áreas mais inóspitas da Sibéria, observando que muito do que aparecia na obra de Charles Darwin[2] não tinha qualquer relação com que encontrava nas taigas dessa região. Uma das questões frequente na obra do naturalista inglês era a chamada "sobrevivência do mais capaz", transformada em uma lei por aqueles que defendiam abertamente as teorias evolucionárias de viés darwinista. Relacionando suas pesquisas empíricas com aquelas existentes na obra magna

---

2 Como demonstram Woodcock e Avakumovic (1978, p.79, tradução nossa) "suas observações sobre a vida animal despertarão consideráveis dúvidas em Kropotkin como em Poliakov a respeito da insistência de Darwin na luta pela vida como um fator de evolução, proporcionando assim os primeiros dados sobre o que Kropotkin elaboraria mais tarde como sua própria teoria da evolução baseada no apoio mútuo". ["*sus observaciones sobre la vida animal despertaron considerables dudas tanto en Kropotkin como en Poliakov respecto a la insistencia de Darwin en la lucha por la vida como factor de evolución, proporcionando así los primeros datos sobre los que Kropotkin elaboraría más tarde como su propia teoría de la evolución basada en el apoyo mutuo*".]

darwinista, Kropotkin vai perceber que, ao contrário do que alguns evolucionistas afirmavam, uma "estranha" sociabilidade predominava nas regiões mais geladas do planeta, em vez de uma sobrevivência baseada na vitória do mais capaz. Para o geógrafo russo, o que mais se destacava era a solidariedade entre os animais, principalmente nos indivíduos de uma mesma espécie, que assim conseguiam levar vantagem sobre os seus "inimigos" naturais.

Assim, cabe nessa pesquisa compreendermos de que forma o pensamento de Kropotkin divergia do modelo científico predominante no século XIX, visto que ele defendia abertamente os princípios anarquistas. Além disso, discutiremos como essa metodologia de análise científica influenciou seus escritos geográficos e políticos.

Como forma de um esclarecimento do processo de construção dessas ideias científicas, optamos, no primeiro capítulo, por discutir dois autores que foram basilares para que tanto Kropotkin como Charles Darwin defendessem propostas divergentes nesse importante momento do século XIX: de um lado aquele que, com certeza, poderia ser considerado a maior influência nas ideias que levaram Darwin a chegar ao mote da "sobrevivência do mais capaz": Robert Malthus; e de outra parte, chegamos ao principal questionador dos postulados malthusianos e também reconhecido pelo próprio geógrafo russo como o pai do anarquismo moderno: William Godwin.

1
A influência de Robert Malthus e William Godwin nos pensamentos de Charles Darwin e Piotr Kropotkin respectivamente

No início do século XX, a doutrina anarquista já era bastante conhecida nos meios sindicais e na própria mídia chamada "burguesa", tendo grande presença teórica e prática na organização dos trabalhadores de vários países, inclusive no Brasil.

A presença de trabalhadores e intelectuais europeus que abertamente defendiam as ideias ácratas nos movimentos sociais desse período foi um dos fatores que levou a *Enciclopédia Britânica*[1] a inserir, em seu dicionário, um verbete que apresentasse as ideias anarquistas e seus principais pensadores. Para esse propósito, os editores convidaram o geógrafo e anarquista Piotr Kropotkin, visto que ele já era bastante conhecido nos meios acadêmicos, sendo participante contumaz dos debates da Real Sociedade Geográfica (Londres), mas também articulista de algumas das principais revistas desse período, como a *Nature* e o *The Nineteenth Century*.

Após algumas pesquisas e tendo a preocupação de desmitificar uma visão do senso comum no final do século XIX (e ainda muito presente nos dias atuais) do anarquista como um indivíduo violento, Kropotkin entregou aos editores da enciclopédia um longo texto que

1 A *Enciclopédia Britânica* surgiu em 1768 em Edimburgo e, desde 1901, é publicada por uma empresa norte-americana.

contemplasse tanto as origens das principais ideias, como também demonstrasse a historicidade dessa estratégia organizativa.

Publicado em 1910, o verbete anarquismo tem onze laudas e procura apresentar resumidamente as principais influências que levaram ao surgimento dessa forma de pensar e de agir. Obviamente não sabemos se essa seria a primeira visão histórica do anarquismo e do seu movimento, mas com certeza, pelo impacto que teve, pois aparecia em uma das principais enciclopédias do período, foi a que serviu de base para muitas outras histórias do anarquismo, realizadas ou não pelos seus militantes.

Ao apresentar os principais teóricos sociais que influenciariam o anarquismo, Kropotkin citou autores que nunca se declararam anarquistas, mas que pela postura e/ou por seus escritos poderiam ser "alçados" ao papel de precursores desta ideologia. Entre os muitos citados, na página cinco do verbete aparece William Godwin. Sobre Godwin, Kropotkin vai afirmar: "Foi Godwin, em seu *Enquiry Concerning Political Justice* (2 vols., 1793), que primeiro formulou as concepções políticas e econômicas do anarquismo, muito embora ele não tenha dado esse nome para as ideias desenvolvidas nesse notável trabalho" (*Encyclopedia Britannica*, s.d., s.p., tradução nossa).[2]

Embora Willian Godwin nunca tenha se declarado libertário nem mesmo participado ativamente de grupos que se declarassem ou que lutassem por esses ideais, graças às suas concepções políticas e econômicas, não haveria nenhum equívoco em chamá-lo de anarquista. Sobre uma parte de sua obra magna, *Enquiry Concerning Political Justice*, o geógrafo russo vai afirmar que: "com relação ao Estado, Godwin categoricamente exigiu a sua abolição. Uma sociedade, ele escreveu, pode existir perfeitamente sem qualquer governo" (ibidem, s.p., tradução nossa).[3]

---

2 *"It was Godwin, in his Enquiry Concerning Political Justice (2 vols., 1793), who was the first to formulate the political and economic conceptions of anarchism, even though he did not give that name to the ideas developed in his remarkable work."*

3 *"As to the state, Godwin frankly claimed its abolition. A society, he wrote, can perfectly well exist without any government."*

A partir das considerações de Kropotkin sobre Godwin, o teórico inglês foi sendo conhecido pelos historiadores da anarquia como um dos primeiros e principais pensadores libertários e que o anarquismo não seria a criação de algumas brilhantes cabeças, mas estaria se desenvolvendo desde o momento em que o homem não aceitou ser subordinado por quaisquer tipos de dominação.

Ao abordarmos essas premissas, percebemos claramente que William Godwin foi uma das principais influências no pensamento de Piotr Kropotkin, visto que, entre outras coisas, advogou a supressão do Estado e a substituição deste por comunidades descentralizadas e autônomas.

William Godwin[4] nasceu em 1756, filho de um sacerdote de orientação liberal, tendo recebido na sua primeira infância uma severa tradição calvinista, sendo que posteriormente tornou-se pastor presbiteriano, pregando durante cinco anos nas redondezas de Londres. Após uma estadia na capital do Império Britânico, Godwin inicia várias leituras, detendo-se, principalmente, nos filósofos franceses, que acabariam por determinar a sua desilusão com a religião bem como propiciando cada vez mais uma orientação republicana.

Em 1789, Godwin expressa empatia com o movimento que destrona a monarquia (Revolução Francesa), observando neste episódio uma prática social impactante, o que expressa em alguns de seus artigos na imprensa local.

No período de 1791-1793, Godwin escreve o que seria a sua obra magna (*Enquiry Concerning Political Justice),* postulando muitas de suas ideias acerca do papel do Estado, a relação deste com a sociedade, idealizando outra forma de organização social, na qual a autonomia individual se concretizasse com a formação de pequenas comunidades autogeridas. Nesse mesmo período, o escritor inglês aproxima-se de um importante grupo de intelectuais, como William Blake, Mary Wollstonecraft e Thomas Paine, e trava inúmeros debates acerca de fatos contemporâneos.

---

4 A biografia que fazemos de William Godwin baseia-se quase que totalmente na versão espanhola de seu livro *Enquiring Concerning Political Justice and Its Influence on General Virtue and Happiness,* publicado em Gijon no ano de 1985.

Em 1797, casa com Mary Wollstonecraft, autora da obra *Reivindicações dos direitos da mulher* (1792), com quem teve uma única filha, Mary, conhecida posteriormente pelo casamento com o poeta Percy Shelley e pela criação da obra de ficção científica *Frankenstein*. Com a morte de sua esposa, Godwin volta a ter outro enlace, agora com uma senhora viúva (1801), com quem fica até a sua morte em 1836.

Digno de se notar também é que esse final de vida foi bastante complicado, principalmente pelos escritos extremamente críticos, fazendo com que o pensador ficasse bastante isolado de seus principais amigos, sendo que não se tornou miserável graças à presença constante de seu genro, Percy Shelley, que o auxiliava nas horas mais difíceis.

Mesmo com uma vasta obra política e social, William Godwin é pouco conhecido até hoje nos bancos escolares brasileiros, sendo citado excepcionalmente em trabalhos científicos que tenham como temática o anarquismo.

No caso de Robert Malthus, graças à publicação da obra sobre a população e seu crescimento desordenado, sua presença é constante, incluída a influência que sua teoria teve em assuntos de grande repercussão internacional, como a seleção natural discutida por Charles Darwin.

E se Kropotkin foi largamente influenciado pelo pensador inglês do século XVIII, é fato também que Charles Darwin deve muito sua formação e a possibilidade de defesa da teoria da evolução a outro pensador inglês do século XVIII: Robert Malthus.

Homens contemporâneos e de mesma nacionalidade, Robert Malthus e William Godwin possuíam grandes diferenças, a começar na idade, visto que Godwin era quase dez anos mais velho daquele que seria posteriormente conhecido como um dos principais economistas do século XIX.

Thomas Robert Malthus[5] nasceu em 1766 em uma família próspera e conhecedora dos iluministas franceses e ingleses, sendo

---

5 A biografia que destacaremos aqui baseia-se largamente na edição da Nova Cultural dos economistas.

que seu pai era amigo pessoal de David Hume. Tendo recebido uma educação liberal, tornou-se aluno na Universidade de Cambridge, estudando concomitantemente matemática, latim, grego e teologia. Em 1797, tornou-se padre da Igreja da Inglaterra.

Foi professor universitário de História e Política Econômica e membro de diversas sociedades científicas nacionais ou estrangeiras, caso da Real Academia de Berlim. Depois de uma vida universitária e publicista de grande respeito, faleceu um pouco antes do Natal de 1834, com a idade de 68 anos completos.

Embora Malthus fosse um economista do século XIX, no início das transformações industriais que posteriormente desqualificariam parte de suas argumentações sobre a população, ele ainda é bastante lembrado nas escolas geográficas brasileiras. Isso ocorre, pois o economista inglês teve presença marcante nos debates desse período, quando procurava apontar o crescimento desordenado da população nas ilhas britânicas.

De certo forma, suas análises rebatem as principais proposições de William Godwin, preocupações que, em grande medida, vão estar nas contribuições científicas deixadas por Kropotkin no final do século XIX e início do século XX.

Para melhor entendermos essas divergências, iniciaremos uma problematização sobre as ideias do pároco inglês e de que forma Godwin procurou combatê-las. Para uma melhor adequação aos interesses deste trabalho, as análises que faremos sobre Malthus surgiram após leitura de sua obra principal *Ensaio sobre população*, bem como artigos disponíveis na rede mundial de computadores.

É fato que a teoria populacional de Malthus já é bastante conhecida do meio acadêmico, sendo largamente discutida, inclusive, por geógrafos que se preocuparam em estudar o fenômeno.[6] Nosso objetivo é compreender de que forma a teoria de Malthus teve grande influência nas análises que Charles Darwin realizou na segunda metade do século XIX.

---

6 Uma das principais obras de referência desse assunto é o livro de Amélia Damiani, *População e Geografia*, que se encontra na nona edição.

Não temos o escopo de refutá-la ou mesmo defendê-la, visto que nosso maior interesse é compreender como uma publicação foi recebida por seus contemporâneos. É assim que William Godwin aparece como um interlocutor contemporâneo de peso. Isso ocorre, pois esse autor foi um dos principais pensadores criticados por Robert Malthus, dedicando a ele mais de cinco capítulos em sua obra sobre o crescimento populacional no mundo. E, em contrapartida, Godwin também vai escrever um trabalho de mais de quinhentas páginas chamado *Of Population. An Enquiry concerning the Power of Increase in the Numbers of Mankind* no qual dedica três capítulos tentando apontar possíveis erros do clérigo inglês.

Logo, durante aproximadamente 25 anos, Malthus e Godwin travaram um grande debate sobre economia e política, chamando a atenção de vários pensadores contemporâneos. É o que aponta Frederick Rosen (1970) em vários momentos de seu artigo publicado no *Journal of the History of Ideas.* A título de exemplo inserimos uma pequena parte:

> John McCulloch escreveu em 25 de dezembro para Ricardo (David): Você está ciente da disputa entre Malthus e Godwin? A mim ela parece desprezível. [...] Malthus, em uma carta para Frances Place dia 19 de fevereiro diz: sr. Godwin em seu último trabalho começou uma discussão sobre o princípio da população com um grau exageradamente inconcebível de ignorância acerca do assunto. (ibidem, p.33, tradução nossa)[7]

Independente de ser uma questão científica entre um ilustre desconhecido dos dias de hoje e um clássico da economia política, percebemos que a polêmica Malthus *versus* Godwin foi extremamente importante no alvorecer do século XIX. Acreditamos que se a

7 *"John McCulloch wrote on December 25 to Ricardo: Have you seen Godwin against Malthus? To me it appears below contempt. [...] Malthus, in a letter to Francis Place on February 19 said: Mr. Godwin in his late work has proceeded to a discussion of the principle of population with a degree of ignorance of his subject, which is really quite inconceivable."*

tradução dos livros de Godwin já tivesse sido realizada, muitas destas questões levantadas e debatidas por ambos os autores já seriam conhecidas. É importante frisar que Godwin também teve grandes contendas com outro escritor contemporâneo, Edmund Burke, considerado por muitos como o "pai" do conservadorismo.

Qualquer análise séria sobre as discussões existentes na obra de Malthus leva-nos a sua já consagrada teoria da população, que em resumo seria: enquanto a população cresce em progressão geométrica (2, 4, 8,16, 32 etc.), os alimentos crescem em progressão aritmética (1, 2, 3, 4, 5, 6 etc.). Malthus acredita que a população dobraria em 25 anos não ocorrendo o mesmo com a produção de alimentos. A partir dessa premissa pensamos que Malthus estaria se negando a concordar com aqueles que imaginavam a formação de uma nova sociedade (caso de Godwin) na qual a escassez alimentar seria diminuída pela maior produtividade do solo.

Nessa constituição de seu pensamento, Malthus vai elaborando algumas regras como se fossem leis fixas da natureza, ou seja, não se trata de modernizar ou mesmo transformar radicalmente a organização da sociedade para que essa situação se modifique. Para ele, uma das formas de se mitigar essa situação seria o Estado realizar um controle de natalidade sobre as classes sociais com menores recursos econômicos. Malthus acha inútil acreditar que o aumento de renda das pessoas mais pobres promoveria um menor crescimento populacional, visto que ao terem melhores condições de vida a tendência era a multiplicação da prole. Tanto assim que condena qualquer reforma econômica que procure trazer algum alento ao sustento familiar das pessoas mais carentes, como a chamada Lei dos Pobres, existente desde o século XVI.

Malthus aponta que é o crescimento desordenado da população que leva a uma falta catastrófica de alimentos, fato inexoravelmente relacionado ao processo organizativo das camadas mais baixas da sociedade, naturalizando a situação social e a divisão por classes. É como se os pobres tivessem uma propensão quase que natural à procriação, e então esse crescimento desordenado geraria mais miséria e a entrega ao vício.

Duas frases merecem destaque por serem lapidares do pensamento desse economista:

> Um trabalhador que casa sem estar em condições de sustentar uma família pode, em alguns aspectos, ser considerado um inimigo de todos os seus companheiros trabalhadores.
>
> O trabalhador pobre, para usar uma expressão vulgar, vive ao deus-dará. Suas necessidades do momento ocupam toda sua atenção e eles raramente pensam no futuro. Mesmo quando têm uma oportunidade de poupança, raramente a fazem, mas tudo o que está além de suas necessidades de momento, genericamente falando, vai para a cervejaria. (Malthus, 1986, p.271)

As duas frases acima demonstram a tendência de Malthus a destacar a classe trabalhadora como a única culpada pela situação em que vive. Não se importando em se atentar aos fatos cotidianos por ela vividos, como a grande dificuldade em sobreviver com os parcos salários recebidos e a entrega ao vício como mais uma ação desesperadora, o economista exprime uma opinião que parece compreender as péssimas condições de vida como algo inerente a uma determinada classe social. É como se a classe mais pobre tivesse propensão à procriação, falta de perspectiva de futuro e contumaz entrega ao vício. Na melhor das hipóteses, o vício e a miséria seriam fatores limitadores da explosão demográfica, explosão essa que traria resultados inesperados para a sociedade como um todo.

Graças à miséria, à fome e tantas outras tragédias, o crescimento dessa população mais pobre se estagnaria, permitindo que a quantidade de alimentos estivesse equilibrada com o número de habitantes de uma dada porção do território. A classe mais pobre viveria em sua eterna falta de recursos, tomada pelo vício, principalmente do álcool, aliado a uma miséria contumaz, sendo que esses fatores possibilitariam uma ausência de cuidados básicos que produziriam epidemias constantes, levando sempre a um menor crescimento populacional.

A distribuição de renda para Malthus não seria uma solução viável; pior, levaria essa situação de desalento para o restante da

sociedade. Como ele próprio afirma: "De início pode parecer estranho, mas creio ser verdade que não posso, mediante recursos monetários, elevar o padrão de vida do pobre e possibilitar-lhe viver muito melhor do que anteriormente, sem abaixar proporcionalmente o padrão de vida dos outros membros da mesma classe" (Malthus, 1996, p.269). Ao analisarmos esses pressupostos malthusianos, vemos a clara intenção deste autor em atacar as classes mais pobres, ao afirmar que elas seriam incapazes de superarem a miséria e o vício, como se a pobreza fosse um dado natural nos estudos populacionais. Nesse sentido, estamos concordando com alguns autores que veem nessas afirmações o gérmen de alguns postulados levantados por Charles Darwin na teoria da evolução.

Ao procurar as origens do social darwinismo, Claeys (2000, p.224, tradução nossa) demonstra a íntima ligação entre o clérigo inglês e o seu compatriota naturalista.

> Este artigo examina algumas fontes do século XIX cruciais à ideia da "sobrevivência do mais apto" que serve de base para inúmeras doutrinas sociais e políticas posteriormente associadas com a teoria da seleção natural, e também o que era visto como alguns dos limites desta ideia. Na verdade, era mais do que uma mera coincidência o óbvio papel provocativo jogado pelo *Essay* de Malthus, seja para Darwin ou para Wallace.[8]

Essa tendência em Darwin foi explicitada por ele mesmo em um comentário realizado em 1876, demonstrando a forte influência do economista inglês sobre as suas análises científicas:

---

8 *"This article examines some crucial nineteenth-century sources of the idea of the 'survival of the fittest', which came to underpin many of the social and political doctrines later associated with the theory of natural selection, and also what were regarded as some of the limits of this idea. It contends that there was in fact far more than mere coincidence in the obviously provocative role played by Malthus's Essay for both Darwin and Wallace."*

> Em Outubro de 1838, isto é, quinze meses depois de eu ter começado a sistematizar minha pesquisa. Por acaso lendo por diversão *On Population* de Malthus, fiquei mais bem preparado para compreender como a luta pela existência em todos os lugares ocorre, e após uma longa e continuada observação dos hábitos dos animais e plantas, surpreendi-me que nessas circunstâncias as variações favoráveis estariam na formação de novas espécies. Aqui, então, eu tinha finalmente realizado a teoria. (Darwin apud Todes, 1989, p.16)[9].

Embora Darwin não tenha expressado diretamente que os menos capazes seriam as classes mais pobres, ao se utilizar dessas premissas malthusianas e declarar abertamente ter se utilizado do próprio método de análise para construir a sua teoria da evolução, o naturalista inglês deu margem para que outros cientistas se utilizassem de suas prerrogativas a fim de enquadrá-las em um entendimento da sociedade capitalista do século XIX.

Antes mesmo de entrarmos nessa discussão, demonstraremos que as análises de Malthus não eram unanimes na Inglaterra do final do século XVIII. Para tal êxito, discutiremos a seguir as principais ideias de William Godwin e a crítica aos postulados malthusianos.

William Godwin não teve a mesma expressividade póstuma do que teve Malthus. E, diferente do clérigo inglês, Godwin realizou uma crítica contumaz às instituições da época, apontando a possibilidade de se existir em um futuro não determinado outra organização social.[10]

---

9 *"In October 1838, that is, fifteen months after I had begun my systematic enquiry. I happened to read for amusement Malthus On Population and being well prepared to appreciate the struggle for existence which everywhere goes on, from long-continued observation of the habits of animals and plants, it at once struck me that under these circumstances favourable variations would be the formation of new species. Here, then, I had at last got a theory by which work."*

10 Malthus (1996, p.244), em várias passagens de seu livro, destaca a presença desse pensamento utópico nas análises de Godwin: "uma teoria não verificada na prática não pode ser razoavelmente assegurada como provável, muito menos como correta, até que todos os argumentos contra ela tenham sido sabiamente confrontados e refutados clara e firmemente".

A obra principal de Godwin (*Enquiry Concerning Political Justice and its Influence on General Happiness*) enquadra-se em vários trabalhos escritos sob a influência da Revolução Francesa com uma crítica voraz ao modelo político inglês de meados do século XVIII.[11] Godwin, em linhas gerais, ataca o que vê como uma excessiva ingerência do Estado nas vidas das pessoas, minando totalmente qualquer individualidade.

Ao contrário da crença de Malthus na existência de leis naturais fixas,[12] para Godwin o ser humano é influenciado pelo meio em que vive, negando a presença de quaisquer instintos inatos. Sustenta ainda que a experiência de vida e associações que o individuo compartilha ao longo de sua existência têm um papel primordial na constituição de seu caráter.

Godwin acreditava na supremacia da razão sobre a emoção, inclusive compreendia o processo educativo como o único instrumento viável de reforma social, já que abominava qualquer mudança que pudesse sugerir o uso da violência.

Conforme a sociedade tivesse consciência de que o governo não era necessário para a sua organização, ele desapareceria. Desta forma, educar as jovens gerações seria uma prerrogativa não da Igreja ou do Estado, mas de livres pensadores que auxiliariam as crianças na construção de uma nova sociedade.

Para ele, o homem, se não é um ser perfeito, é capaz de melhorar-se indefinidamente, e essa evolução social leva a uma sociedade sem a presença de jugos institucionais, que tolhem o ser humano constantemente.

---

11 Entre outros trabalhos que influenciaram ou foram alvo de críticas temos: *A Vindication of Natural Society* (1756) e *Reflections on the French Revolution* (1790), de Edmund Burke; *The Rights of Man* (1791), de Thomas Paine, entre outros.

12 "Penso que posso elaborar adequadamente dois postulados. Primeiro: que o alimento é necessário para a existência do homem. Segundo: que a paixão entre os sexos é necessária e que permanecerá aproximadamente em seu estágio atual. Essas duas leis, desde que nós tivemos qualquer conhecimento da humanidade, evidenciam ter sido leis fixas de nossa natureza..." (Malthus, 1996, p.246).

Ataca a presença das instituições governamentais como perpetuadoras da injustiça, incluso a social. Essa abolição conduz a uma sociedade mais harmonicamente constituída, na qual as leis seriam abolidas.[13] Para tal, Godwin propõe o surgimento de pequenas comunidades de associação mútua, onde prevalecesse a autonomia do indivíduo no grupo. Entretanto, essa organização social só funcionaria se todos os homens fossem verdadeiramente iguais, o que mostra seu questionamento dos pressupostos liberais dominantes dessa época, que compreendiam as diferenças sociais como "naturais". Como ele próprio escreve: "a desigualdade natural que se faz aqui referência foi originalmente menos evidente do que é hoje. [...] Na verdade não há muita diferença entre os indivíduos para que se permita que um subjugue a muitos outros, exceto se assim o consentem" (Godwin, 1986, p.66, tradução nossa).[14] A compreensão que não existe uma lei natural que justifique a submissão de um homem sobre o outro já o afasta de vários escritores liberais desse momento, incluso Malthus.

A visão de Natureza de Godwin pode ser compreendida a partir de uma visão holística da ligação intrínseca entre os seres humanos e destes com os outros animais.

Godwin defende que a liberdade individual se expressa somente na constante comunhão entre as pessoas e não que seja pautada no egoísmo.

---

13 "No curso de nossas considerações sobre a autoridade política, demonstramos que todo indivíduo está obrigado a resistir a qualquer ação injusta de parte da comunidade. Mas quem será juiz dessa injustiça? A questão se responde por si mesma: o critério pessoal de cada um." ["*En el curso de nuestras consideraciones acerca de la autoridad política, hemos demostrado que todo individuo está obligado a resistir cualquier acción injusta de parte de la comunidad. ¿Pero quien será juez de esa injusticia? La cuestión se contesta por sí misma: el criterio personal de cada uno.*"] (Godwin, 1986, p.117, tradução nossa.)

14 "*[...] la desigualdad natural a que se hace referencia fue originariamente mucho menos pronunciada de lo que es ahora. [...] No hay en verdad tanta diferencia efectiva entre los individuos como para permitir a uno mantener subyugados a mucho otros, salvo sí estés consienten en ello.*"

A partir de uma visão influenciada pelo Iluminismo do século XVIII, ele vai tentar superar a visão rousseauniana de que o homem nasce bom e as instituições o tornam mal, para uma visão que aponta que as instituições podem ser modificadas também. Então, se separa tanto dos liberais que como Thomas Paine acreditavam no governo como uma forma de coibir os excessos naturais do homem, quanto daqueles que como Rousseau encaravam o homem que não vivia em sociedade como um ser bondoso.

Como o próprio autor diz:

> Participamos de uma mesma natureza. As mesmas causas que contribuem ao bem-estar de um contribuem aos demais. Nossos sentidos e nossas faculdades são de índole semelhante, igualmente os nossos prazeres e penas. Nem sempre temos razão, quer dizer capazes de comparar, inferir ou julgar. Seremos prudentes para nós mesmos e úteis aos demais, à medida que superemos a atmosfera de preconceitos que nos rodeia. (Godwin, 1986, p.66)[15]

Sua visão de natureza é muito próxima daquela que seria defendida por Kropotkin já em meados do século XIX. E, para combater uma sociedade pautada no preconceito, a educação entra como um instrumento libertador.

Embora compartilhe com os iluministas a ideia da perfectibilidade humana e que os preconceitos existentes são frutos da organização social, afasta-se destes pois acredita fielmente em mudança de ordem social como um fator de transformação.

Godwin ataca sistematicamente aquilo que para ele deturpa cotidianamente os sentimentos e sensações humanos: o governo. E com

15 *"Somos participes de una naturaleza común. Las mismas causas que contribuyen al bienestar de uno, contribuyen al bienestar de otro. Nuestros sentidos y nuestras facultades son de índole semejante, lo mismo que nuestros placeres y nuestras penas. No hallamos todos dotados de razón, es decir somos capaces de comparar, de inferir, de juzgar. Seremos previsores para nosotros mismos y útiles para los demás, en la medida que nos elevemos por encima de la atmosfera de prejuicios que nos rodea."*

os governos constituídos temos também a separação dos homens em nações e, por consequência, as incessantes disputas por territórios.

Para o radical inglês, não se trata de acreditar em uma bondade humana superior. Mas que as instituições criadas pelos homens acabam aprisionando-os em estruturas de valores pouco racionais. Logo para ele,

> Eu tentarei provar duas coisas: primeiro, as ações e disposições da humanidade são fruto das circunstâncias e dos eventos e não de qualquer determinação que elas trazem ao mundo; e, segundo, o grande fluxo de nossas ações voluntárias depende não dos impulsos diretos e imediatos do sentido, mas de decisões racionais. (Godwin apud Clark, 2008, p.11)[16]

As relações que os homens constroem ao longo do tempo advêm das formas societárias em que eles estão inseridos. Se elas são injustas, promovem desigualdades. Não existem pré-condições a-históricas que propiciam esse estado de coisas. A pobreza e a riqueza, dois lados da mesma moeda, existem não por força de um ser metafísico ou por um destino traçado em regiões etéreas. É a própria estrutura social na qual o indivíduo está inserido, e que de certa forma reproduz cotidianamente, a causadora dos males socioeconômicos existentes.

A educação seria um caminho efetivo para que as sociedades fossem organizadas baseando-se apenas em princípios que defendessem a liberdade individual em comum com a justiça. E seria por uma escola transformada, na qual a figura do professor tivesse um papel auxiliar no processo de formação, que se estimulariam valores voltados ao bem comum e a defesa intransigente da liberdade individual perante a presença de qualquer instituição coercitiva.

---

16 *"I shall attempt to prove two things: first, that the actions and dispositions of mankind are the offspring of circumstances and events, and not of any original determination that they bring into the world; and, secondly, that the great stream of our voluntary actions essentially depends, not upon the direct and immediate impulses of sense, but upon the decisions of the understanding."*

Para nós, as proposições de Godwin ainda seriam retrabalhadas por vários anarquistas, principalmente Kropotkin, procurando demonstrar a importância do pensamento dele como formador das ideias anarquistas contemporâneas.

Ao alçar Godwin como um pai fundador do anarquismo moderno, Kropotkin também queria demonstrar a importância de suas ideias sobre a liberdade, o individuo, o apoio mútuo entre os seres, a crítica ferrenha às instituições, em particular ao Estado, e a educação como projeto de libertação, tão cara ao geógrafo russo.

Embora a sua utopia social pudesse ser questionada (como o foi), fica claro que as principais ideias desse autor, como liberdade individual, autonomia, associação mútua, estarão presentes na obra de Piotr Kropotkin. E, ao contrário de uma lógica científica que determinava e separava os indivíduos conforme a sua "capacidade de adaptação", Kropotkin vai utilizar alguns dos argumentos postulados por Godwin para demonstrar um exagero na defesa de uma vida individualista e competitiva existente na lei de evolução darwinista, a partir das críticas que realizou a Thomas Huxley em meados do século XIX.

Para melhor esclarecer as diferenças entre esses importantes autores do século XVIII (Godwin e Malthus) demonstraremos como ambos debatiam algumas questões relevantes sobre o homem e a liberdade.

Polêmicas, polêmicas, polêmicas...

Apresentaremos algumas polêmicas entre Godwin e Malthus, suscitadas pela publicação de suas obras *Enquire* e *An Essay*, respectivamente. Para melhor entender esse debate vamos primeiro contextualizá-lo.

Em fins do século XVIII, diversos autores já discutiam o crescimento populacional, mas diferente de Malthus, achavam que uma política social exitosa significaria, necessariamente, o aumento da população.

Como demonstra Rosen (1970, p.41, tradução nossa),

> Antes de Malthus escrever seu ensaio, os teóricos políticos do século XVIII viam uma pujante e enorme população como a evidência de uma política próspera e bem administrada. David Hume expressou essa visão comum quando escreveu que "se tudo mais é igual, parece natural esperar que onde há maior felicidade e virtude e exista a mais sábia das instituições, haverá também mais pessoas".[17]

Os locais mais felizes tinham maior população e virtude, e subentende-se que os com menor população teriam miséria e vício: simplesmente o oposto daquilo que era apregoado por Malthus.

Não sabemos por que a teoria malthusiana vai prevalecer posteriormente, se por questões econômicas ou graças ao interesse de uma classe social específica, mas é interessante perceber que ela rompe com um grupo de intelectuais do qual Godwin também fazia parte.

As principais críticas que Malthus realiza contra Godwin aparecem a partir do Capítulo X na sua magna obra. Entre outras coisas, Malthus vai questionar a crítica deste autor em relação à utopia, que poderia ser bela mas sem nenhum fundamento científico.

Ao analisar um dos capítulos do *Enquire*, Malthus questiona a veracidade da argumentação de Godwin sobre o crescimento populacional apontando que "o grande erro em que o sr. Godwin elabora em toda a sua obra é o de atribuir todos os vícios e a miséria que são constatados na sociedade civil às instituições humanas" (Malthus, 1996, p.302). Nesse parágrafo, a crítica malthusiana tem como foco derrubar a tese principal de Godwin na qual os seres humanos são desviados moralmente pelas instituições governamentais e, assim, tornam-se viciosos e contrários a uma relação mais harmoniosa.

---

17 *"Before Malthus wrote his essay, eighteenth-century political theorists regarded a large and thriving population as evidence of a prosperous and well-governed policy. David Hume expressed this typical view when he wrote that "if everything else be equals, it seems natural to expect that, wherever there are most happiness and virtue, and the wisest of institutions, there will also be most people."*

Enquanto para o clérigo inglês o vício e a miséria se enquadram em leis inatas dos seres humanos, para Godwin uma nova sociedade é sempre possível, pois a reforma do homem (e o papel predominante da educação) leva necessariamente a uma sociedade menos desigual e que respeita as individualidades. É o que afirma o próprio Malthus (1996, p.306):

> Nenhuma instituição humana existiu aqui pela maldade à qual o sr. Godwin atribui o pecado original dos piores humanos. [...] num período tão curto como cinquenta anos, a violência, a opressão, a mentira, a miséria, todo vício odiento e todo tipo de desgraça que degrada e aflige o atual estado da sociedade parecem ter sido criados pelas mais imperiosas circunstâncias, por leis inerentes à natureza do homem e totalmente independente de todas as leis humanas.

Outra questão relevante refere-se à produção de alimentos. Malthus não enxerga muitas possibilidades em um aumento da produtividade alimentar, oposto à ideia predominante em Godwin de que o próprio progresso humano levaria a uma melhoria constante na produção de alimentos. Para Malthus (1996, p.305), após um período de grande crescimento demográfico, "[...] onde será encontrado o alimento para atender as prementes demandas do número crescente de pessoas? Onde existe terra nova para ser explorada? Onde existe o adubo necessário para desenvolver o que já está em cultivo?".

Sem demonstrar qualquer capacidade de compreensão de um aumento da produtividade derivada da maior industrialização do campo, o economista prevê que o aumento da população sem a contrapartida em alimentos levará a um cataclismo mundial fomentando mais miséria, fome e guerras, eventos que propiciariam uma redução da população.

Já o otimista Godwin não acredita muito nesse aumento exagerado da população, nem que apenas a miséria e as guerras poderiam diminuir os problemas de alimentação. Ao apresentar uma crítica à tese de que a população aumenta de forma geométrica, ironicamente diz: "Se o princípio da população não mudasse por 1800 anos, se

produziriam homens suficientes para preencher todo o universo visível, tão abundantemente quanto esse universo pudesse comportar: é isto que vemos em muitas palavras da doutrina de nosso autor" (Godwin, 1820, p.73).[18]

Não faltariam alimentos, muito menos a população cresceria de tal forma que a miséria aumentaria. Godwin acredita no ser humano e na possibilidade de progresso contínuo. Se isso não ocorre, é porque as instituições atuais dificultam uma organização social mais igualitária.

Malthus e o seu pessimismo prevê um mundo de vícios, misérias e guerras; Godwin, e o seu otimismo contumaz, projeta uma nova sociedade, mais harmônica e capaz de se autocriar constantemente. Não se trata de apontar quem está certo ou errado. Mas fica evidente que as influências de ambos parecem ser determinantes nas ideias que depois serão debatidas em várias sociedades científicas seja por Kropotkin ou Huxley.

---

18 *"If the principle of population had gone on unchecked for eighteen hundred years, it would have produced men enough to fill the whole visible universe with human creatures as thick as they could stand: this is so many words the doctrine of our author."*

2
As origens do conceito de apoio mútuo

É fato que Kropotkin se utilizou largamente em suas pesquisas de um conceito antidarwinista (no sentido dos apoiadores de Darwin e menos do naturalista inglês) que, embora quase sempre ligado a suas ideias anarquistas, não pode simplesmente ser compreendido dessa forma. Isso porque na Rússia essas ideias sobre a evolução das espécies foram recebidas com mediana simpatia, sendo que uma pequena parte da sociedade mais esclarecida e pró-czarismo, apoiando-se em pressupostos eslavistas, condenou o principal livro de Darwin como um projeto britânico imperialista.[1]

Mais do que apenas uma crítica circunscrita à comunidade acadêmica, as ideias de Darwin também sofreriam grandes questionamentos por parte da sociedade civil mais organizada, principalmente entre os partidos socialistas que atuavam no campo, que entendiam essa teoria em solo russo como uma tentativa de aniquilar a organização comunal dos povos que habitavam as regiões mais inóspitas desse império.

Percebemos que, seja a partir de uma crítica conservadora (pró-czarismo) ou mais progressista (partidos socialistas), o fato é que essas ideias evolucionistas nunca tiveram grande apelo dentro

1 Para mais detalhes ver Todes (1989).

da Rússia imperial. Compreender esse processo demonstra que, longe de ser uma unanimidade, a teoria da evolução discutida por Darwin, e principalmente ressignificada por seus futuros defensores como Thomas Huxley (conhecido como o "buldogue" de Darwin), teve que passar por inúmeras provas de fogo no continente europeu.

Nessa parte procuraremos analisar de que forma foi se gestando na Rússia um corpo de ideias contrárias ao chamado evolucionismo darwinista e de que forma Kropotkin, apropriando-se delas, transformou-as em um dos principais pilares daquilo que posteriormente se chamaria de anarcocomunismo.

Em um primeiro momento, apontaremos a recepção das ideias darwinistas no meio acadêmico russo, para depois trabalharmos as críticas recebidas, seja pela comunidade científica local ou por algumas organizações socialistas.

A recepção do pensamento darwinista na Rússia czarista em meados do século XIX

A teoria da evolução darwinista terá enorme repercussão (embora, como vimos, com um apoio mais limitado) na Rússia. Acadêmicos e cientistas realizarão constantes debates em suas instituições de pesquisa acerca das mudanças de paradigmas que essa nova proposta trazia.

Até então, o mundo científico e o russo, por conseguinte, concordavam com as propostas evolucionárias descritas por Lamarck. Era a lei do uso e desuso que preenchia as falhas do entendimento de como os seres vivos evoluíam.

No período em que Darwin realizou suas pesquisas, a Rússia czarista ocupava quase 25% de todas as terras emersas do planeta, propiciando que esse país tivesse a presença de climas e relevos variados. Em que pese essa grande extensão de terras, quase quarenta vezes maior que as ilhas britânicas, era um país pouco povoado, sendo que o geógrafo Belov admitia que em 1875 a população total

não chegava a 83 milhões de pessoas e com grande concentração na parte europeia.[2]

Tendo como pensamento uma apressada análise de dados estatísticos, a Rússia era um vasto território, com população escassa e mal distribuída, o que propiciava a disponibilização de grandes terras virgens para a prática da agricultura. O fato é que, embora o país realmente pudesse fornecer terras abundantes para a prática da agricultura ou criação de gado, a maioria das pessoas, ainda sob o jugo de leis feudais, vivia em uma pobreza endêmica. Entretanto como a fome era um tabu e passível de punição ao investigador mais incauto, o que as frias estatísticas demonstravam não era a realidade vivida por boa parte do campesinato.

Essa massa de servos tinha uma relação de completa subserviência aos proprietários de terras, sendo que a forma de contato entre essas duas classes sociais dava-se na chamada organização das terras comunais ou *mir*.[3]

Outro dado importante é que em 1861, com o fim da servidão, as terras comunais seriam extintas e se ampliaria a possibilidade de surgimento de um mercado de compra e venda da terra.

No caso da burguesia e do proletariado, percebe-se ainda a pequena presença de ambos, sendo que no caso dos trabalhadores urbanos, apenas no final do século XIX, com a expansão da indústria, a presença deles despertou algum interesse aos intelectuais russos. Deste fato se depreende que, até 1861, uma parte da sociedade russa se organizava de forma medieval, com grande presença de terras comunais; e que a burguesia, ainda econômica e politicamente fraca, não convencia os outros estratos sociais com um discurso pautado na individualidade. Logo, as classes sociais mais abastadas na Rússia

---

2 Os principais debates apontados nessa parte terão como base a pesquisa realizada por Todes (1989).

3 O *mir* era uma divisão das terras aráveis entre os camponeses russos. Essa típica organização levava-os a formação de grandes acordos entre os membros (geralmente camponeses livres), propiciando a construção de uma sociabilidade mais solidária. Ao Estado e aos donos de terras, a divisão das glebas era interessante no que tange ao pagamento de impostos.

(nobreza, grandes proprietários rurais) são a que pautariam as críticas ao modelo britânico de evolução, que em terras russas chegaria pouco após o fim da servidão (1861).

Ao negarem a presença de um discurso liberal, a nobreza e os grandes proprietários de terras (às vezes se confundiam como um mesmo agrupamento) se incomodaram com os ideias evolucionistas, pois estes poderiam destruir algumas características marcantes dos povos eslavos (como a sociabilidade comunal), promovendo, em um futuro próximo, a desagregação da sociedade russa.

Um fator histórico de relevância nesse período foi o fim da servidão em 1861. Esse processo, além da extinção das terras comunais e a capitalização do campo, possibilitou o surgimento de uma intelectualidade crítica aos pressupostos defendidos por um grupo acadêmico ligado ao poder nobiliárquico.

Intelectuais do porte de Pisarev, Chernyshevski, Pavlov, entre outros, perceberam que as teorias científicas debatidas na Europa ocidental dariam subsídios a uma crítica sistemática contra a influência que a religião, a saber, ortodoxa, tinha sobre a sociedade. Nesse sentido, alguns intelectuais progressistas não viam a chegada das ideias evolucionistas da mesma forma que os que defendiam abertamente o regime. Ao se apropriarem do discurso darwinista, esses cientistas percebiam que a defesa desses ideais abastecia com bastante combustível uma crítica ao regime totalitário existente.

Interessante perceber que, se em relação à Darwin havia certa dualidade de pensamento por parte da intelectualidade russa, no caso de Malthus, uma das principais influências no pensamento do naturalista britânico, a receptividade não era a mesma. Até meados da década de 1860, tanto socialistas quanto conservadores condenavam as ideias malthusianas, visto que elas não expressavam a realidade de países com grande território e escassa população.

Para os primeiros, as ideias de Malthus promoviam um espírito social capitalista, em que predominava a competição pela sobrevivência, apontando a sobreposição das camadas mais ricas da sociedade sobre um enorme campesinato como algo naturalizado. No caso dos conservadores, as críticas recaíam em um aspecto

totalmente diferente: defender as ideias de Malthus era apoiar implicitamente um projeto nacional inglês, o que enfraqueceria o modelo expansionista da Rússia. Além desses agrupamentos, a própria Igreja nacional, a Igreja Ortodoxa Russa, condenava Malthus por associá-lo a um discurso herético.

Quando a presença das ideias malthusianas no pensamento darwinista de alguns intelectuais russos começou a ser aceita (pós-1861, ano do fim da servidão russa), ela serviu também para propiciar uma visão da sociedade baseada na extrema competição, na qual as classes sociais se enquadrariam em um esquema baseado na luta pela sobrevivência.

Para um deles, Bibikov, a partir das ideias de Malthus se poderia compreender por que existe uma luta entre as classes sociais, sendo que as mais ricas sempre se sobrepunham as mais pobres. Como aponta Todes (1989, p.34, tradução nossa):

> Quanto mais intensamente os capitalistas oprimirem os trabalhadores, menos os trabalhadores competirão entre si – e então menos eles produzirão. Se essa opressão for relaxada, trabalhadores competirão mais ferozmente entre eles e isso levará a um maior bem-estar. Igualmente, se fatores externos inibirem a acumulação do capital, ela ficará relaxada – Bibikov listava como fatores externos "instituições políticas, luxúrias, vaidade, extravagância, ambição, avareza" – isso intensificaria a luta entre os capitalistas e então aceleraria a acumulação de riquezas.[4]

Nesse esquema proposto percebe-se que, dependendo da intensidade dessa opressão de classe, a acumulação de capital aumentaria

---

4 *"The more intensely capitalists oppressed workers, the less workers competed among themselves – and so the less they produced. If this oppression were eased, workers would compete more strenuously among themselves and this would lead to greater well-being. Similarly, if external factors inhibiting the accumulation of capital were relaxed – Bibikov listed 'political institutions, luxuries, vanity, extravagance, ambition, greediness' – this would intensify the struggle among capitalists and so generate a more rapid accumulation of wealth."*

ou não. E que as lutas intra e interclasse, mais os fatores externos, seriam as molas propulsoras do desenvolvimento da economia.

Algo que chama atenção e que merece uma menção é que, embora ainda ligado aos aspectos naturais, já aparecia em meados do século XIX um pensamento científico que procurava analisar as transformações que a Rússia passava a partir de um prisma de luta de classes. Não nos cabe aqui aprofundar esse debate visto que nosso estrito interesse é compreender de que forma as ideias de Darwin chegaram à Rússia. Entretanto, é fato que um dos principais teóricos do marxismo russo, G. Plekhanov, esteve bastante influenciado pelas ideias de Darwin;[5] tanto que procurou justificar as propostas marxistas a partir das considerações do naturalista inglês, como se os pressupostos darwinistas, e quiçá de Malthus, contribuíssem para uma maior cientificidade às análises marxistas.[6] Em um dado momento de suas análises Plekhanov vai afirmar que

> As características do ambiente natural externo determinam o caráter da atividade produtiva do homem. Os meios de produção determinam (em contrapartida) as relações mutuais das pessoas no processo de produção....e é a inter-relação das pessoas nos processo de produção que determina toda a estrutura da sociedade. Por esta razão, a influência do meio natural sobre essa estrutura é inegável. (PLEKHANOV apud BASSIN, 1992, p.7)[7]

---

5 Sobre a relação entre o marxismo e o darwinismo na Rússia czarista ver também Rogers (1963). Neste artigo há, inclusive, algumas menções de Engels a teoria da evolução, criticando a forte presença das análises realizadas por Malthus e demonstrando a ineficácia científica em aproximar a luta pela sobrevivência presente nos textos de Darwin com o conceito de luta de classes proposto por Karl Marx.

6 Para mais detalhes da visão de Plekhanov sobre a relação entre Marx e Darwin ver Bassin (1992)

7 *"The character of the external natural environment determines the character of man's productive activity, the character of his means of production. The means of production determine (in turn) the mutual relation of people in the process of production....and it is the interrelationship of people in the social process of production which determines the entire structure of society. For this reason, the influence of the natural environment on this structure is undeniable."*

Os processos econômicos estão intrinsecamente ligados aos processos naturais. Logo, em um pais de grande extensão continental e de escasso povoamento, a luta pelo desenvolvimento capitalista deveria se pautar na transformação dos processos condicionados pelo ambiente natural. Nesse sentido, apoiar as comunidades rurais de estilo comunalista, tão presentes na Rússia, era admitir que o socialismo pudesse ser constituído a partir de um condicionamento da natureza. E isso ia contra os ditames marxistas.

Então a primazia do capitalismo na Rússia, com o fim da servidão e das terras comunais (e um ataque à organização comunalista dos camponeses) era um passo decisivo para que a Rússia se transformasse em uma potência capitalista, propiciando o surgimento de um forte proletariado capaz de posteriormente impor sua dinâmica social e econômica. Interessante perceber que nesse período (pós-1861) tanto os intelectuais marxistas quanto os conservadores se utilizam das ideias darwinistas para uma melhor compreensão do processo de formação capitalista da Rússia.

Contrários a essas afirmações estavam os socialistas que naquele momento conviviam mais próximos das comunidades constituídas em *mir*. Eram conhecidos como populistas e posteriormente formaram o que ficou conhecido como Partido Socialista Revolucionário. Embora socialistas, os populistas russos repugnavam as análises marxistas, vistas como a supremacia do mundo urbano cruel sobre a pura e romântica sociedade camponesa. Ao contrário dos marxistas, que acreditavam em um processo cheio de etapas para a conquista da revolução socialista, para os populistas a própria realidade campesina, seja do cotidiano massacrante ou das formas comunais de sociabilidade, já seria ingrediente suficiente para pensar na chegada de um sistema social mais igualitário.

Ao acreditarem em uma tendência natural dos camponeses serem socialistas, já que viviam cotidianamente em comunas, criticavam aqueles que imaginavam o socialismo como uma ideologia que surgiria a partir das transformações do capitalismo. Concordavam com a libertação dos servos ocorrida em 1861, mas ficaram apreensivos quando perceberam que, junto a esse movimento de libertação, os

proprietários de terra estavam tornando-se capitalistas e que a lógica do capital estava transformando radicalmente as relações no campo.[8] E nesse processo contraditório de superação econômica e social, Darwin surgia para os populistas como um autor importante para compreender as mudanças democráticas, mas eles se incomodavam com a utilização de suas ideias para a defesa de uma competição desmesurada. É o que vemos em um trecho do ensaio de um populista russo chamado Mikhailovski, com o título *Sobre o caráter democrático das ciências naturais* (1875): "Darwinismo, por exemplo, é um princípio democrático contanto que direta ou indiretamente destrua os princípios feudais que ainda sobrevivem. Mas não é 'democrático na essência', mas em uma mais arguta e definida maneira ele compreende a desigualdade e a luta na sociedade como o mote de sua doutrina político-moral" (Mikhailovski apud Todes, 1989, p.15).[9]

Como forma de apontar uma nova dinâmica natural para o surgimento e a diversidade das espécies, os populistas inserem na discussão sobre a luta pela existência darwinista alguns aspectos que possuem claramente um apelo mais social.

Entre esses populistas que condenam a visão predominante do darwinismo e apontam o socialismo como a única forma plausível de organização da natureza, temos P. L. Lavrov. Apontando um pouco da discussão que Kropotkin faria na sua obra *Apoio mútuo*, Lavrov tenta inserir em seu ensaio um debate socialista sobre a lógica individualista existente nas proposições darwinistas.

Além dos socialistas populistas e os marxistas, mas, ao contrário destes últimos, fortemente influenciados pelas ideias antiautoritárias,

---

8 Como afirma Todes (1989, p.35, tradução nossa): "*Populists commentators in Fatherland Notes observed that the social stratification of the peasantry was undermining the peasant commune, which they thought was the basis of Russian socialism*". [Comentadores populistas no *Fatherland Notes* observavam que a estratificação do campesinato estava destruindo a comuna camponesa, que acreditavam ser à base do socialismo russo.]

9 "*Darwinism, for example, is democratic precisely insofar as it directly or indirectly undermines those feudal principles which still survive. But not only is it not 'democratic in essence', but in sharpest and most defined manner it places inequality and struggle in society at the cornerstone of its moral-political doctrine.*"

temos também intelectuais que condenaram as ideias malthusianas e a sua aplicação na teoria da evolução. Entre os principais poderíamos citar o geógrafo e anarquista Metchinikof e o escritor mundialmente conhecido Liev Tolstoi. Adepto das ideias de Mikhail Bakunin, Metchinikof escreveu importantes trabalhos sobre o processo de colonização na Austrália e na América, como também apresentou o processo de formação civilizatório por meio dos grandes rios (Nilo, Tigre e Eufrates etc.). Além disso, diferenciava essas civilizações daquelas que se constituíram nas regiões litorâneas, onde o fluxo intenso de trocas comerciais selaria a formação de uma sociedade mais diversificada.

Ao estudar Darwin, Metchinikof propôs que houvesse um uso diferenciado dessas ideias tanto pela Sociologia e quanto pela Biologia (algo raro entre a intelectualidade desse período, que utilizava as mesmas ideias em ciências diversas),[10] atacando os argumentos malthusianos presentes na obra do naturalista inglês.

Para Tolstoi, importante dramaturgo do século XIX e até hoje um dos principais expoentes da literatura mundial, foi o seu processo de conversão a um cristianismo não institucionalizado, levando-o a ser excomungado pela Igreja Ortodoxa Russa, o principal fator delimitador da propagação das ideias mais coletivistas. Essa dinâmica de autoconhecimento fez surgir nele outra personalidade, muito mais preocupada com as questões sociais, a liberdade individual, o respeito às culturas mais afastadas do grande centro, e, principalmente, um total envolvimento com as práticas sociais dos *mujiques* (camponeses russos).

Em algumas de suas obras, como *Confissão* (1882) e *O reino de Deus está dentro de v*ós (1894), Tolstoi procura criticar as mazelas da sociedade czarista existente, mas também questiona a chegada do capitalismo na Rússia com o fim da servidão. No caso específico da obra de 1894, embora o título possa sugerir um conteúdo religioso, é notória a preocupação do escritor russo em questionar os valores sociais

---

10 Temos, por exemplo, o caso de V.A. Zaitsev, que declarava que a separação da humanidade em raças demonstrava ineficiente qualquer ideia de um congraçamento entre os povos, visto que a separação entre "raças humanas" apontava para a supremacia de uma cor sobre a outra. Mais detalhes ver Rogers (1963).

apresentados pelo capitalismo (competição, busca pelo lucro), demonstrando uma grande incoerência dos cristãos ao defenderem práticas individualistas (cara ao capitalismo industrial ocidental) quase sem apoio no Novo Testamento cristão.

Para Tolstoi não há nenhuma possibilidade de ser defensor do livre mercado e da competição e propagandear propostas cristãs defendidas por Jesus Cristo no Sermão da Montanha, como a solidariedade entre os homens, entre estes e os animais. É por isso que, quando as ideias de Malthus chegam à Rússia, ele será um dos maiores críticos, mostrando a incongruência de uma doutrina supostamente defendida por um divulgador das ideias cristãs (lembre-se que Malthus era pároco), mas quase que totalmente baseada em uma competição sanguinária. Tolstoi não compreende por que uma teoria tão mal formulada conseguiu ganhar adeptos e chegar ao ponto de ser um dos subsídios da teoria da evolução.

Crítico contumaz dessas ideias que sustentam a luta pela sobrevivência, Tolstoi também vai atacar Darwin por meio de algumas de suas obras, caso de *Anna Karenina*, na qual o principal personagem, Levin, criticaria as consequências morais dessa visão (Todes, 1989).

Como estamos vendo, vários autores de matrizes diferentes e às vezes antagônicas, questionaram a presença de uma visão claramente ocidental e defensora de valores capitalistas. Os representantes de diversas tendências (conservadoras, populistas, libertárias) críticas ao darwinismo já propunham outra maneira de compreender a evolução das espécies, ainda que com pouca discussão na academia. Entretanto, na segunda metade do século XIX, elas ganharam uma maior ressonância quando foram sistematizadas por um importante zoólogo russo, que posteriormente seria também reitor da universidade de San Petersburg: Karl Kessler.

A partir de Kessler, surgiria uma plêiade de cientistas russos defendendo a nova visão, muito mais próxima de uma sociabilidade eslava e que se contrapunha ao modelo individualista britânico. Se Kessler sistematizou as ideias acerca do apoio mútuo em um corpo científico, foi Kropotkin que tentou demonstrá-la a partir também de suas implicações políticas.

Karl Kessler e Piort Kropotkin: a estruturação científica das teorias do apoio mútuo no final do século XIX

Como vimos as ideias darwinistas tiveram grande curiosidade quando adentraram o solo russo, promovendo importantes debates na sociedade czarista. Junto com a extinção do trabalho servil, é fato que essas ideias tornaram-se para alguns intelectuais um mecanismo de combate ao regime totalitário existente.

Embora estando em lado opostos quando enquadramo-los dentro de um espectro político, vários pensadores, ao criticarem a proposta darwinista, vislumbravam outra maneira de se compreender a evolução das espécies. No lugar do mote da luta pela sobrevivência, defendiam que as mudanças pelos quais os seres vivos (incluindo o homem) passavam não derivavam, única e exclusivamente, da competição.

Construído a partir do entendimento das condições climatobotânicas da Rússia, o que explicaria os motivos pelos quais várias populações viviam de forma comunal nas regiões mais setentrionais deste imenso território, alguns intelectuais eslavos começaram a propor uma ideia muito particular.

Propostas baseadas em um auxílio entra e interespécie começam a ganhar forma e força, combatendo ativamente o darwinismo que consideravam uma intromissão britânica sobre as questões russas. Entre àqueles que conseguiram dar uma forma mais consistente a essas ideias, dois se tornariam figuras de suma importância no debate sobre a evolução das espécies: Karl Kessler e Piotr Kropotkin.

Karl Fedorovych Kessler[11] nasceu na mesma cidade de Imanuel Kant (Konigsberg), que no início do século XIX estava sob a administração da Prússia Oriental e, hoje, após os acordos realizados no fim da Segunda Guerra Mundial, pertence à Rússia, com o nome de Kaliningrado.

11 Esse pequeno esboço biográfico baseia-se largamente no trabalho de Todes (1989).

Embora natural da Prússia, Kessler, em tenra idade, mudou-se para o Império Russo, especificamente a província de Novgorod, visto que seu pai aceitou um posto de Guarda Florestal. Até os 25 anos (1840), ele se interessou por matemática e adentrou a Universidade de São Petersburgo participando anonimamente de um círculo literário. Em 1840, voltou-se à zoologia, apresentando uma dissertação de mestrado sobre pássaros. Em 1842, defendeu uma tese de doutorado sobre o esqueleto do pica-pau, tornando-se professor na Universidade de Kiev, quando então sairia apenas no início da década de 1860.

Nesse período que ministrou aulas na Universidade de Kiev, Kessler realizou inúmeras viagens a fim de conhecer melhor os peixes das regiões da Bessarábia e do Mar Negro, como também se preocupou em observar as migrações de pássaros na Ucrânia. Em 1845 realiza uma viagem de quatro meses pela Europa Ocidental visitando várias cidades como Viena e Munique e contatando importantes naturalistas, como Ernst Haeckel, posteriormente considerado o "pai" da ecologia, e Auguste de Saint-Hilllaire, botânico e viajante que na década de 1820 tinha passado pelo Brasil.

Como professor da Universidade de Kiev incentivou que a comunidade científica russa realizasse constantes colóquios e seminários, como forma de promover uma maior aproximação do país eslavo com a ciência realizada na Europa ocidental.

Em 1861, substituiu seu colega de pesquisa na Universidade de São Petersburgo, servindo como reitor desta instituição entre 1867 e 1873. O fato de ter sido professor e posteriormente reitor de uma das mais prestigiadas universidades russas trouxe à Kessler uma grande projeção nacional, fazendo com que a sua fala "On the Law of Mutual Aid" (Sobre a lei do apoio mútuo), realizada em 1879, fosse muito concorrida e gerasse grande interesse. Infelizmente, ele não pode prosseguir com esses estudos acerca do apoio mútuo, já que faleceu apenas dois anos após a conferência.

Interessante observar que Kessler seria o primeiro cientista a defender o apoio mútuo como uma lei natural, muito diferente dos intelectuais anteriores ainda baseados nos aspectos culturais da

Rússia czarista. Para Todes (1989, p.104, tradução nossa) Kessler se alinhava à uma posição política de centro e que sua teoria apontava como principais argumentos:

> (1) O principal aspecto da luta pela existência é a luta de um organismo contra as circunstâncias físicas (ou, menos frequentemente, com membros de outras espécies); (2) os organismos juntam as forças para constituir uma luta mais eficaz, e assim a ajuda mútua é favorecida pela seleção natural; (3) porque é a cooperação e não a competição que domina as relações intraespécies, as análises darwinistas-malthusianas dessas relações são falsas; e (4) o apoio mútuo enfraquece de tal forma os conflitos intraespécies que não pode ser a principal causa da divergência de caracteres e a origem de novas espécies.[12]

A princípio percebemos que a preocupação de Kessler não é negar, pura e simplesmente a competição como fator de evolução das espécies. Ela ocorre geralmente entre os indivíduos que são colocados em condições de sobrevivência idênticas e que requerem igualmente a mesma alimentação. Ao pontuar isso, Kessler demonstra que o principal aspecto determinante na variabilidade das espécies, ou seja, a competição, é maior ou menor dependendo das condições ambientais a que esses organismos estão sujeitos.

A grande questão levantada pelo zoólogo russo é que a competição é secundária no processo da evolução das espécies, bem como seu caráter sanguinário. E, ao dar uma importância à competição quase que total ao processo evolutivo, Darwin e seus defensores se esqueceram de demonstrar a existência de outra lei que age sobre os

12 *"(1) The aspect of the struggle for existence is the organism's struggle with physical circumstances (or, less frequently, with members of other species); (2) organisms join forces to wage this struggle more effectively, and such mutual aid is favored by natural selection; (3) since cooperation, not competition, dominates intraspecific relations, Darwin's Malthusian characterization of those relations is false; and (4) mutual aid so vitiates intraspecific conflict that this cannot be the chief cause of the divergence of characters and origin of new species."*

seres vivos: a lei do apoio mútuo. Essa lei atua entre os indivíduos de uma mesma espécie, permitindo que a união facilite uma batalha destes contra as outras espécies.

Ao dar exemplos de como Kessler discute como a lei do apoio mútuo age, Todes (1989, p.111, tradução nossa) diz que "ele relembrou um momento no qual uma pata e sua prole foram ameaçadas por caçadores. A pata fugiu, aparentemente abandonando seus filhotes sem qualquer defesa, mas logo retornou com um pato. Enquanto o pato distraía os caçadores, a pata levou sua prole para um local seguro".[13] Para Kessler, em alguns momentos, existe a cooperação entre os indivíduos da mesma espécie, que instintivamente procuram o auxílio comum para conseguir ter mais chance de sobrevivência. Esse fato corriqueiro, às vezes, aparece obliterado pela luta entre os animais. Logo, em uma luta entre leões e búfalos, tão comuns nos parques nacionais africanos, o que apenas aparece é o inevitável ataque das leoas aos búfalos, a querela sangrenta e por fim a morte de um dos indivíduos. Pouco se fala que a principal estratégia de ambos é reforçar uma união entre os pares, com o intuito de conseguir, no caso das leoas, caçar, e no dos búfalos, fugirem em segurança. Se cada membro da espécie resolvesse isso de forma individual, a probabilidade de conseguir o objetivo seria mínima.

Não é à toa que Kessler (apud Todes, 1989, p.112, tradução nossa) afirmava que "não rejeito a luta pela existência, mas somente afirmo que o desenvolvimento progressivo de todo reino animal e especialmente da espécie humana não é facilitado pela luta recíproca tanto quanto pelo apoio mútuo".[14] Embora, nesse trecho, não admita a supremacia de uma lei sobre a outra, o fato é que, ao analisar apenas a evolução humana, Kessler aponta que a lei do apoio mútuo teve

13 *"[...] he recalled one instance in which a duck and its offspring were threatened by hunters. The duck fled, seemingly abandoning its defenseless young, but soon returned with a drake. While the drake distracted the hunters, the duck removed its offspring to safety."*

14 *"I do not reject the struggle for existence, but only affirm that the progressive development both of entire animal kingdom and, especially, of mankind is not facilitated by mutual struggle so much as by mutual aid."*

um papel muito superior ao da luta pela sobrevivência. Em alguns momentos, a ideia do apoio mútuo se sobrepõe e em outros não. Entretanto, nunca aparece a luta pela sobrevivência como um fator único ou principal da evolução das espécies.

Procurando afirmar o apoio mútuo como uma lei natural, Kessler avança nos debates então existentes. Não se trata de demonstrar uma particularidade do solo ou da população russa, mas sim que a teoria da evolução darwinista não pode ser vista como algo definitivo, mas uma entre outras perspectivas científicas que explicam as transformações pelas quais passaram os vários organismos existentes no planeta.

O que causa espécie é por qual motivo essa teoria ou lei, como encarava Kessler, ficou praticamente esquecida nos meios científicos; e, se alguma projeção teve na sociedade, deveu-se, principalmente, as análises de Kropotkin e a sua aplicação nas formulações que levaram a constituição daquilo que chamou-se de anarcocomunismo. Um dos motivos desse esquecimento pode ser a própria dificuldade do autor em debater com maior propriedade a relação entre a luta pela sobrevivência e o apoio mútuo, fazendo com que Todes (1989), um dos seus principais divulgadores na atualidade, refira-se ao debate como inconsistente.

Não podemos também negar que, ao defender uma lei evolutiva calcada na solidariedade e não na competição, Kessler acabou se contrapondo a todo um modelo científico que, de alguma forma, compreendia a sociedade capitalista como algo naturalizado. E, levando-se em consideração que, após a morte dele, o maior divulgador dessa teoria seria um anarquista, podemos supor que as incongruências apontadas por Todes (1989) não foram os principais motivos desse quase que total abandono pela academia científica.

No caso de Kropotkin, o seu alinhamento político com o anarquismo leva-o a discutir as várias questões trazidas pelos intelectuais russos a partir de um prisma bem particular, visto que a sua intenção era de "ajustar" as ideias ácratas ao debate científico.

Se para Charles Darwin, um jovem naturalista de 22 anos, a experiência ocorrida a bordo do HMS Beagle foi determinante para a formulação de sua teoria acerca da evolução das espécies, no caso

de Piotr Kropotkin, o marco que definiu o seu interesse nas ciências naturais e humanas foi sua viagem à Sibéria com apenas 19 anos. E foi como um jovem chefe militar, encarregado de dirigir as pesquisas cartográficas para um melhor mapeamento dessa grande área, que iniciou uma viagem às regiões mais inóspitas do Império Russo, o que posteriormente lhe dariam importantes subsídios a teorização sobre o apoio mútuo.

A pesquisa de campo vai lentamente demonstrando ao jovem militar que algumas das crenças difundidas nos meios nobres não passavam de mistificações religiosas e que o mundo que se abria a ele estava ancorado em outras hipóteses. Nesse período de intensa pesquisa de campo (que durou aproximadamente quatro anos), Kropotkin teve um interlocutor de peso nas suas descobertas: Alexander, seu irmão mais favorito e que estava na universidade.

Por meio das cartas que seu irmão enviava, Kropotkin ia tomando contato com as novidades acadêmicas, as questões políticas mais relevantes e principalmente, teve conhecimento da publicação do livro de Darwin, *A origem das espécies*. Em uma das inúmeras cartas que mandou ao seu irmão, Kropotkin demonstrava uma grande influência das ideias darwinistas, apontando a terrível luta pela sobrevivência que os animais tinham que travar contra um clima gélido e rajadas de vento que passavam dos 100 km/h. Entretanto essa impressão foi se esvanecendo e, principalmente, quando começou a travar um maior contato com as populações humanas e animais que viviam nessa região, o geógrafo russo começou a questionar a validade dessa teoria para as planícies geladas da Sibéria.

Essa crítica aos postulados científicos darwinistas deveu-se em grande medida a sua amizade com o zoólogo russo Poliakov, que o acompanhava nas pesquisas de campo empreendidas para o conhecimento mais sistemático dessa região. Como o próprio Kropotkin (apud Woodcock; Avakumovic, 1978, p.79, tradução nossa) afirma:

> Recordo a impressão que me produziu a fauna siberiana quando explorei as regiões de Vitim em companhia de um zoólogo tão competente quanto o meu amigo Poliakov. Ambos estávamos

> impressionados pela nossa recente leitura de *A origem das espécies*, mas buscávamos em vão a tão falada competição entre os animais da mesma espécie que a leitura da obra de Darwin nos havia predispostos a encontrar... Vimos muitos casos de adaptação à luta, muito comum, contra as circunstâncias adversas do clima ou contra diversos inimigos, e Poliakov escreveu mais de uma boa página sobre a dependência mútua.[15]

Nesse excerto, percebemos que já se inicia uma desilusão de Kropotkin com algumas asseverações de Darwin.

Na Sibéria a prevalência da cooperação entre os indivíduos pode significar das poucas estratégias de sobrevivência do reino animal. A luta pela sobrevivência, base do pensamento darwinista, aparentemente não possui muita visibilidade nas planícies siberianas. Ela tem grande fundamento nas regiões tropicais, onde o clima mais ameno e a grande abundância de alimentos permitem uma maior adaptação, e assim os mais fortes tendem a se perpetuar geneticamente.[16] Será essa forma de compreender a evolução das espécies que Kropotkin levará para a Europa Ocidental, e que, a partir de vários de seus artigos, passará a ser de conhecimento científico.

Para o geógrafo russo, uma das principais críticas realizadas contra o trabalho seminal de Darwin tinha como referência a presença marcante das ideias malthusianas, o que dificultava a visualização de qualquer traço de solidariedade na Natureza. Não significa que Kropotkin negasse totalmente qualquer espécie de luta na natureza. Pelo contrário, o geógrafo russo compreendia que a luta pela sobrevivência era um fato consumado quando se analisava a competição

---

15 *"Recuerdo la impresión que me produjo la fauna siberiana cuando exploré las regiones de Vitim en compañía de un zoólogo tan competente como mi amigo Poliakov. Ambos estábamos impresionados por nuestra reciente lectura de Origen de las Especies, pero buscamos en vano la marcada competencia entre animales de la misma especie que la lectura de la obra de Darwin nos había predispuesto a encontrar... Vimos muchos casos de adaptación a la lucha, muy a menudo común, contra las circunstancias adversas del clima o contra diversos enemigos, y Poliakov escribió más de una buena página sobre la dependencia mutua."*

16 Mais detalhes ver Gould (1988).

entre espécies diferentes. Entretanto, questionava-a, pois, para ele, quando uma espécie animal procurava sobreviver em um ambiente hostil, a cooperação era a estratégia mais comum de se opor às intempéries, e não a competição.

Apontar que a cooperação prevalecia sobre a competição, como vimos, era uma proposta muito difundida nos ambientes científicos russos, e Kessler influenciou uma geração de intelectuais, caso de Kropotkin.

Interessante anotar que o próprio Darwin discutiu a cooperação entre os animais, mas diferente de Kessler e Kropotkin não achava-a superior à luta pela sobrevivência como um fator na evolução das espécies. Em uma passagem em *A origem das espécies*, em que vai discutir a expressão da luta pela sobrevivência em um sentido mais largo, diz: "A erva-de-passarinho depende da macieira e de outras árvores para sobreviver; no entanto, apenas em sentido figurado se poderia dizer que ela luta pela sobrevivência com essas árvores, uma vez que, se muitos parasitas crescerem no mesmo tronco, a árvore que os abriga vai definhar até morrer" (Darwin, 2014, p.92). Embora não usasse um termo mais apropriado para descrever a solidariedade entre os seres vivos, fica patente nesse pequeno comentário que a luta pela sobrevivência ocorre, neste caso específico, tendo a cooperação como ponto-chave. Então, no que a visão de Kropotkin sobre a evolução das espécies difere das anteriores? Creio que pela sua opção política ao anarquismo e, posteriormente, por ser ele um dos principais ideólogos do anarcocomunismo.

Isso fica evidente quando analisamos alguns trabalhos do autor a partir da década de 1880, quando a defesa de uma sociedade baseada na livre organização, no federalismo e na igual repartição das riquezas começa a se tornar rotina nos seus escritos políticos. Um dos principais textos desse período, *A conquista do pão*, de 1888, é um exemplo dessa guinada de Kropotkin para aquilo que se convencionou chamar de comunismo libertário.

Embora chegasse ao anarquismo pelas leituras que realizou, primeiro de Proudhon e depois de Bakunin, é fato que a sua postura comunista iria ser o grande diferencial.

Em um de seus artigos, intitulado *O salário coletivista,* Kropotkin demonstra uma série de críticas ao coletivismo, anarquista ou não. Questionando um dos motes defendidos pelos militantes coletivistas, diz o geógrafo russo:

> "A cada um segundo o seu trabalho", dizem os coletivistas, ou, noutros termos, conforme a sua contribuição dos serviços prestados à sociedade. E este princípio recomendam-no para ser posto em prática desde que a revolução torne comuns os instrumentos de trabalho e tudo o que é necessário para a produção!
>
> Pois bem, se a Revolução social tivesse a desgraça de proclamar este princípio, seria travar o desenvolvimento da sociedade; seria abandonar, sem o resolver, o imenso problema social que os séculos passados nos legaram. (Kropotkin, 1975, p.209)

Para ele, não é possível construirmos uma nova sociedade se permanecem ainda os valores da antiga. Manter o trabalho remunerado baseado em uma suposta dedicação à sociedade significaria destruir o ímpeto revolucionário em nome de uma improvável justiça social.

Mesmo quando analisa a Comuna de Paris, vista por quase todos os socialistas como um movimento social e revolucionário mítico, Kropotkin ataca o aumento dos salários dirigido a algumas categorias (caso dos professores, por exemplo) como um dos motivos da própria dissolução da empreitada operária.[17]

O comunismo, para ele, basear-se-ia em uma abolição dos salários e da moeda. Nenhuma distinção de valor ocorreria entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Mais ainda, as pessoas viveriam em comunidades autogestionárias, em propriedades coletivas realizando trocas comerciais sem lucro, demonstrando na prática social que as maiores conquistas que a humanidade realizou só foram possíveis graças ao empenho coletivo e não ao mérito de algum indivíduo.

---

17 Mais detalhes ver Kropotkin (1975)

Essa sociedade comunista não seria mais dividida em classes, *status* ou quaisquer outras formas de hierarquia. Seria uma sociedade voltada para o bem comum no qual todos trabalhariam pensando não mais nos bens materiais que pudessem acumular (como ocorre no capitalismo).

Como ele próprio adianta:

> Suponha-se uma sociedade compreendendo muitos milhões de habitantes dedicados à agricultura e a outras indústrias várias, Paris, por exemplo, com o departamento de Sena-e-Olse. Suponha-se que nesta sociedade todas as crianças aprendem a trabalhar não só com os cérebros mas também com os braços. [...] Uma tal sociedade poderia garantir a todos os seus membros o bem-estar, isto é, um conjunto de comodidades e confortos mais estáveis e mais completos do que aqueles de que a burguesia hoje desfruta. (ibidem, p.126)

Se essas ideias conseguiriam se efetivar não cabe aqui na nossa discussão. Com certeza, malogros ocorreram, e a crença numa certa bondade do ser humano pode ser vista como exagerada, inclusive.[18] O que vemos nessas palavras é que, se todos trabalharem, os frutos do trabalho gerariam um bem-estar geral e não só para uma minoria, como ocorre hoje.

Se pudermos apontar um lugar onde as ideias de Kropotkin (mas não só) foram colocadas em prática, não temos dúvidas em afirmar que isso ocorreu na Espanha no período da guerra civil (1936-1939). Dentro de um movimento de luta contra o fascismo que se aproximava continuamente da Catalunha, da Andaluzia, de Aragão e de partes do Levante, práticas sociais autogestionárias foram constituídas, seja no campo ou nas cidades. Elas se desenvolviam baseadas no apoio mútuo, na expropriação de propriedades, no trabalho

---

18 Vários experimentos anarquistas tiveram a influência das ideias de Kropotkin. O caso mais conhecido é o da Colônia Cecília, comunidade autogestionária surgida no final do século XIX no Paraná.

cooperativo e na autogestão do trabalho; ou seja, princípios que eram defendidos por Kropotkin desde o século XIX.

O importante aqui é compreender que essas ideias anarcocomunistas defendidas por ele tornaram-se, nas últimas décadas do século XIX, os principais referenciais anarquistas, e o geógrafo russo seria alçado ao papel de um dos principais interlocutores deste movimento.

O fato que se vislumbra a partir dessas constatações acerca do pensamento kropotkiniano é que uma visão de natureza e homem aparece nos seus principais escritos.[19] E, nesse sentido, sua postura tem bastante semelhança com aquelas defendidas por Godwin em fins do século XVIII, nas quais o homem nasce bom e mal e as instituições políticas existentes têm um papel deletério em acentuar um dos lados. Logo, a mudança das instituições políticas por outras formas de organização menos centralizadas, propiciaria a constituição de um homem não mais voltado aos interesses egoístas, mesquinhos, fruto de uma organização social baseada na propriedade privada.

Os valores defendidos no anarcocomunismo de Kropotkin não se baseiam em ilações sobre como seria o ser humano em um futuro utópico. Ele procura demonstrar, a partir de fatos históricos, como essa presença mais comunal sempre fez parte da vida em sociedade, e que só recentemente, com o advento do Estado (principalmente após a Idade Média) e do capital (séculos XVI e XVII), é que foram subsumidas.

Ao defender a ideia do apoio mútuo como fator de evolução das espécies, Kropotkin demonstra que traços de vida em comunhão estão presentes também na organização dos vários seres vivos. A evolução das espécies compreendida por Darwin segundo o mote da sobrevivência do mais capaz, e defendida de forma veemente por um dos seus maiores discípulos T. Huxley, obrigaria Kropotkin a criticar essa postura a partir de suas crenças políticas.

Não se trata, pura e simplesmente, de achar que Kropotkin procurou inserir discussões anarcocomunistas em um debate científico,

19 Essa discussão realizaremos no Capítulo 4.

por exemplo ao estudar formigas, abelhas, aves, mamíferos etc. Mas sim que ele encontrava tanto nos reinos animal e vegetal, bem como na organização societária humana, traços de uma lógica comunalista e não apenas os aspectos de insolidariedade tão defendidos por aqueles que posteriormente dariam possibilidade ao surgimento do que se chamaria darwinismo social.[20]

De certa maneira, vai aparecer, em meados da década de 1880, duas fortes tendências científicas com postulados políticos bem definidos: de um lado, a defesa intransigente da luta pela sobrevivência e a presença dela na sociedade industrial, caso de Thomas Henry Huxley; e de outro, argumentando que tanto na vida animal quanto na humana predomina o apoio mútuo, acentuando os vários aspectos comunistas presentes, está a tese defendida por Piotr Kropotkin.

Então se, para Karl Kessler, como vimos, a questão política não era tão relevante nos debates científicos, para Kropotkin, vivenciando uma época de gestação de políticas segregacionistas e preconceituosas, era necessário contrapor-se ao *mainstream* científico, dominado por essas ideias, com uma postura social divergente.

O apoio mútuo deixa de ser apenas uma teoria científica e passa a ser também, nas palavras de Kropotkin, o carro-chefe de um debate anticapitalista. E na conclusão de uma de suas obras, quando demonstra a presença marcante dessa teoria na organização de todos os seres vivos, Kropotkin vai afirmar que:

> As espécies animais nas quais a luta individual foi reduzida a seus limites mais estreitos e nas quais a prática do apoio mútuo atingiu seu maior desenvolvimento são invariavelmente as mais numerosas e as que têm mais condições de progredir. A proteção mútua obtida nesse caso, a possibilidade de atingir idade avançada e de acumular experiência, o desenvolvimento intelectual mais elevado e a nova soma de hábitos sociais garantem a manutenção

20 Sobre o darwinismo social ver Leonard (2009).

> dessas espécies, sua extensão e evolução contínuas. As espécies não sociais estão, ao contrário, condenadas à decadência. (idem, 2012, p.237)

Enquanto, para Huxley, a competição, como lei natural dos seres vivos, propiciaria uma evolução constante das sociedades animais e humanas, já que os mais capazes ou os mais fortes vingariam, e os mais fracos e débeis pereceriam, para Kropotkin, ao contrário, seria a comunhão dos indivíduos que traria um maior avanço.

Compreendemos que as ideias de Kropotkin não foram adiante e ficaram restritas, praticamente, aos ambientes socialistas. E, nos dias atuais, a competição é vista como um dado natural na sociedade, não uma estratégia de organização ligada aos setores mais ricos, como argumentava Kropotkin. Importante até aqui é perceber de que forma as ideias defendidas pelo geógrafo russo foram ganhando visibilidade nos meios científicos do século XIX, e como se contrapunham a um modelo científico quase todo calcado na sobrevivência como uma guerra infernal.

Embora, como vimos, vários os intelectuais tenham discutido essa problemática, o fato dela ter estado atrelada por muito tempo aos pequenos círculos socialistas fez de Kropotkin o seu maior divulgador.

Ao iniciarmos um debate sobre a postura científica e política de Kropotkin a respeito do apoio mútuo, percebemos as contribuições que o geógrafo russo agregou a uma prática científica quase que toda ela ainda centrada nas regiões geográficas dominadas pelos povos eslavos. Exilado por suas convicções políticas e sociais, Kropotkin, por meio dessas ideias, procurou dialogar com e criticar os postulados darwinistas presentes na Europa Ocidental. E seus debates foram uma prova de fogo tanto para a luta pela sobrevivência quanto para o apoio mútuo. Por isso, passamos agora a entender melhor essas querelas científicas e as influências que elas terão sobre o mundo acadêmico e/ou político do final do século XIX e início do século XX.

3
Piotr Kropotkin versus Thomas Huxley: a crítica anarcocomunista ao pensamento único darwinista

Na história das ciências, o debate acadêmico é o momento definidor da supremacia de uma teoria. É quando intelectuais procuram defender as suas teses, e aquela que demonstrar maior evidência e um perfil empírico mais sólido se torna dominante entre os pares. Pensar dessa forma pode ser confortador, já que indica uma coerência nas ciências, cujos resultados seriam apenas e tão somente frutos de pesquisas bem-sucedidas.

Embora encontremos momentos na evolução das ciências no quais um modelo teórico tenha preponderado pelas suas qualidades, nem sempre o debate científico aparenta ser tão puro. Para Marx (1999, p.72),

> As ideias (*Gedanken*) da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a elas sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, às ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual.

Concordando com a frase acima, pensamos que a defesa do mote "luta pela sobrevivência" contra aqueles que encampavam vários aspectos do apoio mútuo não foi apenas a vitória de uma teoria contra outra. Mais do que isso, para nós, a teoria evolucionista de Darwin e a afirmação de seu principal argumento significava a vitória daqueles que defendiam um capitalismo selvagem contra os que apoiavam a causa dos trabalhadores, naquele momento impulsionada por diversas teorias socialistas.

Conforme Marx aponta no pequeno excerto citado, as ideias da classe dominante caminham ao lado das ideias científicas. Elas também são o principal meio de sustentação social a favor desse interesse de classe. Em contrapartida, as ideias contrárias ao sistema econômico buscam apontar, ainda que de forma secundária, a capacidade da classe dominada em criar seus próprios modelos.

Ainda que não tenhamos a intenção de fechar questão acerca da luta de classes sociais nessa querela científica, acreditamos que as ideias defendidas por Huxley fortalecem um discurso social atrelado à naturalização do capitalismo. Não significa que as análises de Kropotkin sobre o darwinismo sejam exclusivas no movimento socialista. Marx, ao ler *A origem das espécies*, percebeu nuances diferentes daquelas do geógrafo russo e, ao defender a luta pela sobrevivência, elogiou o trabalho do naturalista inglês, baseado numa perspectiva que ao filósofo alemão era muito cara: a luta de classes. Em uma carta a Darwin, Marx (apud Colp Jr., 1974, p.330, tradução nossa) vai afirmar que: "O livro de Darwin, muito importante e com base nas ciências naturais, serve-me para a luta de classes".[1]

Naquilo que posteriormente Kropotkin veria como a defesa do sistema capitalista, Marx enxergava a confirmação da sua teoria sobre o progresso humano: a luta de classes. Se a carta de Marx a Darwin corrobora aspectos do evolucionismo centrado na luta pela sobrevivência, no caso das de Marx ao seu companheiro de trabalho intelectual, Friedrich Engels, estão presentes várias críticas às

1 *"Darwin's book is very important and serves me as a basis in natural science for the class struggle."*

propostas malthusianas constantes na teoria da evolução.[2] O importante nesse debate é demonstrar como esses autores estavam sintonizados com as disputas ideológicas que permeavam as várias teorias científicas, apoiando ou não seus principais motes.

Para nós, compreender o debate entre Huxley e Kropotkin, tendo como antessala as divergentes propostas sociopolíticas destes autores, contribui para deslindarmos um momento tão marcante no século XIX e que hoje é praticamente desconhecido, seja por biólogos, geógrafos, cientistas sociais etc. Nosso foco último é demonstrar de que maneira as ideias desenvolvidas pelo geógrafo russo dão suporte a suas análises sobre a relação campo-cidade, indústria, imperialismo e tantas outras tão comum ao ideário geográfico.

Partir dessa disputa que, a nosso ver, determinará a sedimentação das grandes áreas do pensamento universal nos possibilita compreender, inclusive, de que maneira a ciência e a academia estão organizadas nos dias atuais, quando reina quase sem nenhum combate externo um produtivismo estéril.

Antes mesmo de adentrarmos nas principais discussões científicas, seria interessante apontarmos alguns aspectos da biografia daquele que seria reconhecido como um dos principais e melhores divulgadores da obra de Darwin: Thomas Huxley.

Thomas Huxley, ou apenas T. Huxley, nasceu em Earling, um distrito de Londres, no ano de 1825, filho de um professor de Matemática, George Huxley, e de uma dona de casa, Rachel.[3] Ainda que graças ao pai recebesse as primeiras letras em casa, foi o autodidatismo que marcou a sua vida adolescente, sendo que, como estudante ouvinte no Charling Cross Hospital, foi agraciado com uma medalha por seus trabalhos sobre Fisiologia e Química Orgânica. Aos 20 anos, conseguiu passar nos exames inicias da Universidade de Londres, ganhando medalha de ouro em Anatomia e Fisiologia.

---

2 Mais detalhes ver Colp Jr. (1974, p.330).

3 Essa biografia está baseada no verbete da *Britannica Online Encyclopedia*, acesso em 9 out. 2015.

O fato que mexeu muito com sua vida foi à viagem a Austrália e Nova Guiné, como assistente de cirurgião, quando então tomou contato com vários invertebrados marinhos, como hidras, caravela portuguesa, medusas. Após alguns anos de seu retorno à Inglaterra, Huxley começou a ensinar História Natural e Paleontologia na Royal School of Mines, ocupando também cadeiras na Royal Institution e na Royal College of Surgeon, bem como organizando palestras públicas aos operários interessados nas ciências emergentes.

Em 1856, inicia uma amizade com Charles Darwin e, principalmente, torna-se um dos maiores defensores da teoria sobre a evolução, pontuando a importância das ideias darwinistas na superação dos principais problemas apresentados por seus antecessores evolucionistas.

Um dos momentos mais importantes e, por isso, seminal para a própria consolidação das ideias de Darwin ocorreu no debate que Huxley travou com o bispo anglicano da cidade de Oxford, Samuel Wilbeforce. Essa querela científica ocorreu na British Association for the Advabcement of Science e pautou-se na tentativa de Wilbeforce, clérigo conservador, tentar demonstrar a ineficácia da teoria da evolução proposta por Darwin. O ponto mais importante ocorreu quando o bispo anglicano, como forma de ridicularizar a teoria, perguntou a Huxley se os avós dele eram macacos.

Huxley, embora um jovem de 35 anos, estava bastante consciente da importância da consolidação das ideias de Darwin em uma das principais entidades científicas britânica. Logo, dar uma resposta contundente poderia significar a solidificação da proposta darwinista nos meios acadêmicos. Não se sentindo constrangido por algumas risadas surgidas na plateia quando da indagação de Wilbeforce, respondeu, calmamente, que preferiria ser descendente de macacos a de um bispo que usava seu poder para ridicularizar um debate científico. É importante frisar que ambos já se conheciam e se respeitavam, pois tinham trabalhado juntos em outras empreitadas, como as ocorridas na Sociedade Zoológica. E, mesmo depois desse encontro mais controverso, continuaram amigos.

A participação constante de Huxley em debates científicos tornou-o bastante popular, sendo que realizava palestras, na Inglaterra ou no exterior, para um público superior a 2 mil pessoas.

Em 1869, abandonando quase que por completo sua formação religiosa, cunhou o termo agnosticismo; ou seja, acreditava que ninguém era capaz de ter completa certeza sobre as coisas imateriais, já que estas iam muito além da capacidade humana de compreensão.

Um dos últimos e principais trabalhos de T. Huxley, *The Struggle for Existence in Human Society*, teve grande impacto nos meios acadêmicos ao sugerir que os seres humanos estariam destinados pelo processo evolucionário a competirem indefinidamente, argumentando, inclusive, contrariamente a qualquer ideologia social. Para alguns biógrafos de Huxley, esse trabalho pode ser descrito como um dos primeiros artigos defensores daquilo que no final do século XIX seria conhecido como darwinismo social.

Na década de 1890, já com mais de 65 anos, Huxley começaria a sofrer os impactos de viver por muito tempo em Londres, onde reinava cotidianamente o *smog*, uma mistura de vapor de água com poluição. Sofrendo constantemente com doenças do coração e do pulmão, foi obrigado a se mudar com a família para Eastbourne, arredores de Sussex. As doenças se agravariam, e, em 29 de junho de 1895, Huxley sofreu uma parada cardíaca fulminante, vindo a falecer. Seu enterro ocorreu em 4 de julho daquele mesmo ano no St. Marylebone Cemetery, com a presença de eminentes cientistas da época.

Thomas Huxley teve enorme papel na divulgação do darwinismo, visto que o próprio autor de *A origem das espécies*, sendo bastante tímido, raramente aparecia para defender suas considerações científicas, cabendo ao seu correligionário essa tarefa.

Neste trabalho, não temos a intenção de esmiuçar a obra deste autor, ainda com poucas traduções para a língua portuguesa. Nossa preocupação é situar um debate que ocorria nos meios acadêmicos na década de 1880-1890 entre ele e Kropotkin, e assim demonstrar um dos motivos que levaram o geógrafo russo a publicar uma de suas principais obras: *O apoio mútuo – um fator de evolução*.

Uma questão interessante para pensarmos sobre as obras publicadas por Huxley e Kropotkin refere-se ao momento histórico e aos reflexos que este pode ter tido sobre as defesas empreendidas pelos dois autores. A principal obra de Huxley que defende a luta pela existência nas sociedades humanas foi publicada em 1888,[4] enquanto a de Kropotkin, publicada como livro em 1902, foi inicialmente uma série de artigos escritos para a revista *Nineteen Century,* entre os anos de 1890 e 1896.

A decisão política mais importante da década de 1880 e que poderia, de alguma forma, ter sofrido a influência do darwinismo foi a Conferência de Berlim realizada entre os anos de 1884 e 1885. Esse encontro serviu para que as nações europeias dividissem a África e a Ásia entre si, processo imperialista iniciado com as primeiras incursões portuguesas ainda nos séculos XV e XVI.

Embora não saibamos se as ideias dessas conferências tiveram a influência de Huxley, o fato é que, em um artigo publicado em 1865, ele destaca uma possível diferença cognitiva entre negros e brancos, inclusive apontando uma suposta superioridade do segundo grupo: "Pode ser muito verdadeiro que alguns negros sejam melhores do que os homens brancos; entretanto nenhum homem racional, conhecedor dos fatos, acredita que o negro, médio ou superior, seja igual ao médio homem branco" (Huxley, 2011, p.67, tradução nossa).[5] Apontando, posteriormente, no mesmo texto que, em um concurso de mordidas, quem sabe, o negro levaria vantagem, Huxley deixa

---

4 É importante frisar que, ao escolhermos compreender a publicação desses trabalhos à luz do momento político, não estamos descartando, como formadoras de seu pensamento, as questões familiares (morte de uma filha doente um pouco antes da publicação do artigo) ou a constituição intelectual de Huxley, que, vivendo em uma Inglaterra vitoriana marcada pelo rápido processo de industrialização e êxodo rural, poderia ter sido induzido a acreditar piamente em uma visão pessimista sobre a influência dos fatores ambientais na evolução humana. Mais detalhes sobre essas influências na elaboração desse importante artigo ver Dugatkin (2006).

5 *"It may be quite true that some negroes are better than some white men; but no rational man, cognizant of the facts, believes that the average negro is the equal, still less the superior, of the average white man."*

claro no final deste parágrafo que os estrados mais altos da civilização humana nunca serão ocupados pelas pessoas de pele mais escura. Longe de afirmarmos que existe uma conexão entre o imperialismo europeu e as ideias darwinistas defendidas por Huxley, o fato é que uma boa parte da intelectualidade britânica pode ter se utilizado dos pressupostos huxleynianos para justificar o avanço europeu.

A conferência de Berlim (1884-1885) se enquadra em um evento que justificaria as ideias da "sobrevivência do mais capaz", quando a "entrada" de uma "raça branca" superior nesses continentes significaria, mais do que opressão, um fato decisório para a implementação de um ideário "civilizatório" em outras regiões do planeta.

Interessante perceber que o momento histórico é propício para a hegemonia das ideias de Charles Darwin, que eram avaliadas e defendidas por intelectuais de peso não só como Huxley, mas também Spencer,[6] corroborando a penetração europeia em outros continentes. Logo, a repulsa do morador local contra essa investida deveria ser combatida por todos os meios, visto que ela atrapalharia o curso natural da história.

O darwinismo defendido por T. Huxley se adequava a uma visão de mundo que defendia abertamente as "conquistas" territoriais europeias na Ásia e na África. Não se tratava apenas de apontar as mudanças que a seleção natural ocasionaria na evolução das espécies, mas de determinar o que ela trouxe para o surgimento de uma importante divisão racial entre os homens. E, essa divisão entre raças justificaria o massacre de uma sobre as demais.

Essa dinâmica de compreensão baseada em uma completa cisão na humanidade entre capazes e não capazes estaria sendo justificada por aqueles que viam o imperialismo europeu não apenas como uma demonstração de força, mas um necessário processo civilizatório. E se Kropotkin critica ferozmente esses pressupostos darwinistas

---

6 Como aponta Dennis (1995, p.244), Herbert Spencer foi o primeiro intelectual influenciado por Darwin a cunhar o termo "sobrevivência do mais capaz", apontando que, da mesma forma que os seres vivos, os homens são governados pela seleção natural.

defendidos por uma grande parte da intelectualidade britânica, outros importantes geógrafos, como Friedrich Ratzel e Vidal de La Blache, de certa forma, aceitavam-nos como uma etapa inexorável do desenvolvimento humano.

Só a título de exemplificação, deixamos abaixo dois trechos que demonstram isso. O primeiro do geógrafo francês sobre a importância da Geografia no ensino primário, e o segundo acerca da visão ratzeliana desse processo neocolonialista

> Assinala as condições e deixa à competição, lei universal dos seres vivos, o cuidado de obter resultados. [...] Daí surge a necessidade que tem cada povo de informar-se seriamente dos recursos próprios que ele traz à luta. [...] Para isto, a Geografia é também uma boa conselheira. (La Blache, 2008 [1943], p.21)

> A organização de uma sociedade depende estreitamente da natureza de seu solo, de sua situação; o conhecimento da natureza física do território (*pays*), de suas vantagens e de seus inconvenientes, resulta então na história política.
> [...] a aquisição de um território novo, ao obrigar os povos a empreender novos trabalhos, estendendo seu horizonte moral, exerce sobre eles uma ação verdadeiramente libertadora. (Ratzel, 1983, p.99)

Vemos, nos dois trechos, a defesa incondicional da supremacia de um povo sobre o outro. Levando-se em consideração a origem de ambos e que estes foram porta-vozes da implementação da Geografia como uma disciplina escolar de extrema importância para a consolidação dos Estados-Nações, não seria de todo equivocado argumentar que uma supremacia europeia é defendida nos dois excertos.

As ideias darwinistas ganham outro aspecto. Elas explicariam a supremacia de uma raça sobre a outra, a defesa do território e a necessária incursão europeia nos continentes africano e asiático.

Não se trata apenas de um aspecto racial, mas também territorial. A dominação territorial deve ocorrer para que os recursos naturais possam ser "adequadamente" utilizados pelas potências europeias

e com isso contribuir para uma suposta "libertação" dos povos conquistados. A dominação também é uma forma de libertação, pois produz um uso mais racional desses recursos, até então quase sem utilidade econômica para os povos autóctones.

O pensamento eurocêntrico fica mais evidente e cruel quando analisamos alguns manuais de Geografia das escolas brasileiras do final do século XIX:

> **Raças humanas**
> A sciencia que estuda as raças dá-se o nome de ethnografia. A classificação das raças funda-se especialmente nas differenças physicas e na diversidade de línguas e de costumes dos povos. As differenças physicas são determinadas pelo clima, gênero de vida e costumes e nada provam contra o grande princípio social e religioso da unidade da espécie humana. Os homens formam, portanto, uma única espécie que se divide em cinco raças principaes. 1ª raça branca, 2ª raça amarella, 3ª raça preta ou negra, 4ª raça malaica e 5ª raça americana. De todas a mais inteligente, civilizada, activa e poderosa é a raça caucaseana e as menos civilisadas é a negra.
>
> **Civilisação**
> Os povos segundo o seu adiantamento e progresso dividem-se em três grandes classes: selvagens, bárbaros e civilisados. Os selvagens tem culto grosseiro, adoram o vento, o fogo, o sol, etc.; não conhecem as artes e vivem da caça e pesca; algumas tribus são antropophagas. Os povos civilisados conhecem todas as artes mechanicas, cultivam as sciencias e as letras. Eles tem argumentado, pelas suas luzes e inteligencia, pela sabedoria de suas leis, por sua indústria e pelo commércio, as commodidades e confortos da vida, contribuindo para torná-la mais doce e mais feliz. (Amaral, 1890 apud Ferracini, 2012, p.160)

Dentro de uma linha de pensamento que parte de Huxley, passa por Ratzel e La Blache e chega às escolas brasileiras, percebemos o uso de termos e conceitos muito comuns à época.

Não se trata de afirmar categoricamente que a influência de Huxley é determinante no pensamento dos geógrafos europeus e destes no pensamento de Tancredo do Amaral, um dos primeiros autores de livros didáticos de Geografia. Mas queremos demonstrar que, ao universo científico desse período, Kropotkin aparece de forma bastante inusitada aos defensores do processo neocolonialista que ganharia ares organizacionais com a Conferência de Berlim de 1884-1885.

Mesmo que não possamos imputar a Thomas Huxley a culpa dos massacres que surgiriam no curso do processo colonialista europeu (caso da invasão alemã na Namíbia quando aproximadamente 100 mil hereros e namaques foram mortos pelas tropas comandadas por Lothar Von Trotha),[7] a defesa intransigente que o naturalista inglês fazia da luta pela sobrevivência funcionaria como uma "pedra filosofal" burguesa no que tange à naturalização do sistema do capital.[8]

Para uma melhor compreensão das ideias de Huxley acerca da seleção natural e suas implicações na evolução humana, realizaremos uma análise de duas obras sobre a transformação do homem pela seleção natural: *The Struggle for Existence in Human Society* e *Evolution and Ethics.* Publicado em 1888 na revista *Nineteenth Century,* o primeiro artigo teve uma grande repercussão nos meios acadêmicos britânicos, visto ampliar a visão darwinista da vitória do mais capaz aos seres humanos.

Quando Piotr Kropotkin leu o artigo se sentiu chocado com as afirmações ali encontradas e, na sua autobiografia, afirmou:

---

7 Mais detalhes sobre esse massacre ver Adhikari (2008).

8 Interessante perceber que Kropotkin, em sua autobiografia, relaciona a tese da luta pela sobrevivência como uma possível justificativa para o ataque europeu aos outros continentes. Diz o geógrafo russo: "É sabido a que conclusões a forma de Darwin, 'A luta pela existência', arrastou a maioria dos darwinistas, mesmo os mais inteligentes, como Huxley. Hoje em dia não há infâmia cometida na sociedade civilizada ou nas relações dos brancos com as raças ditas inferiores, ou dos 'fortes' contra os 'fracos' que não encontre a sua justificativa nessa fórmula" (Kropotkin, 1946, p.468).

> Quando Huxley publicou em 1888 o seu terrível artigo "A luta pela existência: um programa" resolvi reunir sob uma forma literária o material que havia acumulado durante dois anos e acrescentar as objeções que tinha a fazer à sua maneira de conceber a luta pela vida tanto entre os homens como entre os animais. Falei sobre isso aos meus amigos, mas compreendi que a "luta pela vida" interpretada como um grito de guerra à infelicidade dos fracos e elevada à altura de lei natural, consagrada pela ciência havia lançado raízes tão profundas na Inglaterra que se tornaria praticamente um dogma. (Kropotkin, 1946, p.468-9)

E a impressão que fica ao leitor após o término da análise do texto de Huxley é de que, embora estejamos organizados em sociedade há vários séculos, a luta feroz pela sobrevivência ainda é o principal substrato formador do homem.

Sendo um texto relativamente curto (41 páginas segundo a edição original de 1894), podemos dividi-lo em três temáticas principais:

1) A primeira parte (e para nós a principal) reflete sobre o papel da natureza (como algo separado do homem "civilizado") na evolução dos seres vivos (incluso os seres humanos), e aponta que a luta pela sobrevivência é o principal mecanismo desse processo. A partir dessa inferência, Huxley procura apresentar a luta extraespécies como algo normal, e que a presença de um olhar mais "moral" nessas disputas ocorre entre os homens com "melhor" organização social, caso dos britânicos, visto que a natureza não é imoral, é apenas e tão somente amoral. O olhar humano sobre essa luta enviesa a forma de compreendermos o processo evolutivo entre os seres vivos, como quando uma suposta vitória do indivíduo mais fraco (cervo, por exemplo) sobre o mais forte (como um lobo) devesse ser "comemorada".
2) Como complemento à primeira parte, Huxley, conforme vamos avançando as páginas, busca em Malthus e no malthusianismo uma explicação científica para essa disputa entre

os seres vivos. Nesse sentido, procura defender um discurso econômico liberal perante a ação deletéria de um Estado que nem sempre consegue determinar uma vida mais igualitária para todos.

3) Por fim, Huxley procura discutir o sistema educacional de sua época, apontando as vantagens (tanto para empregados quanto para empregadores) da constituição de escolas técnicas voltadas ao mercado de trabalho, possibilitando um padrão de vida superior para as classes menos abastadas.

A partir dessa pequena explanação, vamos agora destacar alguns fatos que possam elucidar a visão predominante de Huxley sobre a evolução das espécies. Para tal êxito, vamos ressaltar algumas passagens do texto, tecendo alguns comentários breves sobre a visão deste autor.

Uma das principais questões levantadas por Huxley é sobre o papel da natureza no processo de evolução dos seres vivos. Tendo como base o mote "os fins justificam os meios", defende a luta feroz entre os indivíduos: "Pelos evolucionistas, de outra forma, com muita tranquilidade diz-se que a terrível luta pela existência tende a um final feliz e que o sofrimento dos ancestrais será compensado pela crescente perfeição de seus descendentes" (Huxley, 1894, p.198-9, tradução nossa).[9] Logo, para Huxley, demonstrar a benevolência como um fator superior entre os aspectos evolucionistas científicos é incorrer em um seríssimo erro.

A natureza é soberana sobre as paixões e sentimentos humanos, impor uma perspectiva moral sobre ela não contribui para um melhor entendimento desse processo evolutivo. O sofrimento pode ser visto como um aspecto favorável às mudanças: "os homens que possuem qualquer virilidade acham a vida muito valiosa quando vivem-na sob as piores condições" (ibidem, p.202, tradução nossa).[10]

---

9 *"On the evolutionist side, on the other hand, we are told to take comfort from the reflection that the terrible struggle for existence tends to final good, and that the suffering of the ancestor is paid for by the increased perfection of the progeny."*

10 *"Men with any manhood in them find life quite worth living under worse conditions..."*

Ainda nessa perspectiva, Huxley demonstra que os aspectos morais surgiram em pessoas que estavam em um processo civilizatório mais avançado (caso do inglês), subsumindo àqueles baseados em uma metodologia científica. Entretanto, isso não ocorria com todos os seres humanos, visto que entre os mais "atrasados" os aspectos morais eram inexistentes: "É demais desejável, senão necessário, afirmar que a sociedade e a natureza diferem pela questão moral; o homem ético – membro de uma sociedade ou cidadão – sempre se contrapõe ao não ético – o selvagem primitivo, ou o homem enquanto um mero membro do reino animal" (ibidem, p.203, tradução nossa).[11]

Ao apontar essa diferenciação entre os seres humanos "civilizados" e aqueles que supostamente estão ainda em estado natural, Huxley corrobora uma gama de intelectuais que defendiam peremptoriamente a superioridade europeia sobre os povos de outras regiões do planeta. Avançando nesse debate, ele naturaliza o sistema capitalista, entendendo-o como algo intrínseco ao processo evolutivo. Para justificar essa separação entre os homens e a presença de uma sociedade capitalista nos países mais avançados, utiliza, largamente, as proposições do pároco britânico Malthus.

Igual a seu compatriota, nega a validade científica das utopias sociais, pois elas não condizem com um perfil competitivo que molda homens e mulheres civilizados: "Enquanto a multiplicação for ilimitada, será uma perda de tempo idealizar uma organização social com distribuição de renda, livrar a tendência da sociedade de se autodestruir na sua forma mais intensa, visto que a luta pela sobrevivência é o objetivo da sociedade" (ibidem, p.211-2, tradução nossa).[12]

---

11 *"In the more desirable, and even necessary, to make this distinction since society differs from nature in having a definitive moral object; whence it comes about that the course shaped by the ethical man – the member of society or citizen – necessarily runs counter to that which the non-ethical man – the primitive savage, or man as mere member of the animal kingdom – tends to adopt."*

12 *"So long as unlimited multiplication goes on, no social organization which has ever been devised, or is likely to be devised, no fiddle-faddling, with the distribution of wealth, will deliver society from the tendency to be destroyed by the reproduction within itself, in its in tensest form, of that struggle for existence the limitation of which is the object of society."*

Depois de justificar uma naturalização da luta pela sobrevivência entre os homens, a partir de pressupostos liberais calcados na teoria populacional de Malthus, Huxley defende a presença de uma educação técnica profissional voltada, especialmente, para as classes mais pobres. Essas escolas seriam um projeto importante no que tange à melhoria das classes operárias, visto que estariam em um sistema educacional voltado para os interesses das indústrias locais. Assim, os alunos aprenderiam uma profissão ligada aos interesses da classe patronal, proporcionando uma maior produtividade destas empresas em comparação às indústrias existentes em outras partes da Europa.

Percebemos, a partir desse trabalho, que Huxley, como Darwin, acreditava piamente na teoria populacional de Malthus e a aplicava ao meio natural. Huxley acentuava a seleção natural no cotidiano dos seres vivos (e da luta entre as espécies e não intraespécie) para reafirmar o capitalismo, alçando esse sistema econômico a um grau de naturalização extrema. Ao fazer isso, o conhecido "buldogue" de Darwin compreendia as tendências socialistas como antinaturais, já que a luta pela sobrevivência que ocorria no cotidiano fabril inglês estaria calcada nas premissas darwinistas e não, como entendiam os socialistas, nos efeitos de uma sociedade pautada pela desigualdade social.

Seu o artigo *Evolution and Ethics* procura discutir se é factível a existência de uma ética solidária no decurso de um processo de evolução, caracterizado por uma luta pela sobrevivência e pela vitória do mais capaz. Baseando-se, mais uma vez, nas análises malthusianas, Huxley demonstra que, no mundo animal, a presença de uma ética solidária que se contraponha a "natural" luta entre os seres vivos nunca ocorrerá e, se o homem tentasse bloquear qualquer tendência ligada à competição entre os indivíduos, a luta, por fim, retornaria lentamente. Huxley ademais esclarece que, se alguma cooperação existe entre os insetos (abelhas e formigas, por exemplo), ela ocorre, pois todos os membros são obrigados a alimentar a rainha.

Nesse sentido, o naturalista procura afirmar que a cooperação é digna das sociedades onde todos perderam seu lado individual, aceitando passivamente a função que a natureza lhes deu: "essa

sociedade é produto direto de uma necessidade orgânica, obrigando a que cada membro aja tendendo ao bem do todo. Cada abelha tem seu dever e nenhum direito" (idem, 2009, pp.24-5, tradução nossa).[13]

A ideia de uma sociedade humana comunalista na qual a cooperação predominasse sobre a competição é inviável para ele, pois, ao ter livre-arbítrio, o homem abandona rapidamente qualquer tendência social e pensa apenas nos seus interesses individuais.

Apontando a máxima cristã de negar a violência a qualquer custo como antinatural e ineficaz, diz Huxley em um longo trecho:

> Estritamente observado, a "regra dourada" é a negação da lei, ao recusar em se colocar contra os infratores; e no que diz respeito às relações externas de uma política, é a recusa de admitir a luta pela existência. Ela pode ser obedecida, mesmo parcialmente, somente sob a proteção de uma sociedade que a repudia. Sem tal proteção, os seguidores da "regra dourada" poderiam entregar-se às esperanças de um paraíso, com a certeza de que outras pessoas seriam as donas da Terra. (ibidem, p.32-3)[14]

Nesse fragmento, fica expresso que Huxley até admite uma sociedade mais harmônica, com maior igualdade social e econômica. Entretanto, vê essa possibilidade como ineficiente, pois, ao não punir os que não se ajustam, estaria fadada a ser implodida. A solidariedade humana levada às últimas consequências nunca conseguiria vingar, pois teria a tendência de ser subsumida pelo comportamento competitivo.

---

13 *"Now this society is the direct product of an organic necessity, impelling every member of it to a course of action which tends to the good of the whole. Each bee has its duty, and none has any right."*

14 *"Strictly observed, the 'golden rule' involves the negation of law by the refusal to put it in motion against law-breakers; and, as regards the external relations of a polity, it is the refusal to continue the struggle for existence. It can be obeyed, even partially, only under the protection of a society which repudiates it. Without such shelter, the followers of the 'golden rule' may indulge in hopes of heaven, but they must reckon with the certainty that other people will be master of the earth."*

Ao compreender como algo impossível a predominância de uma visão ética de compartilhamento nas sociedades humanas, o naturalista avança apontando que o principal corolário das comunidades de seres vivos (humana, inclusive) sempre será a luta pela sobrevivência.

> Eu apontei que as sociedades humanas tiveram a sua origem nas necessidades orgânicas expressas pela imitação e pelas emoções simpáticas; e que as sociedades em que os homens praticavam uma cooperação estreita levavam vantagem sobre aquelas que nas quais vigorava a luta pela sobrevivência. Entretanto, a partir do momento que cada homem retivesse para si as faculdades, mais ou menos, comuns, e principalmente, um pleno desejo de autossatisfação, a luta pela existência poderia ser gradualmente eliminada. (ibidem, p.35, tradução nossa)[15]

Para ele, a satisfação individual seria superior ao bem comum, mesmo em qualquer sociedade baseada em organização igualitária, visto que as necessidades particulares aflorariam inexoravelmente. Não se tratava de ser ético ou não. A luta pela sobrevivência não era uma escolha pessoal ou organizacional. Ela era o principal fator da seleção natural e o que propiciaria o surgimento de descendentes muito melhores do que os seus progenitores.

Embora Huxley abertamente defendesse o mote da teoria evolucionista, como vimos, aparece na obra do naturalista inglês evidências de que o apoio mútuo também teria importância.

Se no livro *A origem das espécies* a presença da solidariedade é residual, em outra obra não menos importante como *A origem do*

---

15 *"I have pointed out that human society took its rise in the organic necessities expressed by imitation and by the sympathetic emotions; and that, in the struggle for existence with the state of nature and with other societies, as part of it, those in which men were thus led to close co-operation had a great advantage. But, since each man retained more or less of the faculties common to all the rest, and especially a full share of the desire for unlimited self-gratification, the struggle for existence within society could only be gradually eliminated."*

homem e a seleção sexual ela é mais presente. Não se trata aqui de afirmar que em Darwin a perspectiva solidária era um fator predominante na evolução dos seres vivos, mas que ele não negava essa hipótese seja quando analisava os animais ou no caso da própria evolução humana. Um dos aspectos discutidos nessa segunda obra citada era entender o que era instinto e aprendizagem, e como os dois aspectos contribuíam ao longo do processo evolucionário.

Diferente de Alfred Wallace,[16] que acreditava que os instintos eram transmitidos a partir de um processo de aprendizagem, Darwin parecia ter alguma dúvida a esse respeito:

> Muitas vezes foi essa a primeira advertência que os viajantes recebiam de que o gelo estava começando a adelgaçar-se, tornando-se perigoso. Agora, pergunto: teriam os cães agido desse modo devido a experiência individuais, ao exemplo dos cães mais velhos e experientes, ou devido a um hábito adquirido, isto é, instinto? (Darwin, 2004, p.37)

Podemos compreender que, pela aprendizagem mútua, os animais vão passando às demais gerações quais os cuidados que devem ter para que consigam sobreviver e produzir descendentes. Obviamente que as considerações de Mendel sobre o papel da genética ainda não eram conhecidas pelos naturalistas, gerando ilações de ambos de como as habilidades eram adquiridas no meio natural e, principalmente, como eram transmitidas às próximas gerações.

Se no trecho citado a questão da solidariedade fica restrita aos membros de uma mesma espécie, em outros momentos da obra, Darwin parece ampliar essa percepção:

> Parece-me bastante racional a premissa de que qualquer animal dotado de bem marcados instintos sociais irá inevitavelmente adquirir um senso moral ou uma consciência, tão logo seus poderes intelectuais se tornem bem desenvolvidos, levando-o a alcançar um grau

16 Mais detalhes ver Jones, 2002.

de desenvolvimento próximo daquele que o homem hoje possui. Com efeito, em primeiro lugar, os instintos sociais levam um animal a experimentar prazer na companhia de seus companheiros, a sentir certo grau de solidariedade para com eles e prestar-lhes favores e serviços. (ibidem, p.53)

Ou, nesse caso, quando diz:

> Macacos órfãos são sempre adotados e criados com cuidado pelos outros do bando, sejam eles machos ou fêmeas. Era tal o instinto maternal de certa fêmea de babuíno, que ela não somente adotava jovens macacos de outras espécies, como roubava cãezinhos e gatinhos, levando-os consigo para criar. (ibidem, p.33)

Entendemos que, embora os traços mais definidores e propagados da obra darwiniana estejam intrinsecamente ligados à competição e a vitória do mais capaz, é inegável a presença de trechos nos quais predomina a solidariedade ou, como queria Kropotkin, o apoio mútuo.

Ainda que no ambiente científico europeu predominassem pesquisadores que defenderiam a luta pela sobrevivência como fator evolucionário (o que até hoje pauta grande parte das relações humanas) e que, mesmo em Darwin os aspectos solidários não fossem tão marcantes, é bom frisar que seus críticos sempre existiram.

Como vimos anteriormente, as asseverações de Huxley causaram enorme indignação a Kropotkin, já que moralmente defendiam a luta sanguinária entre os seres vivos e, cientificamente, não eram compatíveis com as pesquisas que o geógrafo russo empreendeu pelas regiões siberianas. Desta forma, defender a postura científica e moral de Huxley não era admissível, pois as pesquisas empíricas realizadas refutavam os argumentos defendidos pelo cientista britânico.

Para demonstrar os equívocos de Huxley, Kropotkin utiliza algumas ideias de Rousseau como contraponto, não se furtando a criticar as propostas inviáveis do filósofo francês: "O erro de Rousseau consiste esquecer completamente da luta com garras e dentes, e Huxley

o oposto; mas nem o otimismo de Rousseau nem o pessimismo de Huxley podem ser aceitos como uma interpretação imparcial e científica da natureza" (Kropotkin, 1989, p.42, tradução nossa).[17] Para o geógrafo russo, há um exagero na defesa da luta pela sobrevivência, visto que o próprio Darwin analisou esse pressuposto da seleção natural paralelamente àqueles que influenciavam a vida dos seres vivos a partir de uma perspectiva do apoio mútuo (ibidem).

A seleção natural tinha uma ação diferenciada, determinada pelas múltiplas condições ambientais existentes. Logo, analisar o processo evolucionário a partir das regiões tropicais não garantiria a construção de um *corpus* teórico universal capaz de explicar o fenômeno em regiões climáticas nas quais os animais sobrevivem em temperaturas baixíssimas. Como o geógrafo anarquista afirma, "a outra particularidade é que não encontrei, naqueles lugares mais isolados onde a vida animal parecia abundante, apesar de buscar seus traços sem trégua, a luta cruel pelos meios de subsistência entre os animais pertencentes a uma mesma espécie" (ibidem, p.28, tradução nossa).[18]

Se para Huxley a luta era inevitável entre os animais, incluso os seres humanos, e só os mais capazes gerariam descendentes, Kropotkin, tendo como base os seus estudos na região do Amur, chegava a uma conclusão completamente diferente. Não que negasse a luta pela sobrevivência. O geógrafo em vários momentos destaca a existência dessa luta. Ela ocorre principalmente contra as intempéries de um clima rigoroso e entre espécies diferentes, e não como defendia alguns arautos do darwinismo.

Alçar essa prerrogativa pontualmente localizada entre os seres vivos das áreas mais quentes para as outras regiões do planeta não

---

17 *"El erro de Rousseau consiste en que perdió de vista, por completo, la lucha sostenida con picos y garras, y Huxley es culpable del error de carácter opuesto; pero ni el optimismo de Rousseau ni el pesimismo de Huxley pueden ser aceptados como una interpretación desapasionada y científica de la naturaleza."*

18 *"La otra particularidad era que, aun en aquellos pocos puntos aislados en donde la vida animal aparecía en abundancia, no encontré, a pesar de haber buscado empeñosamente sus rastros, aquella lucha cruel por los medios de subsistencia entre los animales pertenecientes a una misma especie."*

contribuía para a formação de um debate científico de qualidade. "O que nos causa surpresa quando estudamos a luta pela sobrevivência, seja no sentido direto ou mesmo no figurado, é que nas regiões escassamente habitadas por humanos predomina o apoio mútuo entre os animais." (ibidem, p.46, tradução nossa)[19]

Uma expressão marcante entre esses dois cientistas é que, como partem de pontos de vista divergentes, o mesmo fato aparece também de forma diferenciada. Como para Huxley a luta pela sobrevivência é o mote do processo evolutivo, quando ele analisa a batalha entre lobos e cervos, destaca-a como uma "guerra sanguinária" entre as espécies, e a morte e posterior devoração do cervo são vistas como algo natural e necessário para o processo evolutivo continuar.

O mesmo fato para Kropotkin (a luta entre as espécies), analisado sob o ângulo do apoio mútuo, tem como destaque não a luta, mas as estratégias de ação comum, tanto para a alcateia de lobos que quer matar algum cervo para a sua sobrevivência, quanto o bando de cervos que foge para dificultar ao máximo a morte de um de seus membros.

Além de desenvolver o apoio mútuo nesses momentos de batalha entre as espécies, Kropotkin demonstra-o nas ações mais triviais dos seres vivos, quando, por exemplo, ficou quase duas horas em um aquário observando o esforço conjunto dos caranguejos em retornar a posição habitual de um indivíduo que descuidadamente tinha virado sua carapaça para baixo (o que o transformaria em uma presa fácil) (ibidem, p.47).

Outro aspecto analisado por Kropotkin refere-se ao entendimento de como o apoio mútuo é determinante na organização dos chamados "povos inferiores". Enquanto uma gama de intelectuais europeus entendia os povos não europeus como incivilizados, com inteligência limitada e muito próxima dos outros animais, para o geógrafo russo, os europeus tinham muito a aprender com essas

19 *"Lo primero que nos sorprende, cuando comenzamos a estudiar la lucha por la existencia, tanto en sentido directo como en el figurado de la expresión, en las regiones aún escasamente habitadas por el hombre es la abundancia de casos de ayuda mutua practicada por los animales."*

comunidades humanas. Bradando contra a postura "civilizada" europeia, Kropotkin (2014, p.40) afirma que

> Esta segunda tarefa é, todavia, maior; mas existe uma terceira, talvez ainda maior: a de acabar com os preconceitos que criamos a respeito das chamadas "raças inferiores" – e isto precisamente em uma época em que tudo faz prever que logo entraremos em um contato muito mais próximo do que nunca. Quando um estadista francês proclamava recentemente que a missão dos europeus é a de civilizar as raças inferiores com os meios a que haviam recorrido para civilizar algumas delas – isto é, com as baionetas e os massacres de Bacleh – não fazia mais do que elevar à categoria de teoria os fatos vergonhosos que protagonizam a cada dia os europeus.

Ao estudar os povos não europeus, Kropotkin também teve a preocupação em demonstrar que os seres humanos não organizados sob a égide do capital e do Estado tendiam a viver de forma comunalista. Negando a máxima huxleyaniana que creditava à organização cristã e ocidental ser a mais próxima dos princípios de liberdade e cooperação, o geógrafo anarquista, baseando-se em estudos antropológicos, diz sobre os Kabilas, povo da África centro-ocidental:

> Os Kabilas não reconhecem qualquer autoridade exceto sua *djemaa* ou assembleia da comuna aldeã. As decisões da *djemaa*, evidentemente, devem ser tomadas por unanimidade, ou seja, o julgamento se arrasta até que todos os presentes estejam de acordo em tomar uma decisão ou mesmo submeter-se a ela. (idem, 1989, p.156, tradução nossa)[20]

Ao se utilizar dos kabilas para demonstrar a presença de valores comunalistas, Kropotkin procura desmentir um discurso dominante

20 *"Los kabilas no conocen autoridad alguna fuera de su djemaa o asamblea de la comuna aldeana. [...] Las decisiones de la djemaa, evidentemente, deben ser tomadas por unanimidad, es decir, el juicio se prolonga hasta que todos los presentes están de acuerdo en tomar una decisión determinada, o en someterse a ella."*

entre várias comunidades científicas de Geografia,[21] no qual a civilização europeia tinha conquistado níveis altíssimos de organização.

O interessante neste capítulo foi demonstrar as divergências de concepção de mundo de dois cientistas de meados do século XIX, com posições que tiveram grande influência na sociedade ocidental daquele período.

A partir de uma pequena explanação das divergências de pensamento entre esses importantes intelectuais do século XIX, percebemos que a supremacia de uma teoria sobre a outra pode ter significados que vão além de uma querela científica. Isso ocorre pois a defesa intransigente de um modelo quase todo ele baseado na luta e na vitória do mais capaz significa uma posterior naturalização de um sistema baseado na desigualdade social.

Independente de Huxley ser ou não um arauto do sistema capitalista de modelo inglês, o fato é que suas ideias disseminam valores muito mais próximos de um sistema baseado na supremacia de uns poucos sobre uma imensa maioria. Kropotkin percebe o significado da "vitória" desse modelo científico sobre os anteriores, e a negação, quase que completa, que este faz da importância dos aspectos comunais e gregários no processo evolutivo dos seres vivos. Ao tentar questionar esses pressupostos, o geógrafo russo tentava afirmar uma visão de apoio mútuo muito vinculada às ideias que defendia na teorização de um anarquismo de base comunista. Neste sentido, procurar demonstrar a presença de aspectos comunais na organização dos animais e, principalmente, dos seres humanos, é tentar apontar a prevalência dessa modalidade de organização sobre uma dinâmica societária quase que subsumida por preceitos individualistas. Ao realizar isso, destacava também que o anarcocomunismo era viável, pois a sua presença era empiricamente comprovada pelas pesquisas que realizou na Sibéria e por vários autores citados em sua obra magna sobre o assunto.

21 Mais detalhes sobre os papéis das comunidades geográficas na defesa de um ideário eurocêntrico ver Capel (2010).

Huxley e Kropotkin debatem em um momento sociocultural importante para a consolidação e posterior expansão de um modelo econômico baseado na propriedade privada e na exploração do homem. Huxley pretende justificar a tendência globalista do capitalismo a partir de suas pesquisas realizadas sobre o papel da seleção natural no desenvolvimento evolutivo. Isso poderia funcionar como um aporte científico à corrida imperialista dos países europeus na África e na Ásia. Para Kropotkin, seria um momento ímpar para que as ideias pautadas na autogestão e na democracia direta tivessem alguma importância acadêmica, sugerindo a constituição de um corpo teórico factível e não pleno de veleidades.

É por isso que o geógrafo russo trava debates com vários intelectuais na Inglaterra. Procura demonstrar que as ideias ácratas por ele defendidas não são apenas utopias de pessoas que almejam uma sociedade perfeita, mas se baseiam em conhecimentos científicos empiricamente comprovados, bem como, em uma metodologia de análise comumente aceita pelas comunidades acadêmicas.

Entendemos que Huxley e Kropotkin procuram defender suas ideias sociais e econômicas dentro de um espírito acadêmico, no qual a aceitação delas por um grupo seleto de intelectuais seria um ponto-chave para a sua posterior divulgação.

Mais de cem anos depois desse debate (embora até hoje no Brasil o principal artigo de Huxley ainda não esteja traduzido), fica a sensação de que as ideais de Huxley ganharam forma e proeminência conforme essas décadas que nos separam foram passando. Se não podemos imputar a ele o chamado darwinismo social e suas consequências nefastas, fica claro que muito do discurso por ele empreendido na academia ganhou corpo e se tornou quase que uma norma inexorável nas sociedades modernas. Não soa estranho falar de meritocracia, vitória do mais competente e tantas outras cantilenas defendidas cotidianamente por uma parte considerável da intelectualidade do mundo globalizado dos dias de hoje.

No caso das ideias de Kropotkin, embora "derrotadas" nesse percurso mais acadêmico, foram resgatadas pelo movimento operário dos países de língua latina (Espanha, Portugal, Itália, Brasil,

Argentina etc.) e serviram de base para que muitos processos sociais de grande envergadura (caso da Revolução Espanhola de 1936) tivessem alguma expressividade, embora, efetivamente, nunca ganhassem maior expressão, soando aos ouvidos, quase sempre, com muita excentricidade.

O importante aqui foi demonstrar que as ideias de apoio mútuo defendidas por Kropotkin e tantos outros tiveram um momento importante de atuação (seja acadêmica no século XIX ou servindo de modelo para a organização dos movimentos operários no século XX) e, embora ainda minoritária, aparece em vários movimentos sociais urbanos e rurais, que se utilizam dessa proposta como forma de romper com uma lógica social fundamentada na hierarquia e na exploração do homem, entre tantos traços comuns a nossa sociedade atual.

4
Natureza e sociedade no pensamento kropotkiniano

Um momento importante na obra de Kropotkin e que tem sintonia com os principais debates na ciência geográfica ocorre quando ele apresenta a sua concepção de natureza, sociedade e a relação entre as duas.

Como vimos nos capítulos anteriores, o século XIX é prenhe de novas concepções científicas (como o evolucionismo darwinista), marcando um período no qual alguns intelectuais, influenciados pela obra *A origem das espécies*, debatem conceitos de natureza e sociedade quase sempre ligados aos aspectos antissolidários presentes na obra do naturalista britânico. Um dos principais cientistas desse período e grande entusiasta da obra darwiniana, Thomas Huxley, teria um papel importante na divulgação de algumas dessas ideias, quase que totalmente vinculadas a um paradigma competitivo.

Embora os gritos operários trouxessem um intenso questionamento ao sistema econômico pautado na exploração humana, nos meios intelectuais, principalmente àqueles ligados aos círculos científicos, um movimento de defesa de uma sociedade desigual como processo natural ganha enorme respeitabilidade. Lutar contra uma parcela da intelectualidade britânica influenciada por esse espírito beligerante era, para Kropotkin, uma forma de apontar os equívocos ocasionados por essa visão limitante dos pressupostos darwinistas.

Mais ainda, ele pretendia demonstrar que, ao contrário do que se pensava, era o apoio mútuo e não a luta pela sobrevivência que moldava as relações entre os animais (incluso o homem), gerando para si uma postura extremamente crítica daqueles que, como Huxley, defendiam a rivalidade e o egoísmo como motes principais.

Ao pontuar uma nova forma de compreender natureza e sociedade, Kropotkin inseria nesse debate, quase todo ele ligado aos aspectos mais próximos da dinâmica do capital, perspectivas que se referenciavam à classe mais espoliada dentro do sistema capitalista: os operários. Por meio de artigos e posteriormente sua obra magna *O apoio mútuo*, questionava a tão propalada naturalidade do liberalismo econômico (defendida com unhas e dentes por vários intelectuais, como Spencer) e apontava a solidariedade como um fator preponderante na evolução dos seres vivos. Mais do que isso, apresentava o anarquismo, ainda visto por grande parte desses intelectuais como uma quimera social, como um corpo de ideias dinâmico, descentralizado e, principalmente, científico.

E, contra aqueles que compreendiam o anarquismo como um projeto niilista de sociedade,[1] propõe o anarcocomunismo, a formação de uma sociedade gestada por produtores e consumidores que, em trocas igualitárias, fundariam uma organização social sem moeda e salários. O anarquismo tendo como principal fundamento de base o apoio mútuo, se contraporia à luta sanguinária e de extrema competição propalada pelos defensores da economia de mercado.

Criticar a luta pela sobrevivência e defender o apoio mútuo como principal fator de evolução era uma maneira de reafirmar o anarcocomunismo como uma ideia social de base científica. Mais do que um fator qualquer, a solidariedade entre os seres vivos não era um apelo societário, mas o instinto que contribuía para que eles evoluíssem e gerassem descendentes. É desta forma que compreendemos

1 Não podemos esquecer que, na década de 1890, com os ataques a bomba impetrados por vários anarquistas (Ravachol, Emile Henry), a visão do anarquista sempre esteve ligada a um ser humano violento, sinistro e egoísta, como no caso da obra de Emile Zola, *O Germinal*.

a construção do pensamento anarquista de Kropotkin. E, é assim também, que, para nós, ele busca defender a supremacia do apoio mútuo sobre qualquer outro fator evolucionário.

Partindo dessa percepção (a procura de uma base científica ao anarquismo e no apoio mútuo como base social do anarcocomunismo), é que analisaremos as asseverações de Kropotkin acerca da natureza e da sociedade. Caso contrário, nossa análise correria o risco de apenas descrever as preocupações do geógrafo russo sobre esses importantes temários, apontando a sua contribuição ao pensamento geográfico de forma vaga, sem muita profundidade.

Kropotkin tem um objetivo muito claro: procurar uma base científica que dê suporte tanto aos processos naturais quanto aos sociais, e, assim, apresentá-los de uma forma que não fossem ridicularizados em um ambiente acadêmico muito influenciado pelo positivismo. E, como vimos anteriormente no caso de Thomas Huxley, esse papel de divulgador científico, seja como palestrante, debatedor, escritor, só tem alguma ressonância nos meios acadêmicos se as ideias debatidas tiverem um substrato metodológico aceito.

O respeito que as sociedades organizadas da sociedade civil tinham por Kropotkin ocorria também porque era clara a preocupação dele em não ser visto como um mero adepto das ideias anárquicas. Embora não separando o papel de militante do de cientista (é patente isso ao analisarmos os artigos e livros em que ele trata da natureza e da sociedade), é evidente também que ele não queria que um desses aspectos se destacasse ao ponto de ofuscar o outro.

Manter o equilíbrio entre ser ácrata e cientista parece ser um ponto-chave para ele. Isso não significa que, em momentos específicos, a visão acadêmica não fosse sobrepujada pela do teórico social, quando o seu papel como principal ideólogo vivo do anarquismo exigia uma postura diferenciada. Isso ocorria, principalmente, quando escrevia artigos aos periódicos próximos à classe operária, opinando sobre um fato específico (imperialismo, por exemplo)[2] ou

---

2 Ver, entre outros, "Wars and Capitalism", de 1914, traduzido e publicado na revista *Geographia*, v.16, n.32, 2014.

quando fazia apelos aos trabalhadores do mundo para ajudar o processo revolucionário de 1905 na Rússia.

Afora esses momentos pontuais, Kropotkin era um geógrafo que desenvolvia uma teoria social que não deveria estar apoiada em apelos emocionais, mas demonstrada pelas metodologias de análise correntes no século XIX, como o positivismo.[3] Esse método científico, que se contrapunha a pressupostos religiosos e metafísicos, era usual entre os acadêmicos do século XIX e ao lado da dialética serial eram seu principal suporte teórico.

Nosso autor construía uma metodologia para apresentar as suas convicções, pontuando a presença do apoio mútuo nas relações entre os animais e os homens. Ou seja, ela não era uma visão de mundo sem conexão com a realidade. O apoio mútuo existia e era parte essencial na evolução das espécies, contribuindo de forma soberana para que todos os seres vivos conseguissem gerar descendentes aptos e capazes de sobreviver nas diversas regiões do planeta. Conseguir demonstrar isso era essencial na construção do pensamento kropotkiniano, visto que propiciaria tanto uma visão mais generosa da natureza (se contrapondo aos pressupostos huxleynianos) quanto transpor o anarcocomunismo ao rol de teorias sociais comprovadas cientificamente.

Um dos autores que discutiu as ideias de Kropotkin sobre a natureza foi Bob Galois, docente da Simon Fraser University. A partir de seu estudo sobre o conceito de natureza em Kropotkin, discutiremos de que forma essas análises contribuem também para uma melhor compreensão do papel das sociedades humanas na obra do geógrafo russo.

Segundo Galois (1976), a visão de natureza de Kropotkin se divide em três concepções principais:

a) uma visão orgânica ou holística;
b) histórica; e
c) espontânea.

---

3 Mais detalhes ver Andrade (2008, p.93).

A visão orgânica ou holística tem como pressuposto a influência que ele recebe dos pensadores gregos e dos escritores e poetas românticos. Nela, existe uma cooperação e interdependência entre os seres vivos. Como diz Galois (ibidem, p.5, tradução nossa): "Resumindo, o homem é parte da natureza, sendo sujeito e participante ativo do mesmo processo que é funcional no resto da natureza".[4] Essa visão se contrapõe ao modelo padrão existente nas fábricas inglesas e que lentamente vai sendo transferido para toda a sociedade: a divisão do trabalho. Como o próprio Kropotkin (1975, p.99) afirma: "É preciso voltar ao que a biologia chamaria 'integração de funções" Depois de dividido o trabalho é necessário 'integrá-lo'. Tal é a marcha seguida em toda a natureza".

Ao pontuar o necessário retorno a um padrão genuíno de inter-relação da natureza, Kropotkin entende que todos os seres vivos estão intrinsecamente integrados, em uma cooperação ambiental de tal nível que a destruição de uma parte resulta em graves consequências ao todo. Desta forma, condena a atomização constante que existe na sociedade capitalista, no qual a luta pela sobrevivência leva a um egoísmo extremado.

Compreender a natureza como algo integrado, orgânico, como se fosse uma única força, onde tudo e todos estariam necessariamente interligados, promove uma concepção, como vimos anteriormente, contrária àquela predominante em sua época. E, ao declarar que a natureza é constituída por um processo predominantemente solidário, o geógrafo russo quer demonstrar a irracionalidade do sistema industrial do século XIX e, em contrapartida, argumentar que é "natural" ser solidário e altruísta e tantos outros adjetivos ligados ao apoio mútuo e reafirmados pelo anarcocomunismo. Nesse sentido, procura apontar a presença de uma moral solidária dentro da natureza que se contraponha a moral competitiva. O surgimento dessa moral se dá de forma espontânea, visto que é a ação direta do meio ambiente nos seres vivos que vai exigir inúmeras formas de agregação entre eles.

---

4 *"These are, in brief, that man is a part of nature and so both subject to, and a participant in, the same processes which are operative in the rest of nature."*

Ao destacar um papel moral na Natureza, Kropotkin desloca das sociedades humanas o papel de construtoras e considera-as como coparticipes de um processo já existente. Desta forma, o protagonismo deixa de ser do homem, que passa a ser parte integrante (e não necessariamente a principal) de um processo de constituição de uma ordem ingênita. Essa moral, que vai se consolidando, precede a existência humana. Como afirma Padovan (1999, p.4, tradução nossa): "Deste modo, na visão de Kropotkin, natureza não oferece automaticamente lições em amoralismo, melhor, ela oferece uma precisa noção de bem e mal, um raciocínio claro sobre o bem supremo que cada código de ética deveria seguir".[5]

Embora advogue uma natureza harmônica, é factível, por meio das leituras dos vários artigos, supor que o geógrafo anarquista assevera inúmeras vezes o poder da ação dela sobre os seres vivos, sendo essa ação direta o principal fator evolutivo, desenvolvendo indivíduos capazes de sobreviver e gerar prole, alçando para um segundo plano a tese darwinista da seleção natural. Como ele próprio afirma: "As formas dos animais, suas cores, suas peles, seus esqueletos, todos seus órgãos e seus hábitos são modificados facilmente conforme muda seu alimento, bem como, as condições ambientais de sua existência" (Kropotkin, 1912a, p.511, tradução nossa).[6] Ao representar a natureza com um papel mais ativo, determinante, inclusive, nas configurações interna e externa das espécies existentes, ele não nega que esse papel altruístico possibilite uma necessária adaptação dos seres vivos.

Outra visão importante de natureza em Kropotkin, segundo Galois (1976) é a visão histórica. Para este estudioso, Kropotkin trabalha com uma visão histórica evolucionária, na qual a organização

---

5 *"Thus, in Kropotkin's view, Nature did not automatically offer lessons in amoralism, rather it offered a much more precise notion of good and evil, clear reasoning on the supreme good that every code of Ethics have followed up."*

6 *"The forms of animals, their colour, their skin, their skeletons, all their habits are easily modified as soon as the animal's food and the general conditions of its existence and its biological surroundings are altered."*

societária surge antes da própria organização humana em sociedade. Ela tem um quadro evolutivo, partindo do estágio primitivo e culminando em uma sociedade estatal. Embora, a princípio, esse movimento pareça ser linear, o método de análise desse processo, segundo esse mesmo autor, é o método dialético proudhoniano ou serial. Sobre a proposta dialética serial, Pelletier (2011, p.16) afirma que, "Proudhon, ao desenvolver sua dialética serial, ressaltou perfeitamente a importância das contradições no movimento histórico (reação/revolução, autoridade/liberdade) e do equilíbrio dinâmico, entre forças eternamente opostas".

No caso específico de Kropotkin, o uso desse par dialético sem a formação de uma síntese (como ocorre na dialética hegeliana e na marxista) possibilita explicar o processo de constituição da própria humanidade, iniciando com o surgimento de um homem ainda em estado de natureza, com uma relação quase simbiótica com o ambiente, chegando à contemporaneidade, quando do surgimento e constituição de cidades e complexas organizações societárias.

O ponto nevrálgico dessa dialética serial é que a evolução humana tem como processo histórico um confronto entre a cooperação e a competição, sendo que, quando a primeira fase predomina, surge uma organização social equilibrada e harmônica com o ambiente, holística, o que propicia a formação de sociedades comunais e com ampla liberdade; e no segundo caso, quando o que predomina é a competição, a luta pela sobrevivência leva a uma visão na qual a natureza é encarada como um recurso mercantil e, por isso, sujeita a uma dilapidação constante, propiciando a aparição de uma sociedade autoritária e hierarquizada que tem o Estado como seu ponto culminante.

Argumentando então que ambos os fatores são inerentes à evolução, o que determina a predominância de um desses aspectos basilares da natureza nas sociedades humanas é a escolha dos seus componentes pela cooperação ou pela competição. Se o egoísmo e a ganância predominarem, o espírito social será dominado pelos aspectos competitivos; já, se ocorrer o contrário, e o altruísmo e a solidariedade se sobrepuserem, a cooperação será o eixo determinante.

Pensando assim, Kropotkin procura dar uma explicação diferenciada em aspectos que comumente são vistos e compartilhados como essencialmente humanos. Embora compreenda a existência da cooperação e da competição como instinto, não se furta a defender uma delas.

> Evitar a competição! Ela sempre é danosa para a espécie e vocês têm abundância de meios para evitá-la. Tal é a tendência da natureza, nem sempre realizável por ela, mas sempre inerente a ela. [...] Veja aqui o que nos ensina a natureza: e esta sua voz a escutaram todos os animais que alcançaram a mais elevada posição em suas espécies respectivas. Para esta mesma ordem da natureza obedeceu ao homem – o mais primitivo – e só devido a isso que ele alcançou a posição que ocupa agora. (idem, 1989, p.100-1, tradução nossa)[7]

Como anteriormente na discussão sobre a concepção holística, percebemos aqui mais uma vez uma preocupação científica de nosso autor em justificar um ou outro modelo societário. Não podemos esquecer que nesse período a defesa intransigente de Huxley de uma sociedade guiada pelos princípios mais egoístas também procurava se basear em afirmações comprovadas cientificamente.

Discutir a Natureza e, por consequência, a sociedade pelo método dialético serial, tem como princípio destacar que uma tendência que já estava presente na natureza (cooperação ou competição) transformou-se em instância humana conforme a própria evolução histórica. Não é à toa que Kropotkin, mesmo que procurando livrar-se de concepções metafísicas, em vários momentos faz afirmações sem muita acurácia científica, algo muito caro ao nobre geógrafo:

---

7 *"Evitad la competencia! Siempre es dañina para la especie, y vosotros tenéis abundancia de medios para evitarla. Tal es la tendencia de la naturaleza, no siempre realizable por ella, pero siempre inherente a ella. [...] He aquí lo que nos enseña la naturaleza; y esta voz suya la escucharon todos los animales que alcanzaron la más elevada posición en sus clases respectivas. A esta misma orden de la naturaleza obedeció el hombre – el más primitivo – y sólo debido a ello alcanzó la posición que ocupa ahora."*

"O homem não criou a sociedade; ela existia antes dele" (idem apud Galois, 1976, p.7, tradução nossa).[8]

O homem aprendeu com a natureza a ser solidário. A solidariedade não é uma construção forjada pelo conhecimento humano. Tanto a solidariedade como a competição existem na Natureza. O dado que muda a partir de então (surgimento do homem moderno) é que essas práticas sociais determinarão que as sociedades evoluam mais equilibradas ou não.

Pensando um pouco mais nessas análises, Galois (1976) apresenta outro aspecto constante na concepção de natureza (e, por conseguinte, na de sociedade) de Kropotkin: a espontaneidade. Antes de adentrarmos ao debate propriamente dito, é importante ressaltar que os anarquistas quase sempre são vistos como espontaneístas.[9] O espontaneísmo pode ser analisado como voluntariedade sem nenhum planejamento, mas também como uma prática individual que não se sujeita, pura e simplesmente, a uma opinião coletiva. Nesse último caso, o que entendo mais apropriado ao anarquismo, compreende-se o caráter espontâneo como necessário para se contrapor a qualquer predomínio de uma ideia ou tipo de ação externa. O anarquismo entende o espontaneísmo como a ação de indivíduos que desejam colaborar em uma determinada ação, na qual se garanta a liberdade e a autonomia de cada um.

Para Kropotkin, além disso, a liberdade individual só é válida se todos são livres. Caso contrário, teremos a liberdade predominante na sociedade capitalista, o que significa estar submetido a algum tipo de tirania (política ou econômica). Ao defender o espontaneísmo, acreditava que nenhuma teoria revolucionária seria construída a partir de doutos sábios, que em seus escritórios bem confortáveis imaginariam um método de análise capaz de ser totalmente eficiente, sem ao menos ter sido colocado, uma única vez, em prática. Nessa perspectiva, criticava a crença em uma metodologia científica que não

---

8 *"Man did not create society; society existed before man."*

9 Um dos autores que discutem o anarquismo tendo o espontaneísmo como uma tática de ação é Norberto Bobbio. Mais detalhes ver Bobbio; Matteucci; Pasquino (2011).

tivesse nenhum tipo de contato com a realidade externa, correndo o sério risco de transformar-se em um dogma. "Em todo o caso, o que espontaneamente surgisse sob a pressão das necessidades imediatas, seria infinitamente preferível a tudo o que se pudesse inventar entre quatro paredes, no meio de alfarrábios ou nas secretarias governamentais." (Kropotkin, 1975, p.84)

O espontaneísmo, para Kropotkin, enquadra-se na defesa do entusiasmo revolucionário, presente, segundo ele, na Revolução Francesa, o que possibilitou o surgimento de diversas práticas libertárias dentro de um processo que historicamente fica, quase sempre, restrito às disputas entre girondinos e jacobino.

No que tange ao espontaneísmo da natureza, Galois (1976) indica que Kropotkin defende uma natureza que age espontaneamente, apontando para a possibilidade do surgimento de uma concepção irracional que se chocaria com toda a discussão científica do geógrafo russo. Embora pareça paradoxal a defesa de uma natureza espontânea, fato esse comum em vários trabalhos que discutem a ação direta do ambiente nos seres vivos, fica claro que para o geógrafo a natureza, como vimos, tem um papel moral e não apenas instintivo.

Ainda que não consiga explicar satisfatoriamente o surgimento dos instintos naturais (lembremos que as discussões de Mendel sobre genética ainda eram desconhecidas de grande parte da comunidade científica), é clara a sua defesa da supremacia dos instintos sociais sobre estes, pelo menos entre os animais gregários. Compreende-se desta defesa que o fato social é parte constituinte do instinto e influencia este último de maneira muito significativa. Logo, a irracionalidade a que faz menção Galois (1976) não significa, novamente, espontaneísmo no sentido voluntarioso que a palavra possa apresentar, mas que o instinto animal tem como base uma anterior capacidade da natureza em se autopreservar por meio da cooperação entre as espécies. Caso contrário, a luta sanguinária deflagraria uma completa destruição do meio ambiente, o que levaria a uma inexorável extinção da vida.

Pode parecer contraditório aceitar isso, como bem lembrou Galois (1976), pela defesa intransigente de Kropotkin da ciência,

contra o misticismo religioso e as prerrogativas metafísicas. Para nós, transparece, a partir da análise kropotkiniana, uma natureza espontânea no sentido de livre, soberana, autônoma e não como alguns que defendiam preceitos religiosos, principalmente cristãos, como resultado do trabalho de algum ser divino.[10] Não se pode chamá-la de racional, pois não precede a existência de um deus. E, espontânea, pode gerar a ideia de voluntariosa. Como vimos no início dessa discussão, para os anarquistas (e Kropotkin se inclui obviamente) a ideia de espontaneidade vai muito mais além do que uma vida sem objetivo.

Não é então por acaso que Kropotkin defenda ainda uma moral na natureza, baseada na cooperação e na solidariedade. Essa solidariedade entre os seres humanos teria como referência o compartilhamento praticado pelos outros animais e essa ação poderia ser decisiva para a sobrevivência do grupo. "O homem primitivo via que mesmo entre as bestas carnívoras, que sobreviviam matando outros animais, havia uma regra geral e invariável. Eles nunca se matavam. Algumas delas são bastante sociáveis – casos de todas as tribos caninas: os chacais, os cães selvagens e as hienas." (Kropotkin, 1905, p.420, tradução nossa)[11]

Analisando essas prerrogativas do pensamento do geógrafo russo, percebemos que os aspectos constantes na sociedade são, em grande parte, adquiridos por meio das experiências pretéritas. E, então para Kropotkin (1989, p.32, tradução nossa),

> De nenhum modo foi o amor que me levou até o dono de uma determinada casa – a quem sequer conheço – quando, vendo sua casa em chamas, pego um balde de água e corro em direção a ela, não temendo pela minha própria. O que me leva até lá é um sentimento

---

10 Para mais detalhes ver os debates entre Thomas Huxley e o Arcebispo de Canterbury em Hesketh, 2009.

11 *"Primitive man saw, next, that even among the carnivores beasts, which live by killing other animals, there is one general and invariable rule: They never kill each other. Some of them are very sociable – such are all the dog tribe: the jackals, the dholes or kholzun dogs, the hyenas."*

> mais amplo, indefinido, mais corretamente falando um instinto de solidariedade humana; quer dizer, de preocupação solidária entre todos os homens e a sociedade. O mesmo se observa também entre os animais. Não é o amor nem a simpatia (compreendidos no sentido verdadeiro destas palavras) que induz o rebanho de ruminantes ou cavalos a formar um círculo com o intuito de defender-se das agressões dos lobos; de nenhuma maneira é o amor que faz que os lobos se reúnam em manadas para caçar, da mesma forma não é o amor que obriga os cordeiros e os gatinhos a entregarem-se aos jogos, nem é o amor o que agrega os filhotes das aves que voam juntas dias inteiros durante quase todo outono. [...] Aqui entra o instinto de sociabilidade, que se tem desenvolvido lentamente entre os animais e entre os homens no transcurso de um período de evolução extremamente grande, desde os estágios mais elementares, e que ensinou igualmente animais e homens a terem consciência dessa força que eles adquirem praticando a ajuda e o apoio mútuo, e também a terem consciência do prazer que se pode encontrar na vida social.[12]

Disto deriva que as escolhas têm relação direta com as situações vivenciadas pelos agrupamentos humanos na natureza, que

---

12 *"De ningún modo me guía el amor hacia el dueño de una determinada casa – a quien muy a menudo ni siquiera conozco – cuando, viendo su casa presa de las llamas, tomo un cubo con agua y corro hacia ella, aunque no tema por la mía. Me guía un sentimiento mas amplio, aunque es más indefinido, un instinto, más exactamente dicho, de solidaridad humana; es decir, de caución solidaria entre todos los hombres y de sociabilidad. Lo mismo se observa también entre los animales. No es el amor, ni siquiera la simpatía (comprendidos en el sentido verdadero de estas palabras) lo que induce al rebaño de rumiantes o caballos a formar un circulo con el fin de defenderse de las agresiones de los lobos; de ningún modo es el amor el que hace que los lobos se reúnan en manadas para cazar; exactamente lo mismo que no es el amor que obliga a los corderillos y los gatitos a entregarse a sus juegos, ni es el amor lo que junta las crías otoñales de las aves que pasan juntas días enteros durante casi todo el otoño. [...] Aquí entra el instinto de sociabilidad, que se ha desarrollado lentamente entre los animales y entre los hombres en el transcurso de un periodo de evolución extremamente largo, desde los estadios mas elementares, y que enseño por igual a muchos animales y hombres a tener conciencia de esa fuerza que ellos adquieren practicando la ayuda y el apoyo mutuos, y también a tener consciencia del placer que se puede hallar en la vida social."*

aprendendo a sobreviver em um ambiente hostil de forma cooperativa legaram às gerações posteriores os frutos desta cotidianidade.

O apoio mútuo transparece como uma expressão instintiva de sobrevivência e de alteridade. Em uma situação limite, o espírito dominante é aquele de ajuda ao próximo. Compreender a solidariedade como algo instintivo é se contrapor aos valores dominantes de uma sociedade que gera desigualdades entre os indivíduos. Kropotkin sabia disso, por isso a sua batalha científica buscando uma coerência entre a defesa dos princípios sociais defendidos pelos anarquistas com um modelo solidário dominante nas ciências naturais.

Ao tentar coordenar as duas instâncias (social e natural), Kropotkin procura apresentar a sociedade como intrinsecamente ligada aos aspectos naturais, bem como mostrar que os seres humanos não constroem valores dissociados de suas prerrogativas instintivas. O instinto como promotor de valores humanos. A sociedade como parte importante da natureza. Logo, condena a separação que o próprio capitalismo engendra ao transformá-la em recursos a serem consumidos.[13]

Contrário à proposta de separação entre homem e natureza, necessária a própria formação metabólica capitalista, Kropotkin reafirma a máxima reclusiana de integração, calcada na hipótese de que o homem é a natureza adquirindo consciência de si próprio. Essa proposta de análise que tem como base metodológica a defesa da solidariedade contra a competição, como vimos, não pode ser totalmente legada ao geógrafo russo, mas, com certeza, sua explicação a partir de pressupostos anarcocomunistas trouxe ao ambiente social e científico um novo paradigma: o anarcocomunismo como um processo social construído sob bases identificáveis na própria constituição da natureza.

Os "instintos" sociais, sejam competitivos ou não, possuem um referencial natural e não são apenas formulações humanas que no

13 Como aponta Moreira (2000 p.54-55): "O fato é que o surgimento da mediação do capital faz da relação ambiental uma relação técnica do trabalho, capitalizando-a. De imediato, o nascimento do valor separa homem e natureza".

processo histórico vão sendo elaboradas. Não se trata de negar a intencionalidade humana. Nem mesmo apontar o homem subordinado aos caprichos da natureza. Acreditar que isso é a conclusão de Kropotkin sobre o par natureza e sociedade nos levaria a obliterar toda uma luta cotidiana por ele empreendida contra o sistema socioeconômico predominante naquela época (até hoje) e que condiciona a maior parte da humanidade a uma vida alienada.

Ao sugerir as sociedades humanas e de outros animais gregários como "porta-vozes" de um modelo de organização comunal e solidária, o geógrafo analisa a relação entre o natural e o social não mais dissociados, aceitando como válido o entendimento de que as ações e intencionalidades da sociedade são partes constituintes da natureza. Nesse sentido, pode ser um erro analisar as propostas dele sobre o apoio mútuo em separado, como se natureza e sociedade fossem duas instâncias sem intercâmbio.

Diríamos, parafraseando Reclus novamente, que a sociedade é a natureza consciente. Os instintos ganham outra dimensão nos homens, ao propiciarem a possibilidade da vida humana nas várias regiões do planeta. Sendo a consciência da natureza, a humanidade separa-se da vida errática permanente nos outros seres vivos, que ao não possuírem a capacidade de apreender o processo a que estão presos, não ousam libertar-se e reelaborar a vida em novas roupagens.

O homem condenado a viver em liberdade, como já afirmava Sartre, é a resposta mais elaborada que o processo evolutivo legou à natureza. É ele que é capaz de relacionar os instintos com práticas sociais capazes de permitir a construção de uma sociedade mais complexa, onde a natureza é transformada e reelaborada. A solidariedade deixa de ser um dado natural e transforma-se em um valor intrínseco e necessário ao homem. Não mais permeia a vida animal como um fantasma, mas como um fator da própria evolução humana.

Assim Kropotkin procura reafirmar toda a sua crença em uma sociedade mais harmônica e libertária.

Entretanto, não sendo o único fator evolutivo, o apoio mútuo precisa ser estimulado e preservado continuamente, combatendo os outros fatores ligados ao egoísmo frio e calculista. Uma tarefa

primordial surge para que a opção pelo apoio mútuo torne-se concretizada: a educação das crianças. Combater a escola estatal e a religiosa será também uma das preocupações do nosso geógrafo. Mais do que isso, ele discutirá como o ensino de Geografia pode deixar propagandear preconceitos e tornar-se agradável aos pupilos.

Aproximando-se da postura de Godwin, que compreendia a educação como um dos pilares da transformação do homem, Kropotkin vai se preocupar em defender a formação de escolas mais democráticas, contribuindo também para que a Geografia tivesse uma estrutura (didática e teórica) mais crítica.

5
Territórios de solidariedade: a sociabilidade do apoio mútuo no tempo e no espaço

Um dos principais aspectos da obra de Kropotkin é a sua análise na disposição territorial que as várias comunidades humanas tiveram em seu processo evolutivo, destacando, principalmente, os aspectos mutuais. Mais do que perceber a diversidade de ocupações humanas que surgiram, procurou discuti-las a fim de que as suas sociabilidades se sobressaíssem, demonstrando que esses importantes aspectos foram definidores na capacidade que os seres humanos tiveram de se organizar. Ao realizar essa empreitada, Kropotkin tenta apresentar o apoio mútuo como um dado constituinte dos diferentes tipos de organização espacial e temporal, como também, parte intrínseca formadora do homem.

Para que seu principal objetivo se concretize, a saber, demonstrar a existência de uma predominância do apoio mútuo como fator de organização nas várias sociedades humanas, ele constrói um padrão de entendimento bastante peculiar, no qual territórios mutuais surgem a partir de uma luta contra as intempéries naturais ou uma postura societária baseada no poder e na hierarquia. O apoio mútuo possibilita a constituição de uma formação territorial que tem como substrato a solidariedade entre os indivíduos, postura essa capaz de superar os desafios cotidianos.

É assim que entendemos o trabalho de Kropotkin ao analisar o apoio mútuo entre os bárbaros ou os chamados selvagens, mas também entre os operários de seu tempo, procurando resgatar a presença de uma posição solidária em vários períodos históricos e em lugares tão distantes geograficamente.

Sendo geógrafo e anarquista, Kropotkin quis sempre fazer crer aqueles que o liam que o apoio mútuo se concretizava no território, seja de forma residual (quando era um aspecto subordinado na sociedade) ou mesmo dominante, caso da organização das chamadas cidades livres. O importante é compreender que em diversas épocas históricas os seres humanos estão se organizando coletivamente, e esse processo está essencialmente ligado ao desenvolvimento ulterior dessa espécie animal.

A principal questão levantada por Kropotkin é a importância do apoio mútuo para a sobrevivência e geração de descendentes em seres humanos. Sem esse fator evolutivo, a própria espécie poderia ter enormes dificuldades para se estabelecer em diversos rincões do planeta.

O apoio mútuo, para o geógrafo russo, não é apenas uma solução temporal ou mesmo acidental. Ele é a base da estruturação das sociedades ao longo do tempo, que se utilizando dessa ferramenta conquistam enormes vantagens para seguirem a incrível viagem de ocupação territorial. Como diz:

> A sociabilidade e a necessidade de ajuda e apoio mútuos são coisas tão inatas na natureza humana, que não encontramos na história épocas em que os homens tenham se dispersado em pequenas famílias. [...] Durante muitos milênios, a organização tribal serviu de tal modo para unir os homens, apesar de não existir nela decididamente nenhuma autoridade para torná-la obrigatória. (Kropotkin, 1989, p.165, tradução nossa)[1]

---

1 *"La sociabilidad y la necesidad de ayuda y apoyo mutuo son cosas tan innatas de la naturaleza humana, que no encontramos en la historia épocas en que los hombres hayan vivido dispersos en pequeñas familias. [...] Durante muchos milenios, la*

Mais do que acreditar que o apoio mútuo era um fator evolutivo, inato, Kropotkin o compreende como uma sociabilidade solidária entre os seres humanos. Essa sociabilidade solidária diminuiu as lutas intestinas, permitindo que homens e mulheres construíssem uma sociedade cada vez mais complexa materialmente. Ele pensa o apoio mútuo como um fator social de desenvolvimento, base societária primordial para a realização das maiores invenções da humanidade.

Interessante que no fragmento citado anteriormente essa questão ainda é pouco discutida, no entanto, já quase no final dele, há indícios de que a união, esse apoio mútuo inato, nunca foi uma decisão hierárquica, mas fruto de um consenso entre os indivíduos.

Observando algumas passagens de suas obras que discutem profundamente o assunto, quando Kropotkin trata dos vários agrupamentos humanos, fica evidente a força propulsora que essa sociabilidade coletiva teve na criatividade humana, sendo primordial para superação dos desafios apresentados cotidianamente. Seja entre os homens primitivos que procuravam soluções para a melhor caça, uma moradia mais resistente às intempéries climáticas, seja na união para a construção de praças e igrejas como as que ocorreram nas cidades medievais, fica evidente que essas intervenções surgiram devido à sociabilidade existente.

Se no capitalismo o destaque individual é glorificado sistematicamente, o "competente" é o que sempre alcança as melhores posições e o esforço é visto como sedimentador da caminhada rumo ao *status*, na ótica kropotkiniana o destaque sempre é coletivo. E, se algum indivíduo merecesse alguma citação expressa é sempre por causa do papel que ele desempenhou no que tange à sua contribuição para a união das pessoas, seja ao realizarem uma obra ou lutarem contra um usurpador.[2]

---

organización tribal sirvió, de tal modo, para unir a los hombres, a pesar de que no existía en ella decididamente ninguna autoridad para hacerla obligatoria."

2 É o que ocorre quando cita inúmeros bispos que foram transformados em patronos de suas cidades de moradia na Idade Média, visto serem importantes defensores das liberdades urbanas contra os senhores feudais. Mais detalhes ver Kropotkin (1989, p.176).

É no processo de constituição dessas uniões de apoio mútuo que aparece a sociabilidade solidária. Ela está calcada em valores anticompetitivos, comunalistas e democráticos, permitindo que o progresso ocorra sempre pautado na decisão consensual. Ao surgir em um determinado local, possui uma dinâmica própria, uma apropriação territorial diferenciada, o que Kropotkin vai chamar, no caso das cidades medievais, de comunas aldeãs. Elas estão fundamentadas "no *princípio territorial* [...]. Esta instituição, por sua vez, serviu para unir os homens durante muitos séculos, dando a eles a possibilidade de desenvolver cada vez mais suas instituições sociais, e além disso ajudando-os a atravessar os períodos mais sombrios da história" (ibidem, p.165-6).[3]

A comunidade aldeã, formada por cidadãos livres que procuram a construção de uma sociedade mais igualitária, está expressa por uma sociabilidade territorial. Essa sociabilidade territorial não é limitada por uma jurisdição nacional que tende a dividir as pessoas. Pelo contrário, é referenciada como uma unidade espacial na qual os interesses da maioria de seus membros são sistematicamente colocados em prática. Ao contrário do Estado-Nação, com seu território determinado por fronteiras fictícias que apenas interessam a uma pequena parcela da aristocracia, nas comunidades aldeãs não é aceito o poder de nenhum senhor, e continuamente se formam redes de proteção e desenvolvimento recíprocos.

A luta pela libertação das cidades não é específica de uma região da Europa. São centenas de núcleos urbanos que se unem e criam um território fluído, no qual os interesses de uma cidade são defendidos por todas as outras que a ela estão ligadas. O espírito nacional ainda não existe. As pessoas que lutam por esse território onde a sociabilidade solidária tem predominância estão focados no espírito de construção de uma vida cotidiana marcada pelo convívio pacífico.

---

3 *"[...] en el principio territorial [...]. Esta institución, a su vez, sirvió para unir a los hombres durante muchos siglos, dándoles la posibilidad de desarrollar más y más sus instituciones sociales, y junto con eso, ayudándolos a atravesar los periodos mas sombríos de la historia..."*

O rei, o senhor feudal, são os elementos estranhos que procuram romper com essa sociabilidade. Eles tentam delimitar seu território, criando uma suposta anterioridade sobre as terras devida a alguma tradição do grupo político a que pertencem. E com isso continuamente defendem a supremacia das ideias nacionais contra aquelas defendidas pelos burgos livres existentes em vários cantos da Europa.

Interessante observar que na cidade, na comuna aldeã, esse *princípio territorial* por Kropotkin descrito não se restringe apenas à Europa medieval. Onde a luta pela sobrevivência foi o estopim para a formação de uma sociabilidade solidária, esse território livre foi criado. A cidade, vila ou burgo era a porção de solo que seus membros adotavam como forma de construírem essa proteção. Para ele, não se pode restringir esses territórios mutuais a um tempo e espaço específicos. Caso contrário, cairíamos na armadilha de distinguir entre os europeus e em um tempo circunscrito (Idade Média) esse processo de criação, essas verdadeiras autonomias territoriais.

Por isso, ao defender o apoio mútuo entre os seres humanos, Kropotkin pensa nele como um instrumento do qual o homem se utiliza desde tempos primevos, e é graças ao momento solidário que territórios de diversas regiões do planeta foram sendo ocupados.

Como diz o nosso autor:

> Na Itália, a comuna sobreviveu ao domínio romano e renasceu depois da queda do Império Romano. Foi regra geral entre os escandinavos, eslavos, finlandeses, os cures e lives. A comuna aldeã na Índia é bem conhecida graças aos trabalhos de sir Henry Mainel [...]. Encontramo-las entre os ulus mongois, na cabila *thaddari* [atual Paquistão], na dessa javanesa, na kota ou tofa malaia e sob inúmeras designações na Abissínia [atual Etiópia], Sudão, interior da África, nas tribos indígenas de ambas Américas e em todas as tribos, pequenas ou grandes, das ilhas do Oceano Pacífico. (ibidem, p.140, tradução nossa)[4]

4 *"En Italia, la comuna sobrevivió al dominio romano y renació después de la caída del imperio romano. Fue regla general entre los escandinavos, eslavos, fineses, los*

Percebemos, então, a presença de uma ação territorial solidária em várias partes do mundo. Pode ser dominante e, quando residual combate um princípio territorial pautado no individualismo. A solidariedade se expressa e se espraia por todos os continentes. Onde existam agrupamentos humanos, encontramo-las, segundo o geógrafo russo.

Mais do que uma simples questão de escolha (o que leva às várias críticas anarquistas ou não, como veremos no próximo capítulo), o ser humano, como a parte consciente da Natureza, vai utilizar esse expediente para a constituição e posterior manutenção de inúmeros territórios livres. É essa a tônica no trabalho de Kropotkin. Analisar esses territórios, destacar as suas sociabilidades e a luta constante de seus habitantes para que os princípios de apoio mútuo se mantivessem e proliferassem.

Ao destacar que isso ocorre em várias partes do mundo e em períodos históricos diferentes, Kropotkin almeja demonstrar que a solidariedade é um elemento essencial para que os seres humanos vivam em sociedade. Nunca ouvimos e nem ouviremos falar (exceto em fábulas) na existência de homens ou mulheres que viveram a vida em completo isolamento. É da própria ontologia humana ser um individuo social. Isso não significa que outras formas de organização mais centralizadas, hierarquicamente dispostas não existam. O egoísmo não é negado por ele. O que ele quer alertar é a supremacia de uma ideologia no auge da revolução industrial que desconsidera a união como um bem primordial para a manutenção da vida na Terra.

Se o capitalismo nega isso cotidianamente, se sua sociabilidade está baseada na competição e no lucro, não significa que na história ou mesmo no espaço-tempo contemporâneo não existiam outras

---

cures y los lives. La comuna aldeana en la India es bien conocida gracias a los trabajos de sir Henry Maine [...]. Las encontramos también en el ulus mongol, en la cabilla thaddari, en la dessa javanesa, en la kota o tofa malaia y, bajo diferentes designaciones, en Abissinia, Sudan, interior de África, en las tribus indígenas de ambas Américas, y en todas las tribus, pequeñas y grandes, de las islas de océano Pacífico."

sociabilidades contrárias a essa. Há uma luta constante entre a solidariedade e suas múltiplas territorialidades contra a sociabilidade capitalista e seu projeto que culmina no Estado-Nação. Muito embora, no caso europeu, o florescimento das cidades livres baseado no espírito de apoio mútuo predominasse até meados do século XIV, o fato é que essas ideias foram sendo apartadas. Isso se deveu, principalmente, ao fato de algumas ideologias que estavam relacionadas ao poderio romano ganharem força, bem como da aliança entre o clero e os doutores da lei (legisladores), que gerou uma camada social e intelectual capaz de ensinar uma nova forma de pensar entre os cidadãos, principalmente mais jovens.[5]

O fim da supremacia solidária não significou a extinção de quaisquer práticas territoriais livres. Entretanto, estas deixam de ter uma grande evidência e tornam-se escassas, quase sempre ligadas às camadas mais pobres. No momento contemporâneo de Kropotkin a presença de territorialidades comunais ainda é evidente em várias partes da Europa. O cotidiano hegemônico dominado pela propriedade privada convive com comunidades que utilizam a sociabilidade solidária. E não se trata de países com desenvolvimento capitalista ainda inicial, casos da Rússia, Espanha e Itália, mas de grandes centros industrializados como Alemanha, Inglaterra e França.

Nessas últimas nações, onde o capitalismo gerou igualmente um processo de modernização do campo, as comunas aldeãs ainda tentavam manter-se firmes, em que pese a existência de uma legislação contrária. Para o geógrafo russo, essa luta ocorria pois viver de forma comunal sempre foi a melhor opção para os seres humanos e, mesmo quando governantes e proprietários de terras atacavam essas comunidades, o espírito social se sobrepunha ao individual.

O que se evidencia nessas análises é que:

1) No período medieval, havia uma supremacia territorial das cidades livres sobre o poder de reis, aristocratas e outros

---

5 Mais detalhes sobre a dissolução das cidades livres, ver Kropotkin (1989, p.218-22).

governantes (barões e senhores feudais, por exemplo), marcada, inclusive, pela constituição de uma rede solidária que abrangia várias regiões da Europa.

2) Na época histórica posterior (Idade Moderna), essa territorialidade solidária foi sendo obliterada, visto que um poder centralizado e altamente hierarquizado ganhou força (formação de exércitos nacionais, direito romano, apoio do clero), tornando-se residual a organização mais comunalista.
3) No período contemporâneo de Kropotkin (século XIX), embora sobrante, ela se expressa de outras formas, como veremos a seguir, quando tratarmos dos operários e das populações de baixa renda.

Seja na Idade Média ou no momento em que Kropotkin vivia, as múltiplas territorialidades ganhavam forma e momentos de hegemonização. Essa hegemonia territorial estava intrinsecamente ligada a uma sociabilidade, solidária ou não, que determinava as próprias relações entre aqueles que nelas viviam.

O que é interessante nas análises de Kropotkin é a possibilidade da existência de sobreposições de territorialidades (Fernandes, 2009),[6] quando junto à territorialidade dominante convivem em eterno conflito outras territorialidades. Então, coexistem dois processos dinâmicos nos trabalhos de Kropotkin sobre a presença do apoio mútuo entre as várias formas temporais e espaciais humanas:

1) Sociabilidade: processo que expressa uma dada organização interna de seus indivíduos, sendo que, quanto menos hierárquica e mais democrática for essa tendência, mais a solidariedade será o seu principal eixo constituinte.
2) Territorialidade: em que pese não falar abertamente em territorialidade, Kropotkin discute a formação de um princípio

6 Como destaca o autor: "O território do Estado é uma totalidade mas não é totalitário. [...] O Estado e seu território são disputados pela instituições também por meio de seus territórios" (Fernandes, 2009, p.202).

territorial. Esse princípio seria, por exemplo, a constituição de uma comuna aldeã descentralizada e federalista, formada por uma sociabilidade solidária.

O importante é perceber que não existe territorialidade sem sociabilidade e a sociabilidade apenas se expressa por um princípio territorial que chamo aqui de territorialidade. Nesse sentido, não é possível analisarmos as várias discussões sobre o apoio mútuo sem realizar essa pequena reflexão. Quando fala de um princípio territorial, Kropotkin expressa que a presença de uma sociabilidade solidária é inerente a ele.

O apoio mútuo nos diversos espaços e momentos históricos significa também a luta constante entre aqueles que querem viver em uma sociedade mais libertária, organizada federativamente com outras nessa mesma situação, contra os que defendem privilégios e a centralização do poder. Até aqui, percebemos claramente essa divisão. Em alguns períodos, prevalece uma sociabilidade solidária que se expressa em uma territorialidade mais comunal, caso das cidades medievais, muito embora o poder dos soberanos tente miná-la e impor outra mais centralista e baseada na propriedade privada. Em um momento posterior, essa sociabilidade solidária é substituída, diga-se de passagem, não inteiramente, por uma mais hierárquica, regida por leis e territorialmente expressa pela propriedade individual. Nesses dois casos, vislumbramos a coexistência de dois modelos de organização social: um baseado no apoio mútuo e outro na competição. Essa existência não é pacífica, porque os interesses de um não se coadunam com o de outro.

A análise não finda na existência dessas territorialidades. É interessante perceber que existe uma terceira forma de expressão territorial, não mais ligada a uma disputa por hegemonia, mas sim em uma sociabilidade que, embora não se expresse concretamente como no caso das cidades medievais, está sempre presente entre as camadas mais pobres. Isso ocorreu, principalmente, no século XIX, no período da revolução industrial, e está vinculada aos processos urbanos, diferente do que até agora vimos, predominantemente

agrários. Essa territorialidade pode ser compreendida como simbólico-cultural (Costa, 2004),[7] visto que surge nas relações sociais de alguns grupos específicos e está pautada pela crítica aos valores dominantes.

Ao analisar a sociedade inglesa, Kropotkin percebe que, onde a sociabilidade do capital predomina (luta pela competição, busca desenfreada pelos lucros), caso de algumas cidades, como Manchester, entre os estratos mais pobres economicamente ocorre uma sociabilidade anticapitalista. Esta não é hegemônica, mas está presente nas lutas cotidianas, nos vários momentos de lazer, aparecendo como um sentimento de apoio, amizade que transcende pura e simplesmente a questão familiar.

Essa territorialidade solidária entre os operários e aqueles que moravam nos subúrbios das cidades industriais inglesas é analisada por Kropotkin quando ele vai discutir o apoio mútuo na sociedade moderna. No caso dos operários, essa territorialidade está personificada no surgimento dos órgãos de defesa contra a exploração do capital.

Para o geógrafo russo, caso predominasse o espírito individualista entre todos os homens, independente do tempo histórico ou do espaço, como queriam alguns darwinistas, esses trabalhadores não se entenderiam como uma única classe explorada, com as mesmas mazelas e demandas. Não se uniriam, aumentando mais ainda o seu estado de penúria. Logo, a formação dessas entidades de classe e a sua luta contra o projeto socioeconômico dominante era para ele a demonstração cabal de que, em momentos de grandes dificuldades, as pessoas tendem a se unir em busca de um objetivo comum.

Um fato interessante nesse pensamento é que essas lutas sociais, como greves e manifestações, ocorrem em praças públicas, ruas e grandes avenidas, quando colunas de trabalhadores circulam exigindo melhores condições de trabalho, aumento de salários, entre

7 Conforme Costa (2004, p.40): "cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido".

outras pautas. Os sindicatos, como agremiações corporativas, buscam a união de todos os indivíduos que possuem a mesma formação laboral, criando uma sinergia entre eles que se expressa nessas movimentações. Entretanto essa luta ainda está calcada em um único agrupamento corporativo. Conforme as demandas econômicas e sociais não são atendidas, outras corporações socorrem uma coirmã que necessita somar forças para conquistar seus objetivos mais imediatos.

Quando dezenas de corporações se aglutinam para que o espírito solidário se fortaleça, ocorrem as greves de solidariedade:

> [...] cada ano na Europa e na América se produzem milhares de greves e demissões em massas, e as assim chamadas "por solidariedade", provocadas pelo desejo dos trabalhadores de apoiar aos companheiros despedidos do trabalho ou para defender os direitos de suas uniões, são as que se destacam pela sua essencial duração e severidade. (Kropotkin, 1989, p.261, tradução nossa)[8]

Então percebemos a ampliação de uma territorialidade solidária local e ligada a uma entidade específica para outra, muito mais forte, porque consegue aglutinar muito mais trabalhadores, inclusive de ramos econômicos diversos. E com essa ampliação setorial, especialmente, essas ações solidárias ocorrem em locais muitas vezes distantes entre si, pontuando a formação de uma rede territorial solidária de sindicatos.

Embora não discuta detalhadamente essa expansão entre os operários, o fato é que, em outros momentos da história, Kropotkin

---

8 *"[...] cada año, en Europa y América, se producen miles de huelgas y despidos en masa, y las así llamadas huelgas, 'por solidaridad', provocadas por el deseo de los trabajadores de apoyar a los compañeros despedidos del trabajo o bien para defender los derechos de sus uniones, son las que se destacan por su esencial duración y severidad."*

percebe a formação dessas redes: a territorialidade solidária se expressando por uma federação de corporações.[9]

A grande diferença das corporações medievais para as operárias é que, na sociedade moderna, essa rede solidária de territorialidades tem como principal exemplo a luta dos setores mais espoliados da sociedade contra uma organização social e econômica toda ela determinada pelos desejos e paixões dos grandes industriais. Derivadas dessa organização trabalhista e sua posterior unidade em uma ação federativa surgem em diversos centros industriais outras experiências solidárias, como teatros, escolas, bibliotecas, piqueniques baseados na territorialidade mutual. Nesses verdadeiros equipamentos urbanos autogestionários, cotidianamente se promovem encontros que servem para reforçar os laços de amizade, construindo uma sociabilidade anticapitalista, que tem na greve apenas um dos seus mais importantes momentos.

Se os valores individualistas que levam a uma luta entre os seres humanos, ao lucro desenfreado e à meritocracia são dominantes nas cidades monopolizadas pela ação do capital, nos estratos mais organizados da classe operária busca-se sempre a realização de valores que estejam mais ligados ao apoio mútuo, à solidariedade, à amizade e ao respeito ao indivíduo. Uma sociabilidade solidária contra a sociabilidade individualista. Ambas se corporificam no território e propiciam um embate cotidiano, às vezes até violento (como nas greves, manifestações de rua, ocupações de fábricas)

Interessante que para Kropotkin os sindicatos e as várias agremiações defensoras da classe operária e mesmo associações esportistas, culturais, econômicas conseguem significativos avanços sociais,

---

9 Sobre a existência de uma federação de cidades medievais diz: "*En las ciudades medievales, fue llamada a vida la federación de las comunas aldeanas, cubiertas por una red de guildas, hermandades, con ayuda de esta nueva forma de doble unión se alcanzaron resultados inmensos en el bienestar común, en la industria, el arte, la ciencia, en el comercio*" [Nas cidades medievais, foi chamada à vida a federação das comunas aldeãs, cobertas por uma rede de guildas, irmandades, com a ajuda desta nova forma de dupla união se alcançaram resultados imensos no bem estar comum, na indústria, na arte, a ciência, no comércio]" (ibidem, p.224, tradução nossa).

propiciando a formação de uma grande federação solidária capaz de, em várias situações, ter relevância no território de atuação.

> Semelhantes associações, naturalmente, não mudam a estrutura econômica da sociedade, muito embora, em essencial nas cidades pequenas, ajudem a nivelar as diferenças sociais, posto que tendem a unir-se em grandes federações nacionais e internacionais, e contribuem com o desenvolvimento das relações amistosas. (ibidem, p.269, tradução nossa).[10]

Outra abordagem sobre a sociabilidade solidária que se territorializa ocorre quando Kropotkin discute as populações mais pobres. Não as enquadrando como elementos constituintes da classe operária, fica patente que os indivíduos hiperproletarizados, pela própria necessidade de sobrevivência, cotidianamente se apoiam. Essa sociabilidade se apresenta nas ruas e quadras onde essa população mais carente mora, parecendo uma territorialidade solidária. Diferente da sociabilidade solidária que ocorria nas cidades medievais e semelhante àquela realizada pelas organizações de classe existente na indústria nascente, ela é simbólica e representa um questionamento à sociabilidade dominante.

Nesse espaço circunscrito à moradia, desenvolve-se uma troca comunal, um vínculo de amizade que procura trazer alento a uma vida repleta de dissabores. Embora as pessoas que ali vivam possam ser membros da classe trabalhadora, não significa que estejam vinculados aos seus órgãos de resistência. Como vimos anteriormente, esse vínculo institucional gera uma sociabilidade muito ligada aos interesses corporativos, quase sempre direcionados a uma luta contra a exploração do trabalho.

---

10 *"Semejantes asociaciones, naturalmente, no cambian la estructura económica de la sociedad, pero especialmente en las ciudades pequeñas ayudan a nivelar las diferencias sociales, y puesto que ellas tienden a unirse en grandes federaciones nacionales e internacionales, ya por esto contribuyen al desenvolvimiento de las relaciones amistosas."*

No caso das comunidades que vivem em bairros mais pobres, percebe-se que Kropotkin não as analisa sob um ponto de vista classista, mas procura demonstrar essas ações cotidianas como uma busca por uma vida melhor. Então, mesmo que pertençam à classe trabalhadora, não é esse o foco da análise dele, mas sim tentar compreender a presença de uma territorialidade não somente vinculada à luta, mas também ao cotidiano. Diz:

> Sob o sistema moderno de vida social, os laços de união entre os habitantes de uma mesma rua ou "vizinhança" desapareceram. Nos bairros ricos das grandes cidades, os homens vivem juntos sem saber sequer quem é seu vizinho. Mas nas ruas e ruelas densamente povoadas dessas mesmas cidades, todos se conhecem bem e se encontram em contínuo contato. (ibidem, p.273, tradução nossa)[11]

Embora o sistema capitalista tenha conseguido impor a sua ética individualista aos vários estratos sociais e por isso seja hegemônico, ele não destrói totalmente essa sociabilidade mais solidária. E aparece nas franjas da sociedade capitalista, nos chamados subúrbios ou arrabaldes, onde o cotidiano significa, quase sempre, um momento de sofrimento. Lá, simbolicamente e silenciosamente, transparece uma sociabilidade anticapitalista, permeada de valores humanitários, próprios daqueles que precisam se unir para conseguir sobreviver.

Essa sociabilidade se expressa na troca comercial sem lucro entre os vizinhos, no cuidado do filho da mãe que necessita trabalhar fora, na limpeza do espaço para que as ruas sejam transitáveis e agradáveis etc. Uma sucessão de eventos ocorre gerando um território a parte, ainda que momentaneamente. Enquanto nas fábricas próximas, a relação social é hierárquica, a competição é a norma, os ataques

---

11 *"Bajo el sistema moderno de vida social, todos los lazos de unión entre los habitantes de una misma calle o 'vecindad' han desaparecido. En los barrios ricos de las grandes ciudades, los hombres viven juntos sin saber siquiera quién su vecino. Pero en las calles y callejones densamente poblados de esas mismas ciudades, todos se conocen bien y se encuentran en continuo contacto."*

pessoais são comuns, nesse pequeno espaço e tempo predomina outra sociabilidade, muito mais solidária. E isso ocorre por um motivo bem simples. Aceitar passivamente a sociabilidade do capital é compartilhar nas ruas e quarteirões mais pobres um modelo de vida mais individualista. É aceitar o próprio perecimento dessa parte da sociedade organizada. Então, a sociabilidade mutual não está em toda a cidade. É dominante em um pedaço da urbe. Como afirma Kropotkin (ibidem, tradução nossa): "Entre os pobres, o meu e o seu se distinguem muito menos do que entre os ricos".[12]

Podemos pensar que é próprio dos pobres serem mais solidários. Na verdade o que Kropotkin que alertar em seu trabalho é que, onde as necessidades exigem, a luta é substituída pela solidariedade. Tanto assim que não nega que essa sociabilidade poderia surgir entre os ricos. Entretanto, isso não ocorre pois: "[...] também entre os ricos, deixando de lado um pouco a mesquinhez e os gastos irracionais, no círculo da família e dos amigos, observa-se a mesma prática de ajuda e apoios mútuos dos pobres" (ibidem, p.278, tradução nossa).[13] O sistema do capital tem a sua ética impregnada na vida das pessoas. Entretanto ela não é soberana. É isso que vemos na obra do geógrafo russo.

Nos locais de moradia das famílias mais pobres e nos sindicatos de resistência contra o capital, predomina outra sociabilidade que se expressa territorialmente nas lutas cotidianas (manifestações de rua, greve) ou no dia a dia (troca de alimentos, cuidado com as crianças). Embora simbólica é perceptível a sua existência. E, sendo contrária aos valores dominantes, propicia o surgimento de uma ética solidária contra-hegemônica.

Diferente do que ocorria anteriormente na idade medieval, quando as sociabilidades "disputavam" territórios, quando a comuna aldeã combatia os interesses privativos de poucos soberanos (principalmente em relação a terra), no mundo industrial, essa

---

12 *"Entre los pobres, lo mío y lo tuyo se distingue bastante menos que entre los ricos."*

13 *"[...] también los ricos, dejando de lado por una parte la mezquindad y los gastos irrazonables por otro, en el circulo de la familia y de los amigos se observa la misma práctica de ayuda y apoyo mutuos que entre los pobres."*

sociabilidade solidária não tem mais territórios a reclamar. Mesmo assim, está presente, viva e atuante, contrapondo-se ao modelo individualista e demonstrando que a luta pela sobrevivência, tão apregoada pelos darwinistas, não é necessariamente a única realidade.

Interessante é perceber que, no modelo industrial, o predomínio da sociabilidade do capital não é pleno. O proletariado urbano constrói uma ética solidária que se corporifica nas lutas cotidianas. O que Kropotin nos apresenta é que a ética comunal combate sistematicamente a sociabilidade individualista. Ela desconstrói a todo o momento uma determinada visão de mundo que tenta se tornar única. O impacto disso é que a promessa de um mundo novo assombra cotidianamente os donos do capital e do poder. Um mundo no qual as ideias de apoio mútuo sejam o seu princípio norteador.

A sociabilidade de expressão territorial solidária é forte e fundamenta essa esperança de dias melhores nas classes mais populares. É como se os trabalhadores e trabalhadoras dissessem aos seus patrões que não aceitam a sua ideologia burguesa, que ela não lhes serve e que detêm para si outra maneira de compreender o mundo. Isso não é qualquer coisa. É uma clara demonstração de rebeldia contra os valores comumente aceitos pela classe dominante como "normais".

Enquanto ao capital interessa defender e apresentar como inexorável aos indivíduos, ricos ou pobres, a exploração do homem, o regime do salário, a meritocracia, a hierarquia nas suas diversas formas, o centralismo nas decisões, cabe ao proletariado organizado ou não desmanchar essas falácias ideológicas. E isso só é possível se ele defender somente o que é próprio da sua constituição como classe social antagônica ao sistema social dominante. Contra a exploração do homem, a solidariedade; contra o regime de salário, propor o comunismo; em vez da meritocracia individual defender o apoio mútuo; e contra a hierarquia e o centralismo, a autonomia, a autogestão e o federalismo.

É assim que o geógrafo russo percebe as diversas territorialidades existentes. De um lado, uma territorialidade autoritária, excludente e individualista, defendida pelos poderosos; e de outro lado, uma mais descentralizada, fluída, solidária e combativa. A batalha entre

as duas é constante. Quando a supremacia da sociabilidade do capital torna-se quase absoluta, quando os trabalhadores a aceitam e dispensam as suas formas de organização, percebemos um claro enfraquecimento da organização dos trabalhadores, a transformação dos sindicatos em empresas, a meritocracia como uma única verdade e os modelos autoritários como paradigmas.

Nos dias de hoje, quando a sociabilidade capitalista parece ser suprema, focos de resistência teimam em aparecer. Eles estão nas manifestações de rua de grupos autônomos (Movimento Passe Livre, por exemplo), na ocupação de escolas (na auto-organização que leva ao rodízio de funções) ou nas periferias das grandes cidades, onde o cotidiano insalubre exige a solidariedade dos mais pobres.

O recuo da territorialidade solidária não significa a vitória de uma ideologia calcada na submissão. Mas pode demonstrar às camadas mais pobres que usar as armas que os mais ricos e poderosos oferecem como neutras (democracia representativa, meritocracia, exploração do semelhante) não trarão nunca as transformações sociais necessárias para a construção de um mundo mais justo.

6
Anarquismo e ciência nas críticas às propostas kropotkinianas

Nesse capítulo buscaremos apresentar as principais críticas que Kropotkin recebeu, seja no que tange à sua concepção de anarquismo (anarcocomunismo) ou na sua teoria do apoio mútuo. Para ele, o anarquismo e a ciência caminhavam conjuntamente, defendendo que as ideias de um comunismo libertário futuro seriam totalmente factíveis.

O anarcocomunismo, expressão máxima de uma organização social sem salários, moeda, hierarquias e Estado, seria o ápice de uma sociedade moderna, democrática e igualitária. O apoio mútuo, seu principal eixo científico, era um dos substratos da natureza, o que demonstrava a superioridade desta filosofia social sobre as anteriores.

A confiança de Kropotkin em um futuro libertário se respaldava na sua crença, quase cega, na moderna ciência do século XIX. Se a análise dos dados realizada por um pesquisador sério e comprometido com um método gerasse uma lei própria, nada seria capaz de obstaculizar o processo de transformação.

Como vimos, sua luta era demonstrar que o apoio mútuo possuía uma base científica, pois assim seria aceito pelos pares acadêmicos, pois estaria calcado em profundas investigações e não resultado de hipóteses vazias, sonhos quiméricos. Ao fundamentar suas ideias ácratas e de apoio mútuo por um meio de um método, acreditava que

o anarcocomunismo e seu principal suporte organizacional (apoio mútuo) saltariam da posição marginal, comum às ideias socialistas, para a de um círculo de debates mais erudito. Entretanto, o que poderia ser visto como vitória de uma filosofia social contra as propostas científicas que defendiam um mundo desigual e hierárquico transformou o anarquismo na sua vertente comunista em mais do que corpo de ideias em construção contínua.

Mesmo que a luta social, em algum momento, arrefecesse, que as organizações operárias refluíssem, a experiência solidária detectada na natureza era uma prova consistente de que uma mudança de paradigma societário (do competitivo para o mutualista) ocorreria em breve. Nesse sentido, a educação libertária seria a promessa de que um ensino menos hierárquico formaria homens novos, que tomando consciência das desigualdades econômicas e sociais, transformariam a sociedade de classes, base do capitalismo, em outra mais humanizada.

Esse otimismo de Kropotkin foi motivo de críticas veementes de importantes anarquistas. Inclusive daqueles que como ele defendiam o anarquismo de caráter comunista. É o caso do italiano Errico Malatesta, figura proeminente no anarquismo mundial, sendo, além de importante teórico, grande entusiasta da prática antiautoritária. Exilado a maior parte de sua vida, não abandonava as suas ideias ácratas e fundava constantemente jornais operários onde buscava abrigo, contribuindo de forma colossal para o surgimento dos sindicatos revolucionários.

Conhecendo Kropotkin desde a juventude, percebeu a importância do geógrafo para a divulgação das ideias antiautoritárias sem se furtar, entretanto, das críticas necessárias para que efetivamente ocorresse a consecução desse ideal. Embora afirmasse em um artigo escrito quase no final de sua vida que não tinha condições acadêmicas de contrariar os aspectos científicos da obra o geógrafo russo, questiona a exagerada base positivista dela:

> Naturalmente, logicamente, se a vontade não tem nenhuma importância, se não existe, se tudo é necessário, não pode ser de outra

> maneira, que as ideias de liberdade, de justiça, de responsabilidade não teriam nenhuma significação, não corresponderiam a nada real. [...] Kropotkin, que era muito severo com o fatalismo histórico dos marxistas, caía no fatalismo mecânico que é muito mais paralisador. (Malatesta, 1931, p.579, tradução nossa)[1]

Nesse pequeno fragmento, percebemos que a crítica de Malatesta se dirige quase que totalmente à esperança exagerada de Kropotkin no surgimento de uma sociedade socialista, processo de transformação social que seria inexorável. Para o anarquista italiano, o geógrafo colocava em um segundo plano uma ação social planejada, aquela que de fato levaria à efetivação de uma sociedade sem classes.

Foi uma crença quase que absoluta na ciência que levou Kropotkin a defender o apoio mútuo e o anarcocomunismo como intrínsecos à evolução humana. Entretanto, como um contradito à sua própria proposição teórica, Kropotkin não ficava em seu escritório esperando a anarquia chegar. Como relata Malatesta:

> Depois de ter dito que a "anarquia é a concepção do universo baseada na interpretação mecânica dos fenômenos que abraça toda a natureza, incluso a vida das sociedades" (confesso que não entendo o que isso possa significar), Kropotkin esquecia, como se ela nada significasse, a concepção mecânica e lançava-se à luta com o ânimo, o entusiasmo e a confiança de alguém que acreditava na eficácia de sua vontade e esperava poder, por sua atividade, obter ou contribuir a obter o que desejava. (ibidem, p.580, tradução nossa)[2]

---

1 *"Naturalmente, lógicamente, si la voluntad no tiene ninguna potencia, si no existe, si todo es necesario o puede ser de otra manera, las ideas de libertad, de justicia, de responsabilidad no tienen ninguna significación, no corresponden a nada real. [...] Kropotkin, pues, que era muy severo con el fatalismo histórico de los marxistas, caía en el fatalismo mecánico que es mucho más paralizador."*

2 *"Después de haber dicho que 'la anarquía es una concepción del universo, basada sobre la interpretación mecánica de los fenómenos que abraza toda la naturaleza, comprendida la vida de las sociedades' (confieso que no he acertado nunca comprehender lo que eso puede significar), Kropotkin olvidaba, como sí nada fuera, su concepción mecánica y se lanzaba a la lucha con el ánimo, el entusiasmo y la*

Malatesta aponta nesse fragmento a presença de um paradoxo na visão kropotkiniana de revolução. O apelo a um anarquismo de base científica, com todas as suas problemáticas, não faz Kropotkin ser pura e tão somente um anarquista teórico. A paixão acadêmica é na verdade a defesa intransigente de uma nova sociedade, um apelo à mudança social. Mesmo assim, o anarcocomunismo defendido por Kropotkin e por consequência o apoio mútuo são compreendidos como uma lei natural e, como quase todas as outras leis, derivam do pensamento científico do século XIX dominado pelo positivismo.

Para Malatesta, outro ponto problemático na obra de Kropotkin é a ideia de natureza. Ela é harmônica, permeada de valores solidários, no qual o apoio mútuo é o processo que une todos os seres vivos, determinando a existência de uma intensa relação de alteridade entre eles. Malatesta, de forma perspicaz, questiona essa natureza "bondosa", apontando, inclusive, uma importante reflexão para a ação anarquista:

> Kropotkin entendia a natureza como uma espécie de providência, graças a qual reina sobre tudo, inclusive nas sociedades humanas. [...] Poder-se-ia perguntar, se sua lei é harmônica, como ela esperou que viessem ao mundo os anarquistas e espera que eles triunfem para destruir as terríveis e mortíferas desarmonias de que os homens sempre padeceram? Não se estaria mais próximo da verdade dizendo que a anarquia é a luta das sociedades humanas contra as desarmonias da natureza? (ibidem, p.581, tradução nossa)[3]

---

confianza de alguien que cree en la eficacia de su voluntad y espera poder, por su actividad, obtener o contribuir a obtener lo que desea."

3 *"Kropotkin concebía a la Naturaleza, como una especie de Providencia, gracias a la cual la armonía debía reinar en todo, comprendidas las sociedades humanas. [...] Se podría preguntar, como la Naturaleza, si es verdad que su ley es la armonía, ha esperado que vinieran al mundo los anarquistas y espera aún que ellos triunfen para destruir las terribles y mortíferas inarmonías que los hombres siempre han padecido? No se estaría más cerca de la verdad diciendo que la anarquía es la lucha en las sociedades humanas contra las inarmonías de la Naturaleza?"*

Ele traz para dentro do movimento social um debate importante: Se a natureza e as sociedades humanas estão baseadas em princípios solidários, por que surgem os anarquistas e eles lutam por transformações radicais? A princípio tudo deveria estar em perfeita ordem. E avançando na reflexão, faz outro apontamento: se tudo está em perfeita ordem, equilíbrio, nem os anarquistas precisariam surgir... entretanto estão aí...

Malatesta, embora não fosse um intelectual no sentido estrito da palavra, trouxe importantes reflexões acerca da ideia de Kropotkin sobre natureza e apoio mútuo. Discordando de que a solidariedade é um princípio formador e intrínseco à natureza, ao homem e por consequência ao anarquismo, coloca ao movimento social uma reflexão: somente a organização e uma posterior ação dos anarquistas poderão ter um papel fundamental para a transformação da sociedade.

Para ele, o igualitarismo e a autogestão não são "espíritos puros" que na natureza esperam esclarecimento. São expressões de luta que se desenvolvem como estratégias do militante nos sindicatos e na promoção de centros de cultura, ateneus libertários, escolas racionalistas para que surja uma proposta ácrata possível.

Interessante anotar que o texto é de 1931, dez anos após a morte de Kropotkin e cinco anos antes da eclosão da Guerra Civil Espanhola, momento ímpar na história do anarquismo e dos anarquistas que só acreditavam na organização cotidiana dos trabalhadores.

Como vimos, Malatesta, grande amigo e companheiro de ideias de Kropotkin, realiza uma crítica muito mais centrada nos desdobramentos que alguns dos pressupostos defendidos pelo geógrafo trariam à organização dos anarquistas. Isso porque a ideologia anarcocomunista tinha expressiva influência sobre as principais organizações anarquistas, pautando as estratégias de luta dessas entidades, nos sindicatos, nas escolas, movimentos de bairro etc.

A grande preocupação do anarquista italiano era que um imobilismo na organização dos trabalhadores pudesse ocorrer, visto que algumas das defesas centrais na obra de Kropotkin geravam interpretações que apontavam a possibilidade de uma sociedade ácrata como algo bastante natural. Lutar contra essa tendência parece ser o

principal objetivo de Malatesta. Logo, a crítica se insere em um desejo de promover e incentivar, cada vez mais, a entrada dos anarquistas nos principais órgãos de defesa do operariado e, internamente, aplicar algumas das principais estratégias antiautoritárias, como a autogestão e o federalismo.

Outra importante crítica ao trabalho de Kropotkin foi realizada por Martin Buber, que questiona as ideias do geógrafo russo baseando-se em seus estudos sobre o socialismo utópico. Autor, influenciado pelo sionismo, procura apresentar uma nova forma de compreender a filosofia do cotidiano, o que ele chama de filosofia do diálogo.

Não sendo anarquista como Malatesta, Buber, que se autodenominava "socialista utópico", não tinha entre suas preocupações tecer comentários sobre a força das ideias kropotkinianas no movimento social. Seu principal objetivo era detectar traços utópicos nas principais teorias socialistas do século XIX e início do XX, desde Proudhon até Lenin, passando por Landauer e Marx.

Como crítico de fora do anarquismo, Buber enxergou as falhas de um sistema social que teria a pretensão de ser uma alternativa viável aos trabalhadores, bem como para uma melhor organização das sociedades humanas. Aponta alguns sinais de incoerência em nosso principal autor que procurou unificar as bandeiras de seus antecessores naquilo que posteriormente se conheceu como anarcocomunismo. O foco do debate continua sendo político como aquele realizado por Malatesta. Mas ao contrário do anarquista italiano que dizia não ter condições de avançar em uma querela mais acadêmica, Buber analisa algumas obras do geógrafo e localiza possíveis contradições.

Uma das críticas ao pensamento de Kropotkin se refere à concepção de Estado. Para os anarquistas de todos os matizes, o Estado aparece junto com o capital como a principal fonte de todas as desigualdades sociais, fomentador de hierarquias, subordinando, com uma intensa opressão, as populações mais pobres. Nesse sentido, seria inócua a tomada do Estado pelos trabalhadores, visto que, ao não destruí-lo, o poder seria mantido, fomentando continuamente

lutas intestinas, impossibilitando a formação de uma "verdadeira" sociedade socialista.

Quando da tomada do poder por Lenin na Rússia no final de 1917, Kropotkin deixou claro ao líder bolchevique que, se a ditadura fosse um meio útil para atacar e destruir o regime capitalista, ainda assim seria deletéria para a consumação de uma nova sociedade. Essa visão antiestatal ao extremo, segundo Buber, dificulta a apreensão de outras formas de poder estatal:

> O conceito de Estado de Kropotkin é, obviamente, muito limitado. Ele não hesita em identificar o Estado centralista com o Estado em geral. Na história, temos não apenas o Estado como torquês que destrói a essência das pequenas associações, mas também o Estado como estrutura dentro da qual estas se agrupam. (Buber, 2005, p.55)

Ao enquadrar todos os Estados dentro de uma mesma rubrica, Kropotkin estaria obliterando algumas nuances democráticas que esta instituição teria. Um exemplo é a defesa de Buber do Estado como arma dos trabalhadores contra a sanha incontrolável do capital por mais-valia.

Para Buber (ibidem), afirmar pura e simplesmente o lema *Si hay gobierno, soy contra* seria um contrassenso, visto que o Estado não tem sempre a mesma dinâmica, já que não é algo abstrato, mas uma instituição que funciona conforme os anseios de uma parcela da sociedade. Esse aspecto é interessante, pois, com a emergência dos chamados Estados sociais (não socialistas) ou *Welfare State*, a luta contra estes já não pode, segundo Buber estar baseada tão somente nas premissas de Proudhon, Bakunin e Kropotkin.

Percebemos um pouco dessa problemática quando Getúlio Vargas chegou ao poder em 1930 e começou a oficializar diversas exigências operárias (salário mínimo, férias, descanso semanal), criando um Estado corporativista com algumas demandas sociais. Para os trabalhadores que sempre desejaram a proteção do Estado, o momento foi oportuno, e eles lutaram para defender nele a presença de uma legislação trabalhista. Aos sindicatos de orientação

anarquista, para os quais o Estado era um mal a ser eliminado, não havia a possibilidade de aceitarem uma legislação social legalista.

Outra crítica importante de Buber (ibidem) ao trabalho de Kropotkin ocorre quando o geógrafo, em sua obra principal *O apoio mútuo*, vai discutir a formação de comunidades autodirigidas na Idade Média. Ao tratar a formação das guildas comunais como uma estratégia de organização mais livre dos artesãos, aborda a questão de uma forma equivocada. Diz Buber (ibidem, p.57):

> Na comunidade autônoma, principalmente quando esta intervém como associação na produção, o perigo do egoísmo coletivo, assim como da opressão e da cisão, dificilmente será menor do que na nação ou no partido. [...] Ele sabe, por exemplo (em *Mutual Aid*, 1902), que o movimento cooperativista moderno, cujo caráter, em suas origens, era essencialmente de ajuda mútua, muitas vezes degenerou num "individualismo de capital por ações", fomentando um "egoísmo cooperativo".

Nesse caso específico, Buber (ibidem) vai analisar que a compreensão kropotkiniana está totalmente baseada em uma dualidade, em termos absolutos, inexistente. Isso porque, quando ele analisa historicamente uma dicotomia entre liberdade e opressão, não percebe que existem traços opressivos nos quais vê apenas liberdade, e vice-versa. Para tentar dirimir isso, Buber acredita que ele poderia utilizar o método dialético serial de Proudhon, procurando perceber as "antinomias sociais" em vez de se pautar unicamente no confronto eterno entre a luta pela existência e o apoio mútuo.

Como apontamos, quando discutimos a relação entre a natureza e a sociedade em Kropotkin, quase sempre transparece uma necessidade contumaz do autor em tornar científico o apoio mútuo, destacando-o, às vezes, exageradamente. Era uma ação que tinha como objetivo diminuir a importância do mote que defendia a luta pela sobrevivência por outro mais solidário.

Para o filósofo judeu, Kropotkin, ao encontrar os valores solidários em diversos momentos históricos, acabou exagerando essa

presença. Ainda que Buber (ibidem) não tenha se aprofundado no debate kropotkiniano, principalmente no que tange ao seu aspecto científico (apoio mútuo *versus* luta pela sobrevivência), sua análise pode nos ajudar a refletir sobre a obra do geógrafo russo.

Outra crítica à obra kropotkiniana foi realizada por Gould, que, a partir dos estudos de Todes (1989), fez uma investigação sobre o impacto da visão do apoio mútuo entre os cientistas do século XIX e a relação que ela tinha com as propostas darwinistas. Para isso, buscou apoio nos principais acadêmicos russos que trabalhavam com a perspectiva evolucionista pautada no apoio mútuo, analisando de que forma essa concepção podia ser considerada um paradigma científico.

Uma das principais questões que Gould (1988) levanta é que a visão solidária da natureza incorre em um erro crasso: não existem aspectos morais que subsidiem o meio ambiente natural. Diz:

> A natureza (não importa quanto cruel seja em termos humanos) não tem nenhuma base para nossos valores morais. (A evolução pode ajudar-nos a explicar porque nós possuímos sentimentos morais, mas nunca poderá decidir o certo e o errado quando realizamos qualquer ação cotidiana). (ibidem, p.13, tradução nossa)[4]

Nesse trecho, vemos uma discussão que tem muita semelhança com algumas proposições de Huxley, para quem a natureza não é boa ou má. Os instintos existem como uma ferramenta de sobrevivência dos seres vivos. Delegar a eles algum valor humano dificulta a compreensão sobre o papel que eles têm na constituição dos seres vivos.

Ao defender o apoio mútuo, Kropotkin se inclui em uma plêiade de cientistas russos do século XIX que compreendem a luta pela sobrevivência darwinista como uma luta sanguinária, o que para Gould é uma má interpretação da teoria evolucionista de Darwin. É importante ressaltar que, em vários momentos do artigo, Gould (ibidem) não nega totalmente que o próprio Darwin possa ter escrito

---

4 *"[...] nature (no matter how cruel in human terms) provides no basis for our moral values. (Evolution might, at most, help to explain why we have moral feelings, but nature can never decide for us whether any particular action is right or wrong)."*

frases que demonstrassem uma luta sanguinária, mas destaca que o principal articulador de uma visão beligerante foi, como discutimos neste trabalho, T. Huxley.

Embora com a preocupação de fazer justiça a um autor pouquíssimo divulgado nos meios científicos norte-americanos e, quando citado, quase sempre referido como excêntrico (*crackpot*), Gould (ibidem) questiona dois pontos que considera fundamentais na obra de Kropotkin e que merecem uma maior atenção: o papel do apoio mútuo na seleção natural e a moralidade na natureza. Sobre a moralidade na Natureza, Gould (ibidem, p.20, tradução nossa) vai afirmar: "Desconfio de argumentos que encontrem bondade, mutualismo, sinergia, harmonia – os mesmos elementos que nós tanto nos esforçamos, e frequentemente com tão pouco sucesso, para ter em nossas vidas – na natureza".[5]

A análise da Natureza realizada com as lentes de um homem no qual a cultura ocidental está impregnada, mesmo que ele não queira aceitá-la, assenta-se em uma base valorativa. Com certeza, ao perguntar para uma pessoa de uma tribo que vive isolada nas regiões amazônicas ou no norte da taiga siberiana qual o entendimento que elas teriam sobre a natureza, as respostas poderiam ser completamente diferentes das que Kropotkin e outros cientistas deram, senão permeadas de significados simbólicos antagônicos àqueles discutidos.

Por isso Gould (ibidem) não acredita nas propostas holísticas de Capra ou de noosfera de Chardin como processos universais de entendimento da relação homem-natureza. Para ele, a natureza, como uma entidade pensante supra-humana, não tem preocupações maiores com uma espécie animal que teve um desenvolvimento tardio. Soa estranho, senão arrogante, o ser humano dizer o que a natureza é.

Em relação à importância do apoio mútuo no processo evolutivo, especificamente na seleção natural, Gould (ibidem, p. 20) comenta: "Ele cometeu um erro conceitual comum ao não compreender que a

---

5 *"I am especially wary of arguments that find kindness, mutuality, synergism, harmony – the very elements that we strive mightly, and so often unsuccessfully, to put into our own lives – intrinsically in nature."*

seleção natural é um debate sobre vantagens e desvantagens para os indivíduos, muito embora eles possam lutar".[6] A seleção natural não seria uma luta encarniçada entre os seres vivos para que, por meio da vitória do mais forte, se gere descendentes. A luta pela sobrevivência não é pura e simplesmente um indivíduo matar o seu oponente, mas também procurar mecanismo de combate e defesa, arregimentar estratégias, construir melhores condições de adaptação.

Interessante anotar que Gould (ibidem) admite as análises de Kropotkin e a importância delas. Acha, inclusive, que tantos os darwinistas clássicos como os russos exageraram na forma de compreender a natureza. Quem disse que na competição não existem momentos nos quais a cooperação entre os indivíduos seja também importante e crucial para a sobrevivência dos seres vivos? É essa a questão que o paleontologista americano nos deixa sobre uma disputa científica que ainda tem muito a contribuir para uma correta apreensão de um tema tão complexo, intrigante e permeado de inclinações ideológicas.

Por fim, apontaremos algumas perspectivas sobre o apoio mútuo e a concepção anarcocomunista a partir de autores citados por Oved (1992). Em seu trabalho *The Future Society According to Kropotkin* [A sociedade futura de Kropotkin], demonstra de que forma a teoria do apoio mútuo poderia ser um guia para a implementação de sociedades autogestionárias, caso da revolução espanhola de 1936.

Embora, na maior parte de seu artigo Oved (ibidem) enxergue grande potencialidade na obra do geógrafo russo, é explícito que, em vários momentos, desconfia da real efetividade dessas ideias. Quando procura criticar o autor, recorre a alguns economistas e cientistas naturais a fim de que essas apreciações tenham alguma estrutura metodológica. Um exemplo importante é quando diz acreditar piamente na formação de pequenos grupos autogestionários que se federalizariam conforme a necessidade do processo revolucionário.

---

6 *"He [Kropotkin] did commit a common conceptual error in failing to recognize that natural selection is an argument about advantages to individual organisms, however they may struggle."*

Utilizando as análises de Tuganbaranovski, vai dizer: "O economista russo Tuganbaranovski criticou a perspectiva econômica de Kropotkin apontando uma falta de teorização sobre os mecanismos de coordenação e de direção" (ibidem, p.317, tradução nossa).[7]

Nessa análise, Oved aponta que a utilização das estratégias de organização derivadas do apoio mútuo seria suficiente para que as comunidades autogeridas funcionassem descentralizadas e solidárias entre si. A principal conclusão do autor é que, com o tempo, essas comunidades correriam o risco de existirem de forma egoísta e, logo, práticas de livre mercado tornariam a surgir. Para o historiador, a resposta kropotkiniana para a formação de uma sociedade socialista seria utópica e, somente com uma coordenação centralizada (como pedem os marxistas), uma organização mais solidária se efetivaria.

Esse mesmo entendimento possui o economista soviético Arlosov, quando afirma que:

> Seu trabalho [de Kropotkin] nunca terá a mesma importância, não importa o movimento, do que teve [os escritos de] Marx e Engels para a Social Democracia. Para isso se efetivar falta ainda diminuir o dogmatismo e estabelecer a verdade como algo único. (Arlosorov apud ibidem, p.317, tradução nossa)[8]

Interessante que o próprio Odev, embora se utilizasse nesse artigo de uma argumentação que era comum aos membros da intelectualidade soviética, no final desse trabalho vai demonstrar que a queda da União Soviética e do socialismo no leste europeu apontava a necessidade de que as ideias marxistas deveriam ser rediscutidas a luz desses importantes eventos históricos.

---

7 *"The Russian economist Tuganbaranovski criticized Kropotkin's overall economic outlook and pointed to the lack of a theory on the mechanism of coordination and direction."*

8 *"His work [Kropotkin's] will never have the same kind of legislative importance for any movement as [the writing of] Marx and Engels had for Social Democracy. For that purpose, it lacks a measure of dogmatism and does not presume to establish a single truth for everyone."*

Considerações finais

Esse trabalho procurou apresentar os principais aspectos da teoria do apoio mútuo tendo como interlocutor o príncipe Kropotkin, importante geógrafo e anarquista. Revelou uma face ainda quase desconhecida deste autor e, principalmente, as contribuições que este delegou à ciência geográfica, destacada nas suas preocupações na relação entre o homem e a natureza.

Para que conseguíssemos ter êxito nessa empreitada, percebemos a necessidade de se recuar um pouco no tempo e demonstrar que as ideias anarcocomunistas de nosso autor tinham como um importante ponto de referência o século XVIII, na figura do pensador inglês Willian Godwin.

Da mesma forma, para uma melhor compreensão da importância da teoria do apoio mútuo, identificamos a necessidade de melhor entendermos como essas ideias eram debatidas nos meios acadêmicos e científicos.

Pautamos nosso trabalho também em um resgate teórico que nos mostrasse a origem das ideias de Darwin e de seu principal divulgador, Thomas Huxley. Nesse específico caso, retornamos ao século XVIII e estudamos a obra magna de Malthus sobre a população, um dos principais suportes científico usado por Darwin e Huxley para justificar o seu mote da luta pela sobrevivência.

Os primeiros capítulos tiveram a incumbência de minimamente resgatar tanto as ideias de apoio mútuo quanto a da luta pela sobrevivência. No primeiro caso, voltando às ideias de Willian Godwin e, no segundo, às de Robert Malthus.

A contribuição de Piotr Kropotin para a Geografia aparece, principalmente, nas suas preocupações em questionar o caráter quase oficial dessa ciência, quando então era uma defensora dos nacionalismos e da divisão da humanidade em "raças". Pensando em uma ciência mais humanizada, Piotr Kropotkin delegou-nos um arcabouço científico totalmente baseado nas descobertas que seus antecessores e contemporâneos realizaram.

O fato de ser declaradamente anarquista não lhe trazia apenas questionamentos ou mesmo perseguições de caráter político. Na ciência, havia nesse momento, século XIX, uma tentativa totalitária de impor um modelo societário baseado na competição e no individualismo, o que significava para o geógrafo russo uma pífia participação nos principais debates. Mesmo assim, esse ostracismo foi sendo rompido por sua grande capacidade de demonstrar a força das suas ideias (anarquistas ou ligadas ao campo científico). Seja em revistas, palestras públicas ou debates em associações científicas, fica claro que a sua estratégia de ação não dissocia o anarcocomunismo da defesa do apoio mútuo.

Embora visto por muitos como um cientista excêntrico (Gould, 1988), o fato é que suas ideias foram importantes para se criar um contraponto ao modelo científico dominante, mesmo que posteriormente elas tenham sido praticamente esquecidas.

Esperamos que nosso principal objetivo tenha sido alcançado: demonstrar as contribuições do anarquista russo para a ciência geográfica, certificar que uma ciência social já despontava muito antes do surgimento das críticas marxistas e que um projeto de uma sociedade pautada na democracia, na liberdade e no igualitarismo não poderia estar desvinculado de uma visão científica mais generosa.

Referências

Fontes primárias

Nociones de Geografía Física de Odon de Buen. Barcelona: La Escuela Moderna, 1905. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/395208053/Nociones-de-Geografia-Fisica-de-Odon-de-Buen>. Acesso em: fev. 2019.

O Combate (1917), Centro de Documentação e Memória da Unesp, São Paulo.

Boletín de la Escuela Moderna (s.d.), Centro de Documentação e Memória da Unesp, São Paulo.

O Início (1915, 1916, 1923). Centro de Documentação e Memória da Unesp, São Paulo.

Bibliografia

ADHIKARI, M. Streams of Blood and Streams of Money: New Perspectives on the Annihilation of Herero and Nama Peoples of Namibia, 1904-1908. *Kronos. Journal of Cape History*, v.34, n.1, pp.302-20, 2008.

ANDERSON, B. *Sob três bandeiras* – anarquismo e imaginação anticolonial. Trad. Sebastião Nascimento. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. 299p.

ANDRADE, Manuel Correia. Geografia: Ciência da Sociedade. Recife: Editora UFPE, 2008.

BASSIN, M. Geographical Determinism in Fin-de-Siècle Marxism: Georg Plekhanov and the Environmental Basis of Russian History. *Annals of the Association of American Geographers*, v.82, n.1, 1992, p.3-22.

BITTENCOURT, C. *Pátria, civilização e trabalho*: o ensino de história nas escolas paulistas, 1917-1930. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de Política*. V.1. Brasília: Editora da UnB, 2011.

BUBER, M. *O socialismo utópico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

BUSQUETS, J. M. P. Ferrer e la tradición del pensamiento educativo libertario. In: *Ferrer Guardia y la pedagogía libertaria* – elementos para un debate. Barcelona: Icaria Editorial, 1977, p.13-58.

CALSAVARA, T. da S. *Práticas da educação libertária no Brasil*: A experiência da escola moderna em São Paulo. 271 fls. São Paulo, 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

CAPEL, H. *Geografia contemporânea*: Ciência e Filosofia. Maringá: Eduem, 2010.

CARONE, E. *Movimento operário no Brasil (1877-1944)*. São Paulo: Difel, 1979.

CLARK. J. F. M. The Ants Were Duly Visited: Making Sense of John Lubbock, Scientific Naturalism and the Senses of Social Insects. *The British Journal for the History of Science*, v.30, n.2, 1997, p.151-76.

CLARK, S. Anarchism and the Myth of the Primitive: Godwin and Kropotkin Studies in Social and Political Though. *Studies in Social and Political Thought*, n.15, 2008, p.6-25.

CLAEYS, Gregory. The "survival of the fittest" and the origins of social Darwinism. *Journal of the history of ideas,* n.2, vole, 61, 2000, p.223-240.

COLP JR, R. The Contact Between Karl Marx and Charles Darwin. *Journal of the History of Ideas*, v.35, n.2, 1974, p.329-38.

COSTA, R. H. da. *O mito da desterritorialização*: do "fim dos territórios" ao fim da multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

DARWIN, C. *A origem das espécies*. São Paulo: Martin Claret, 2014.

______. *A origem do homem e a seleção sexual*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

DENNIS, R. M. Social Darwinism, Scientific Racism and the Metaphysics of Race. *The Journal of Negro Education,* v.64, n.3, 1995, p.243-52.

DUGATKIN, L. A. *The Altruism Equation* – Seven Scientists Search for the Origins of Goodness. Princeton: Princeton University Press, 2006. 188p.

EDDY, B. Struggle or Mutual Aid: Jane Addams, Petr Kropotkin and the Progressive Encounter with Social Darwinism. *The Pluralist,* v.5, n.1, 2010, p.21-43.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. Disponível em: <https://www.britannica.com/>. Acesso em: 10 jul. 2015.

FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, M A; SPOSITO, E. S. (org.). *Territórios e territorialidades*: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FERRACINI, R. A. L. *A* África *e suas representações no(s) livro(s) escolar(es).* São Paulo, 2012. 231fls. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH-USP.

FOUCAULT, M.; CHOMSKY, N. *Natureza humana* – justiça e poder. O debate entre Chomsky e Foucault. Ed. Fon Elders. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 86p.

FOWLER, R. B. The Anarchist Tradition of Political Thought. *The Western Political Quarterly*, v.25, n.4, 1972, p.738-52.

FREGONI, O. R. *Educação e resistência anarquista em São Paulo*: a sobrevivência das práticas da educação libertária na academia de comércio Saldanha Marinho (1920-1945). São Paulo, 2007. 149fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica.

HARDMANN, F. F. *Nem pátria, nem patrão (vida operária e cultura anarquista no Brasil)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

GALOIS, B. Ideology and the Idea of Nature: The Case of Peter Kropotkin. *Antipode*, v.8, n.3, 1976, p.1-16.

GODWIN, W. *Investigaciones acerca de la justicia política*. Trad: J. Prince. Madrid: Ediciones Jucar, 1986.

______. Of Population: an enquiry concerning the power of increase in the number of mankind. London: Longman, Hurst, Rees, Orne and Brown, 1820.

GOULD, S. J. Kropotkin was no crackpot. *Natural History*, v.97, n.7, 1988, p.12-21. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/science/essays/kropotkin.htm>. Acesso em: 14 fev. 2019.

HALE, P. Labor and the Human Relationship with Nature: The Naturalization of Politics in the Work of Thomas Henry Huxley, Herbert George Wells and Willian Morris. *Journal of the History of Biology*, v.36, n.2, 2003, p.249-84.

HALL, M. The Royal Society in Thomas Henry Huxley's Time. *Notes and Records of the Royal Society of London*, v.38, n.2, mar. 1984, p.153-8.

HESKETH, I. *Of Apes and Ancestors*: Evolution, Christianity, and the Oxford Debate. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

HUXLEY, T. H. *Collected Essays.* V. III: *Science and Education*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

______. *Evolution and Ethics.* New Jersey: Princeton University Press, 2009.

______. *Collected Essays*. V.IX. London: MacMillan and Co., 1894.

JONES, G. Alfred Russel Wallace, Robert Owen and the Theory of Natural Selection. *The British Journal for the History of Science,* v.35, n.1, 2002, p.73-96.

KINNA, R. Fields of Vision: Kropotkin and Revolutionary Change. *Substance,* v.36, n.2, 2007, pp.67-86.

KROPOTKIN, P. *Escritos sobre educação e geografia.* São Paulo: Terra Livre, 2014.

______. *Apoio Mútuo* – um fator de evolução. Trad. Dinah de Abreu Azevedo. Porto Alegre: Deriva, 2012a. 285p.

______.Sobre o ensino da Fisiografia. Trad. Eduardo de Oliveira Rodrigues e Urubatan Nery. *Território Autônomo,* n.1, 2012a, p.69-81.

______. *El apoyo mutuo.* Cali: Ediciones Madre Tierra, 1989.

______. *A conquista do pão*. Trad. Manuel Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, 1975. 269p.

______. *Em torno de uma vida* – memórias de um revolucionário. Trad. Livio Xavier e Berenice Xavier. São Paulo: Livraria José Olympio, 1946. 472p.

______. *Ethics*: Origin and Development. London/Calcutta/Sydney: George G. Harrap & Co., Ltd, 1924. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_archives/kropotkin/ethics/toc.html>. Acesso em: 19 fev. 2019.

______. The Wage System. *Freedom Pamphlets,* n.1, New Edition, 1920. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/wages/wages.html>. Acesso em: 19 fev. 2019.

______. Direct Action of Environment and Evolution. *The Nineteenth Century,* v.85, 1919, p.70-89. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/directactionenv.html>. Acesso: 19 fev. 2019.

______. Inherited Variation in Animals. *The Nineteenth Century,* v.78, nov. 1915, p.1124-44, 1915. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/MutAid19CNov1915.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2019.

______. Inherited Variation in Plants. *The Nineteenth Century,* v.74, 1914, p.816-86. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/inheritedvarplants.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

______. Inheritance of Acquired Characters: Theoretical Difficulties. *The Nineteenth Century and After,* v.71, 1912a, p.511-3. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/MutAid19CMar1912.pdf>. Acesso: 15 fev. 2019.

______. *Modern Science and Anarchism*. London: Freedom Press, 1912b. Disponível em: <http://www.bibliotekacyfrowa.pl/Content/77403/

Kropotkin_P_Modern_Science_and_Anarchism.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

______. *The State*: Its Historic Role. London: Freedom Press, 1911.

______. Anarchism. *The Encyclopaedia Britannica,* 11th edition, 1910.

______. The Direct Action of Environment on Plants. *The Nineteenth Century,* v.68, 1910a, p.58-77. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/MutAid19CJuly1910.pdf>. Acesso: 19 fev. 2019.

______. The Response of the Animals to Their Environment. Part 1. *The Nineteenth Century,* v.68, dec. 1910b, p.1046-59. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/responseAntoEn.pdf>. Acesso: 19 fev. 2019.

______. The Theory of Evolution and Mutual Aid. *The Nineteenth Century and After,* v.67, jan. 1910c, p.86-107. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/MutAid19cJan1910.pdf>. Acesso: 19 fev. 2019.

______. Anarchist Communism, Its Basis and Principles. *London, Freedom Pamphlets,* n.4, 1909.

______. The Morality of Nature. *The Nineteenth Century and After,* v.58, 1905, p.407-26. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/MutAid19CMar1905.pdf>. Acesso: 19 fev. 2019.

______.The Ethical Needs of the Present Day. *The Nineteenth Century and After,* v.51, 1904, p.207-26. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/MutAid19CAug1904.pdf>. Acesso: 19 fev. 2019.

______. On the Teaching of Physiography. *Geographic Journal*, v.2, n.4, oct. 1893, p.350-9. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/teachinggeo.html>. Acesso: 19 fev. 2019.

______. The Coming Anarchy. *The Nineteenth Century and After*, v.22, n.126, Aug. 1887, p.149-64. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/coming.html>. Acesso: 19 fev. 2019.

______. The Scientific Basis of Anarchy. *The Nineteenth Century and After*, vol.21, Feb. 1887, p.238-58. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/kropotkin/SBA.html>. Acesso: 19 fev. 2019.

LA BLACHE, P. V. de. A geografia na escola primária [1943]. In: FERREIRA, R. (org.). *A geografia fora da sala de aula.* São Paulo: Editora Necrópolis, 2008. p. 11-22.

LEONARD, T. C. Origins of the Myth of Social Darwinism: The Ambiguous Legacy of Richard Hofstadter's Social Darwinism. *American Thought. Journal of Economic Behavior & Organization*, v.71, 2009, p.37-51.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. Estudo do meio: Teoria e prática. *Geografia,* Londrina, v.18, n.2, 2009, p.173-91.

MALATESTA, E. Pedro Kropotkin – recuerdos y críticas de uno de sus viejos amigos. *Revista Blanca,* v.IX, n.192, 1931, p.571-94.

MALTHUS, T. *Princípios de economia política e considerações sobre a sua aplicação prática. Ensaio sobre a população.* 2.ed. Tradução de Regis de Castro Andrade, Dibah de Abreu Azevedo e Antonio Alves Cury. São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Os economistas)

MAKOV, H. The Reception of Peter Kropotkin in Britain, 1886-1917. *A Quarterly Journal Concerned with British Studies,* v.19, n.3, 1987, p.373-90.

MARX, K. *A ideologia alemã* – Feuerbach. São Paulo: Hucitec, 1999. 160p.

MOREIRA, R. As novas noções do mundo do trabalho. XII ENG – Os Outros 500 na Formação do Território Brasileiro. Florianópolis, AGB, 2000. *Programas e Resumos...* pp.52-60

OSPOVAT, D. Darwin after Malthus. *Journal of the History of Biology,* v.12, n.2, 1979, p.211-30.

OVED, Ya´acov. The future society according to Kropotkin. *Cahiers du monde russe et soviétique,* v.XXXIII, n.2-3, 1992, p.303-320.

PADOVAN, D. Social Morals and Ethics of Nature: from Peter Kropotkin to Murray Bacchante *International Journal of Inclusive Democracy,* v.5, n.3, 1999, p.1-19.

PALEO, U. F. Cooperation versus Competition in Nature and Society: The Contribution of Piotr Kropotkin to Evolutionary Theory. *Radical Criminology*, n.1, 2012, p.67-81.

PEET, R. The Social Origins of Environmental Determinism. *Annals of the Association of American Geographers*, v.75, n.3, 1985, p.309-38.

PELLETIER, P. A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus. In: Élisée Reclus e a geografia das liberdades. São Paulo: Editora Imaginário, 2011. p.95-124.

PETERSEN, W. The Malthus-Godwin Debate, Then and Now. *Demography,* v.8, n.1, 1971, p.13-26.

RATZEL, F. O solo, a sociedade e o Estado. *Revista do Departamento de Geografia da USP*, v.2, 1983, p.93-101.

ROGERS, J. A. The Russian Populists' Response to Darwin. *Slavic Review,* v.22, n.3, 1963, p.456-68.

ROSEN, Frederick. The principal of population as political theory: Godwin's population and the Malthusian controversy. In: Journal of the history of the ideas, v.31, n.1, (Jan-Mar 1970), pp.33-48.

SPENGLER, J. Malthus on Godwin's "Of Population". *Demography,* v.8, n.1, 1971, p.1-12.

SPRINGLER, S. Why a Radical Geography Must Be Anarchist? *Dialogues in Human Geography,* v.4, n.3, 2014, p.249-70.

______. Anarchism and Geography: A Brief Genealogy of Anarchist Geographies. *Geography Compass*, v.7, n.1, 2013, p.46-60.

______. Anarchism! What Geography still Ought to Be. *Antipode,* v.44, n.5, 2012, p.1605-24.

STODDART, D. R. That Victorian Science: Huxley's Physiography and Its Impact on Geography *Transactions of the Institute of British Geographers,* n.66, 1975, p.17-40.

______. Darwin's Impact on Geography. *Annals of the Association of American Geographers,* v.56, n.4, 1966, p.683-98.

TODES, D. P. *Darwin without Malthus*: The Struggle for Existence in Russian Evolutionary Thought. [s.l.]: Oxford University Press, 1989.

WOODCOCK, G.; AVAKUMOVIC, I. *El príncipe anarquista*. Estudio biográfico de Piotr Kropotkin. Trad. Jose Manuel Alvarez. Madrid: Ediciones Jucar, 1978. 418p.

Este livro procura discutir as principais contribuições para a ciência do pensador russo Piotr Kropotkin, um dos principais intelectuais do anarquismo no fim do século XIX e início do século XX.

Embora respeitado no século XIX, ainda são escassos os debates sobre a obra de Kropotkin, principalmente sobre sua teoria do apoio mútuo e a influência que ela teria na organização dos seres vivos (incluindo os seres humanos). Relacionando suas pesquisas empíricas na Sibéria com a questão darwinista da "sobrevivência do mais capaz", Kropotkin percebe que, ao contrário do que afirmavam alguns evolucionistas, naquela região predominava uma "estranha" sociabilidade, na qual se destacava a solidariedade entre indivíduos de uma mesma espécie, que desse modo conseguiam levar vantagem sobre seus "inimigos" naturais.

Compreender a teoria do apoio mútuo e suas implicações no debate científico do século XIX permite-nos também perceber de que forma Kropotkin contribuiu para a constituição teórica de uma Geografia mais humanista, solidária e crítica.

Amir El Hakim de Paula possui graduação (1999), mestrado (2005), doutorado (2011) e pós-doutorado (2016) em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professor na Universidade Estadual Paulista (Unesp). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana e ensino de Geografia, atuando principalmente nos seguintes temas: história do pensamento geográfico, epistemologia da geografia, anarquismo e educação.